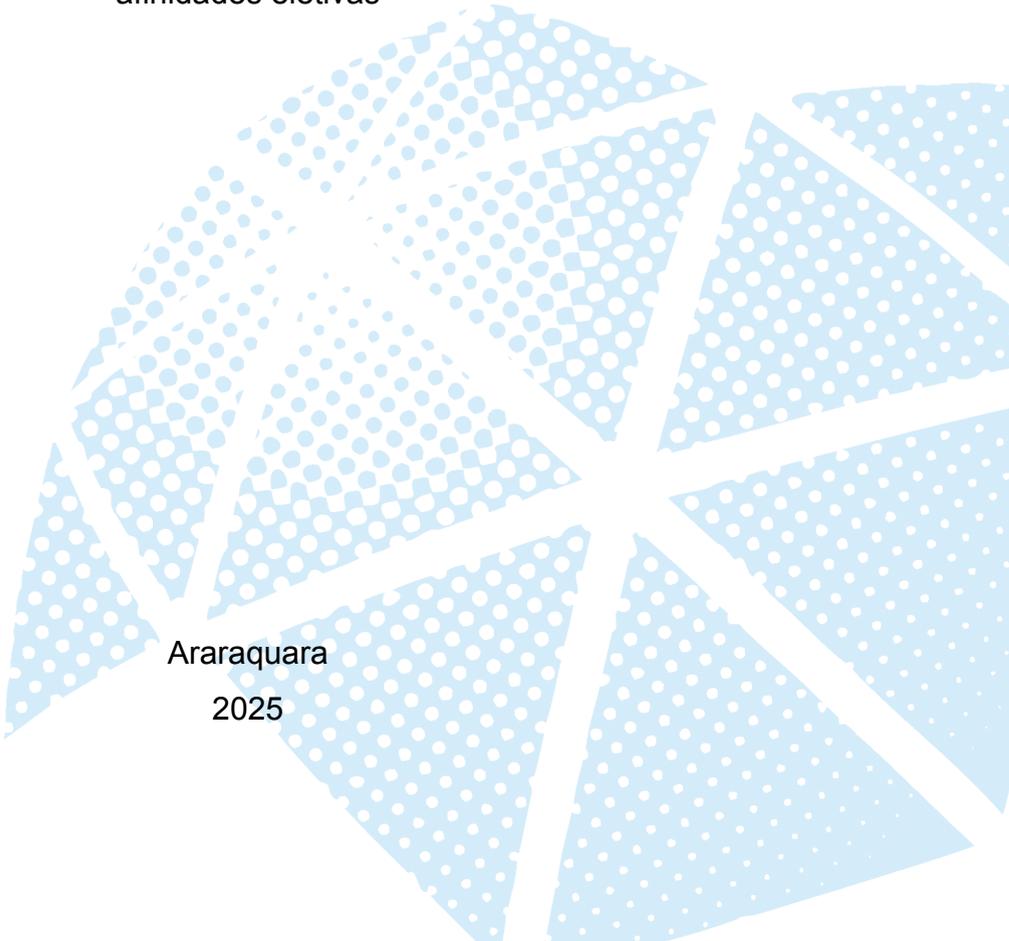


UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA - UNESP
Faculdade de Ciências e Letras - Campus de Araraquara

VINÍCIUS AZEVEDO

LENIN E A PEDAGOGIA HISTÓRICO-CRÍTICA:
afinidades eletivas

Araraquara
2025



VINÍCIUS AZEVEDO

LENIN E A PEDAGOGIA HISTÓRICO-CRÍTICA:
afinidades eletivas

Dissertação apresentada à Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara, para obtenção do título de Mestre em Educação Escolar.

Linha de pesquisa: Teorias Pedagógicas,
Trabalho Educativo e Sociedade

Orientador: Prof. Dr. Lucas André Teixeira

Araraquara

2025

A994l Azevedo, Vinicius
Lenin e a pedagogia histórico-crítica: : afinidades eletivas / Vinicius
Azevedo. -- Araraquara, 2025
146 f. : il., tabs., fotos

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista (UNESP),
Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara
Orientador: Lucas André Teixeira

1. Educação. 2. Marxismo. 3. Comunismo e educação. I. Título.

IMPACTO POTENCIAL DESTA PESQUISA

Essa pesquisa pode contribuir significativamente para a educação escolar e seu campo de pesquisa na medida em que propõe o enriquecimento do campo teórico da pedagogia histórico-crítica.

POTENTIAL IMPACT OF THIS RESEARCH

This research can significantly contribute to school education and its field of research insofar as it proposes to enrich the theoretical field of historical-critical pedagogy.

VINÍCIUS AZEVEDO

LENIN E A PEDAGOGIA HISTÓRICO-CRÍTICA:

afinidades eletivas

Dissertação apresentada à Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara, para obtenção do título de Mestre em Educação Escolar.

Linha de pesquisa: Teorias Pedagógicas, Trabalho Educativo e Sociedade

Data da defesa: 10/01/2025

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Lucas André Teixeira

UNESP - Faculdade de Ciências e Letras - Campus de Araraquara

Prof. Dr. Newton Duarte

UNESP - Faculdade de Ciências e Letras - Campus de Araraquara

Prof. Dr. Leonardo Kaplan

UERJ - Universidade do Estado do Rio de Janeiro

1º Suplente: Prof. Dr. Francisco José Carvalho Mazzeu

UNESP - Faculdade de Ciências e Letras - Campus de Araraquara

2º Suplente: Prof. Dr. Helio da Silva Messeder Neto

UFBA - Universidade Federal da Bahia

*Para minha mãe, com quem aprendi a ler.
Em memória de meu avô, que não pôde me ver mestre.*

AGRADECIMENTOS

Aos amigos e familiares;

Ao professor Lucas André Teixeira, orientador deste trabalho;

Aos professores Newton Duarte, Marisa Bittar, Leonardo Kaplan, Francisco José Carvalho Mazzeu e Helio da Silva Messeder Neto, membros da banca examinadora, seja na qualificação ou na defesa;

Às pessoas que se envolveram direta ou indiretamente na execução e apresentação deste trabalho.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

Bate teu tambor sem medo,
Depois beija a vivandeira!
Eis a ciência; e a dos livros,
Súmula mais verdadeira.

Tira o povo do torpor,
Toca o hino com veemência,
Marcha e bate teu tambor,
Eis aí toda Ciência.

É de Hegel a doutrina;
Suprassumo verdadeiro!
Entendi pois sou ladino,
E também bom tamboreiro.

– Heinrich Heine (2011, p. 251).



Lenin faz anotações nos degraus da tribuna em uma sessão do III Congresso da Internacional Comunista.
Kremlin, Moscou, julho de 1921 (Morizet, 1921).

RESUMO

A presente dissertação de mestrado aborda a incorporação do pensamento de Vladimir Lenin pela pedagogia histórico-crítica. A investigação justifica-se pelo entendimento de que as contribuições deste autor para a educação escolar e para esta pedagogia não estão devidamente esgotadas, resultando assim numa fonte teórica-prática ainda capaz de suscitar horizontes possíveis para o nosso tempo histórico. O objetivo principal nesta investigação é identificar e analisar as produções científicas da pedagogia histórico-crítica que estabelecem uma relação direta entre esta pedagogia e as contribuições de Lenin, permitindo-nos compreender como a pedagogia histórico-crítica se apropria das ideias de Lenin. Organizamos a exposição em três capítulos: no primeiro são evidenciados alguns dos aspectos do marxismo de Lenin; no segundo capítulo, destacamos a influência de Lenin na formulação da pedagogia histórico-crítica e apontamos as produções científicas que buscaram estabelecer pontos de ligação entre esta pedagogia e as contribuições de Lenin; por fim, no terceiro capítulo, apresentamos novas aproximações entre Lenin e a pedagogia histórico-crítica. Os resultados conclusivos apontam que os estudos da pedagogia histórico-crítica que dialogam diretamente com o pensamento de Lenin demonstram-se comprometidos com a luta política de socialização do conhecimento. Entretanto, esse compromisso precisa incorporar a luta política organizada à prática pedagógica e, igualmente, a prática política organizada à luta pedagógica, confluindo a prática social à inserção dos professores na luta de classes. Ao mesmo tempo, o processo de pesquisa revelou que o acúmulo teórico-metodológico desta pedagogia apresenta elementos que podem enriquecer a análise da produção lenineana no que se refere a abordagem pedagógica da educação escolar no contexto da Rússia pré e pós-revolucionária, principalmente em relação ao caráter político da socialização do conhecimento pela escola. Indicamos que as afinidades eletivas podem emergir da recombinação dialética entre esses dois elementos e assim, se por um lado existe uma contribuição de Lenin para pedagogia histórico-crítica, por outro, essa pedagogia oferece novas perspectivas para a análise de seu pensamento.

Palavras-chave: Vladimir Lenin; Pedagogia histórico-crítica; Marxismo e educação.

ABSTRACT

This master's thesis deals with incorporating Vladimir Lenin's thought into historical-critical pedagogy. The research is justified by the understanding that this author's contributions to school education and this pedagogy are not duly exhausted, thus resulting in a theoretical-practical source still capable of raising possible horizons for our historical time. The main objective of this research is to identify and analyze the scientific productions of historical-critical pedagogy that establish a direct relationship between this pedagogy and Lenin's contributions, allowing us to understand how historical-critical pedagogy appropriates Lenin's ideas. We have organized the presentation into three chapters: in the first, some aspects of Lenin's Marxism are highlighted; in the second chapter, we highlight Lenin's influence on the formulation of historical-critical pedagogy and point out the scientific productions that have sought to establish points of connection between this pedagogy and Lenin's contributions; finally, in the third chapter, we present new approaches between Lenin and historical-critical pedagogy. The concluding results show that the studies of historical-critical pedagogy that dialogue directly with Lenin's thought are committed to the political struggle for the socialization of knowledge. However, this commitment needs to incorporate organized political struggle into pedagogical practice and, equally, organized political practice into pedagogical struggle, bringing social practice together with the inclusion of teachers in the class struggle. At the same time, the research process revealed that the theoretical-methodological accumulation of this pedagogy presents elements that can enrich the analysis of Lenin's production in terms of the pedagogical approach to school education in the context of pre- and post-revolutionary Russia, especially about the political character of the socialization of knowledge by the school. We have indicated that elective affinities can emerge from the dialectical recombination of these two elements so that if, on the one hand, there is a contribution by Lenin to historical-critical pedagogy, on the other hand, this pedagogy offers new perspectives for the analysis of his thought.

Keywords: Vladimir Lenin; Historical-critical pedagogy; Marxism and education.

LISTA DE FIGURAS E ILUSTRAÇÕES

Ilustração 1. Etapas da constituição e tratamento de dados.....	24
Quadro sinóptico 1. O nexó entre guerra e política.....	59
Figura 1. Composição da capa do livro <i>A individualidade para si</i>	86

LISTA DE QUADROS

Quadro 1. Anais dos eventos da pedagogia histórico-crítica encontrados digitalmente (1997-2023).....	26
Quadro 2. Obras completas ou escolhidas de Lenin referenciadas neste trabalho.....	28
Quadro 3. Transliteração do alfabeto cirílico russo para o alfabeto latino.....	30
Quadro 4. Transliteração do alfabeto grego para o alfabeto latino.....	31
Quadro 5. Ocorrência da passagem “não há verdade abstrata, a verdade é sempre concreta” nos textos de Lenin.....	53
Quadro 6. O que estudou Lenin entre 1913-1915 segundo o volume 29 da OCE.....	69
Quadro 7. Ocorrência do termo “leninismo” nas obras de Lenin.....	76
Quadro 8. Aproximações entre Lenin e pedagogia histórico-crítica na revista <i>Germinal: marxismo e educação em debate</i> e <i>HISTEDBR On-line</i> (2009-2024).....	88
Quadro 9. Aproximações entre Lenin e pedagogia histórico-crítica nos eventos desta pedagogia (1997-2023).....	90
Quadro 10. Ocorrência da “curvatura da vara” nos escritos de Lenin.....	101

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AEC	Antes da Era Comum
AIT	Associação Internacional dos Trabalhadores
ANDE	Associação Nacional de Educação
BDTD	Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações
Bund	União Judaica Trabalhista da Lituânia, Polônia e Rússia
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CC	Comitê Central
EC	Era Comum
HISTEDBR	Grupo de Estudos e Pesquisas “História, Sociedade e Educação no Brasil”
IBICT	Instituto Brasileiro de Informação em Ciências e Tecnologia
IC	Internacional Comunista – Comintern/Komintern
IME	Instituto Marx-Engels
IMEL	Instituto Marx-Engels-Lenin
LCW	Lenin collected works
MIA	Marxists Internet Archive
OCE	Obras completas em espanhol
OCR	Obras completas em russo
OE3T	Obras escolhidas em 3 tomos
OE6T	Obras escolhidas em 6 tomos
OJS/PKP	Open Journal Systems/Public Knowledge Project
PCB	Partido Comunista Brasileiro

PCdoB	Partido Comunista do Brasil
PCR(b)	Partido Comunista Russo (bolchevique)
PHC	Pedagogia histórico-crítica
POSDR	Partido Operário Social-Democrata Russo
PSOL	Partido Socialismo e Liberdade
PSTU	Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado
PT	Partido dos Trabalhadores
SPD	Sozialdemokratische Partei Deutschlands (Partido Social-Democrata da Alemanha)
SRs	Partido Socialista-Revolucionário
UFES	Universidade Federal do Espírito Santo
Unicamp	Universidade Estadual de Campinas
URSS	União das Repúblicas Socialistas Soviéticas
USP	Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	17
1.1 Lenin como objeto de estudo.....	19
1.2 Critérios e procedimentos da seleção de dados.....	23
1.3 Critérios da seleção das obras de Lenin.....	27
1.4 Critérios da transliteração.....	28
1.5 Percurso do trabalho.....	32
2. O MARXISMO DE LENIN.....	34
2.1 Continuidade e descontinuidade no pensamento teórico-político de Lenin.....	34
2.2 Lenin e a dialética: retorno, redescoberta e renascimento.....	51
2.3 O marxismo depois de Lenin: “marxismo-leninismo”?.....	76
3. PEDAGOGIA HISTÓRICO-CRÍTICA E LENIN.....	84
3.1 A influência de Lenin na pedagogia histórico-crítica.....	84
3.2 Aproximações entre pedagogia histórico-crítica e Lenin.....	86
4. LENIN E A PEDAGOGIA HISTÓRICO-CRÍTICA.....	95
4.1 Teoria da curvatura da vara: origens e formulações.....	95
4.2 Apropriação do conhecimento científico e elevação cultural: imperativos de Lenin e da pedagogia histórico-crítica.....	107
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	117
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	120
a) Bibliografia geral.....	120
b) Dicionários e obras de referência.....	130
c) Obras de Lenin.....	131
d) Obras literárias.....	135
e) Pedagogia histórico-crítica e Lenin.....	136
APÊNDICES.....	138
APÊNDICE A – FICHAS DE LEITURA.....	139

1. INTRODUÇÃO

Hegel¹ (2014, p. 23 *et seq.*) indica no prefácio à *Fenomenologia do Espírito* a sua indisposição para prefácios e introduções por entender que a leitura da exposição já é a introdução progressiva ao tema; sua estrutura, dinâmica, determinações e argumentos vão se originar da lógica interna do próprio texto: a coisa revela-se nos caminhos e pelos caminhos percorridos. Idêntico modo, não é nos resultados últimos (poderíamos dizer, em nossos termos, nas “conclusões”) que a coisa se expressa verdadeiramente, mas na exposição, que unifica e apreende o conteúdo e solidez do tema abordado. Por esse motivo, consideramos pertinente a distinção proposta por Marx (2017, p. 90) entre o modo de investigação (a apropriação da matéria estudada em seus detalhes e nexos internos) e o modo de exposição (o movimento do real após consumada a investigação). As sinuosidades do percurso percorrido pelo pesquisador até o domínio do conteúdo só se revelam com relativo sucesso se a vida da matéria é idealmente refletida no trabalho, como se o conteúdo exposto tivesse sido encontrado pelo pesquisador já no ponto de partida, quando, na verdade, se trata do objeto concreto² apresentado.

Esse é o conteúdo subjacente à palavra μέθοδος/méthodos, junção de μέθρα/méta, preposição de muitos significados, “entre”, “com”, “no meio de”, “de acordo com” e ὁδός/odos, “caminho”. Se entendermos o método como o caminho que a investigação percorreu até a exposição, estaremos em acordo com os gregos, Hegel e Marx, e isso nos parece suficiente. Ao tratar especificamente do caminho, objeto desta nota introdutória, devemos recordar do fragmento de Heráclito (2017, p. 87), no qual o filósofo obscuro de Éfeso esboça a primeira concepção dialética dessa natureza quando afirma “caminho: para cima, para baixo, um e o mesmo”. O caminho de Heráclito não envolve mudança de lugar, mas trata-se de um processo lógico, ou traduzido em termos hegelianos, a mudança do ser para o não-ser e o reverso: a transição do ser e o retorno à pura negatividade do não-ser, o movimento na harmonia ideal imperturbada (Patrick, 1889, p. 7-8). Se por um lado “poucos conseguem prever aonde sua estrada os levará, até que cheguem ao seu fim”, como Tolkien (2021, p. 579) insere em sua literatura, é igualmente válido que o observador perspicaz

¹ Georg Wilhelm Friedrich Hegel, 1770-1831: filósofo alemão idealista objetivo, cuja dialética foi uma das fontes de Marx e Engels. O secretário de Goethe Johann Peter Eckermann (2016, p. 628) registra a conversa de Hegel com o autor de *Fausto* no qual o filósofo afirma que, no fundo, a essência da dialética é senão “o espírito de contradição, regrado e metodicamente educado, que habita qualquer ser humano, um dom que mostra toda a sua grandeza na distinção entre o verdadeiro e o falso”.

² Konder (1991, p. 28) chama atenção para o interessante fato que “concreto”, do latim *concretum*, participio passado de *con crescere*, já indica semanticamente que o concreto é “mais o resultado do que o ponto de partida do conhecimento”. Coube a Marx (2011, p. 54) seguir a semântica latina e constatar que em filosofia o concreto aparece no pensamento como processo de síntese, mais como resultado do que como ponto de partida.

consiga captar da exposição algo que diga sobre os caminhos e os movimentos do pesquisador.

Examinar Lenin do ponto de vista educacional, a partir de suas coletâneas temáticas³, em busca de imperativos para a didática⁴, o ensino, o currículo e a formação de professores, pode parecer um caminho correto. No entanto, se entendermos, genericamente, a formação ou instrução como pressuposto efetivo da educação, reconheceremos a didática como ferramenta essencial para alcançar os objetivos propostos pelo ensino, que se articula com o currículo, e por fim, reafirmaríamos a necessidade primordial de formar professores qualificados para tal tarefa. O autor em questão certamente teria algumas coisas a dizer, mas dificilmente as análises produzidas pelos pesquisadores ultrapassariam os limites da biografia “inspiradora” ou da história do passado que poderia ser futuro; quando muito, na melhor das intenções, tais análises poderiam flertar com posições anacrônicas. Acontece que se tomarmos como ponto de partida a produção de Lenin fracionada para os fins da educação estaríamos incorrendo em no mínimo dois erros: o mais explícito seria em compartimentar a produção teórica do revolucionário, e o segundo, menos aparente, em considerar a educação e seus elementos constitutivos fora de suas contradições, o que seria o mesmo que as tomar como abstrações sem determinações. É por esse motivo que partir da abstração pura e simples não conduz a outra conclusão senão àquelas igualmente abstratas, como no retorno ao começo sem qualquer enriquecimento.

Julgamos mais apropriado seguir o caminho que se inicia pelo tratamento do nosso objeto de estudo como uma totalidade, a qual denominamos “o marxismo de Lenin”, para buscarmos na formação de seu marxismo, as influências e tendências que, ao mesmo tempo, se manifestam e nele se escondem, um aceno de Kosik (1976, p. 12) a Heráclito (2017, p. 103), para quem o “surgimento já tende ao encobrimento”⁵. Ali estaremos diante de uma concentração de determinações concretas que o pesquisador deve apreender como síntese na análise e exposição; esse trabalho não pode ser feito sem admitir que o domínio ideal exerce uma forte influência (mas secundária) em relação ao modo material de existência (o *primum*

³ A título de exemplo podemos citar *Cultura e Revolução Cultural* (Lênin, Civilização Brasileira, 1968), *Sobre a educação* (Lenine, Seara Nova, 1977, 2 v.) e *A instrução pública* (Lênine, Edições Progresso, 1981).

⁴ Galvão, Lavoura e Martins (2019, p. 182) afirmam, parafraseando Lenin, “não existir a didática da pedagogia histórico-crítico [sic], mas sim uma didática concreta para cada situação de ensino concreta”.

⁵ O fragmento do original grego “φύσις κρύπτεσθαι φιλεῖ” foi corretamente traduzido como “[a] natureza ama esconder-se” (Heráclito, 1996, p. 101) ou similares (Costa, 2002, p. 198). Ao longo da história diferentes interpretações foram feitas desse fragmento de Heráclito, mas destacamos a interpretação do filósofo platonista Fílon de Alexandria (c. 20 AEC-70 EC), para qual “Arbor est secundum Heraclitum natura nostra, quae se obducere atque abscondere amat [é uma árvore, segundo Heráclito, nossa natureza, que ama cobrir e esconder-se]” (Patrick, 1889, p. 86, tradução nossa entre colchetes). Essa interpretação do filósofo alexandrino serviu possivelmente de inspiração para a tradução de Leão, citada acima.

agens, isto é, o primeiro agente, a causa primeira a qual se refere Engels⁶). E assim, mediado pela abstração, possibilita-se encontrar as categorias capazes de enriquecer a totalidade inicialmente caótica, um movimento fundamental para o desenvolvimento da exposição, quando as categorias utilizadas pela pedagogia histórico-crítica serão postas em conjunto com Lenin.

À medida que avançamos em nossa investigação sobre a articulação entre a pedagogia histórico-crítica e Lenin, notamos que o título da novela de Goethe, *As afinidades eletivas* (*Die Wahlverwandtschaften*, 1809), comporta o sentido e significado de nosso estudo ao lermos da pena do polímata alemão que há afinidade eletiva entre os elementos quando estes “procuram, atraem, prendem, aniquilam, devoram e consomem uns aos outros para ver que, do estado anterior de unidade visceral, surge uma nova e renovada configuração” (Goethe, 2014, p. 59). Assim como tomamos de empréstimo o título de Goethe para nosso estudo, o poeta, por sua vez, apropriou-se de um termo científico de longa tradição histórica que remete a antiguidade grega, quando Hipócrates (s.d, tradução nossa entre colchetes) anota em *De morbis popularibus* que “τό τε ὅμοιον ἐρχεται προς το ὅμοιον [o semelhante atrai o semelhante]”⁷. No século XVIII a afinidade eletiva adquire o significado tal qual Goethe empregou: o alquimista holandês Hermannus Boerhave define essa relação como “uma força em virtude da qual elas [a relação entre elementos] se procuram, se unem e se reconhecem”, seguido pelo químico sueco Torbern Bergman, que cunhou o termo *attractionis electivae* e o químico francês Guyton de Morveau, ao afirmar que por meio dessa ligação química os corpos “formam um ser que tem propriedades novas e distintas daquelas que pertencem a cada um desses corpos antes da combinação” (Löwy, 1989, p. 14-15; 2011, p. 13).

Encerrado essa breve reflexão metodológica, daremos sequência à descrição dos procedimentos, critérios e técnicas.

1.1 Lenin como objeto de estudo

Vladimir Ilitch Ulianov, Lenin, nasceu em Simbirsk (atualmente Ulianovsk) em 22 de abril de 1870. Foi o terceiro dos sete filhos do casal Ilia e Maria Ulianova, que haviam se estabelecido na cidade no ano anterior por conta do trabalho de Ilia, inspetor de escolas

⁶ O incansável Engels (1890, colchetes inseridos pela edição) escreve a Conrad Schmidt: “E se o homem ainda não descobriu que, se o modo material de existência é o *primum agens* [primeiro agente, primeira causa], isso não exclui que o domínio ideal exerça de novo sobre ele uma influência [Einwirkung] de reacção, mas secundária, ele não pode possivelmente ter compreendido o objecto [Gegenstand] sobre que escreve”.

⁷ A enciclopédia britânica *The Cyclopædia; or, Universal Dictionary of Arts, Sciences, and Literature*, editada por Abraham Rees (1805, p. 290) e publicada entre 1802 e 1819, contém no verbete “affinity” uma seção sobre a história da afinidade onde é recuperada a citação de Hipócrates.

públicas da região. A cidade fica na margem do Volga, rio de maior extensão da Europa, e antes de Lenin, o mais famoso nativo de Simbirsk fora o romancista Gontcharov⁸. Maria Ulianov era uma mulher culta, falava vários idiomas, era amante da música e da literatura, e foi responsável pela educação dos filhos. A família Ulianov possuía um piano, onde Maria Ulianov ensinava os filhos lições musicais, e uma grande biblioteca, onde ensinava o respeito e zelo pelos livros. Ela foi responsável por estimular Lenin na recepção quanto à cultura em geral, o apreço à música séria e o gosto pela boa literatura. Com Ilia, que era matemático e físico de formação, cuja reputação o inseriu como um intelectual local, homem esforçado e talentoso, Lenin aprendeu o xadrez e o desprezo pelo privilégio. O jovem Volódia (hipocorístico de Vladimir) se destacou na trajetória escolar, obtendo medalha de ouro ao final do ensino secundário e a primeira colocação entre 134 estudantes nos exames finais do curso de Direito da Universidade de São Petersburgo. Os cinco filhos dos Ulianov que chegaram à idade adulta atingiram o ensino universitário e todos foram revolucionários.

Os membros da *intelligentsia* russa⁹ e autores da literatura clássica se destacam nas preferências literárias de Lenin, enquanto seus compositores favoritos eram Beethoven¹⁰, Tchaikovski e Wagner; gostava de fazer exercícios físicos, tendo praticado patinação, escalada, esqui, natação, ciclismo, ginástica, tiro, caça e levantamento de peso. Ainda na adolescência, rompeu publicamente com a visão de mundo místico-religiosa, tornando-se ateu. Viveu nas principais cidades europeias e seu repertório linguístico era extenso: aprendeu latim, grego e eslavão antigo na escola, dominava o alemão, francês, inglês e outras línguas eslavas, estudou polonês, tcheco, sueco, italiano e sua última incursão foi no idioma búlgaro. Nas obras completas em 55 tomos, Lenin cita mais de 16 mil itens entre livros, brochuras, artigos, diários, documentos e cartas; a abundância linguística das fontes também é notável, com citações em mais de vinte idiomas. Uma rica coleção de mais de 10 mil livros e jornais, muitos deles obras literárias, compunham a biblioteca de seu escritório no Kremlin. Outros aspectos de sua personalidade também são alvo de distinção nas biografias e memórias daqueles que o conheceram: Lenin era marcado pela vida pessoal reservada, pontualidade, precisão, organização, boa memória e detestava trabalhos malfeitos. Defendia a liberdade de

⁸ Ivan Alexandrovitch Gontcharov (Иван Александрович Гончаров), 1812-1891: além de escritor, foi também funcionário público. Krausz (2017, p. 39) conta que o autor era apreciado pela família Ulianov.

⁹ Autores e críticos literários como Puchkin, Pissarev, Liermontov, Gogol, Turgeniev, Nekrassov, Saltikov-Chtchedrin, Herzen, Belinski, Tcherychevski, Tolstoi, Dobroliubov e Krilov figuram nessa lista. Alguns aparecerão na segunda seção do primeiro capítulo deste trabalho.

¹⁰ É célebre a passagem das memórias de Gorki (2021, p. 77) no qual o escritor russo narra as impressões de Lenin sobre *Appassionata*: “não conheço nada melhor do que *Appassionata*; gostaria de ouvi-la todos os dias. É uma música maravilhosa, sobre-humana. Sempre penso com orgulho – que coisas maravilhosas os seres humanos podem fazer!”. A sonata de Beethoven está disponível em: <https://bit.ly/3TO9Gjt>. Acesso em 22 mar. 2024.

costumes, mas nunca despertou simpatia por aqueles que eram atraídos para o movimento revolucionário em busca da liberdade individual desenfreada, tampouco por aqueles que por superficialidade e esnobismo “negavam tudo” (Krausz, 2017; Moniz Bandeira, 1985). Foi um marxista de grande envergadura, cujo rigor intelectual refletia a sofisticação e alcance do seu pensamento, bem como a formação cultural abrangente.

Lenin faleceu em 21 de janeiro de 1924, aos 53 anos, mas sua influência percorreu todo o século XX nos mais variados campos científicos e como potência política (Prashad, 2019). Lukács (2012, p. 89, colchetes inseridos), ao avaliar a unidade de pensamento de Lenin entre a teoria e a prática, pontuou que o referido pensador revolucionário pôde propor “uma teoria que se tornou prática [praktisch], uma teoria da práxis [Theorie der Praxis]”, que significou uma “liquidação decisiva de todo e qualquer utopismo, a realização concreta do conteúdo do programa de Marx”. O esforço de Lenin centrava-se, por consequência, na necessidade de compreender as contradições sociais presentes na sociedade de classes com o intuito de organizar sua derrocada, é nesse sentido que “para vencer a resistência dessas classes *só há um* meio: encontrar na própria sociedade que nos rodeia, educar e organizar para a luta, os elementos que possam – e, pela sua situação social, *devam* – formar a força capaz de varrer o velho e criar o novo” (OE3T¹¹, 1982, v. 1, p. 38-39, ênfase no original).

No seio das pedagogias contra-hegemônicas (Saviani, 2018a), é consenso que tais contradições existem e reproduzem-se na vida social e cotidiana; no entanto, paradoxalmente, a temática da emancipação humana (Marx, 2010a) e revolução social – isto é, o modo histórico de superação das chagas sociais – permanece como um horizonte distante da *práxis*, preterido ante a concepções filosóficas pós-modernas e construtivistas (Duarte, 2008), fruto do ideário de resignação ao neoliberalismo. Perante essas discussões introdutórias, cabe apresentar como problema de pesquisa: *quais aproximações são feitas entre o pensamento de Lenin e as produções científicas da pedagogia histórico-crítica?* A hipótese inicial que se coloca para este problema é que a influência deste pensador não está devidamente esgotada nas produções dessa pedagogia e, assim sendo, seu estudo ainda fornece possibilidades e subsídios para compreender o nosso horizonte educacional contemporâneo. Tal intento justifica-se pela necessidade de realizar estudos críticos sobre as bases teóricas nas quais a pedagogia histórico-crítica está assentada, e espera-se que esse movimento possa fomentar alternativas para compreender a educação e a atuação da pedagogia histórico-crítica frente ao atual momento do capitalismo, ou ainda, como aponta Saviani (2018 p. 236) que “examine a situação atual buscando identificar os desafios que necessitamos superar para fazer avançar a

¹¹ Abreviação de obras escolhidas em 3 tomos, como mostra o quadro 2 na página 27.

prática educativa preconizada pela pedagogia histórico-crítica”. O *objetivo principal* desta pesquisa é identificar e analisar as aproximações com Lenin na produção científica da pedagogia histórico-crítica, o que possibilita refletir sobre as potencialidades e limites desta teoria pedagógica, e extrair de Lenin o aporte teórico que promova o enriquecimento de suas análises.

Consideramos que a articulação entre a pedagogia histórico-crítica e Lenin possibilita estabelecer novas configurações, como em um processo de recombinação dialética na qual a incorporação de aproximações ainda incipientes de cada um dos elementos emerge uma nova afinidade – e esta, por sua vez, modifica o estado em que cada uma se encontrava anteriormente. Nesse movimento, a leitura das ideias de Lenin sobre a educação é enriquecida quando posta em conjunto com o acúmulo científico-pedagógico desenvolvido por décadas pelos pesquisadores da pedagogia histórico-crítica, da mesma forma as contribuições da prática teórico-política de Lenin podem não somente orientar – e por que não dizer *redirecionar* – os horizontes da pedagogia histórico-crítica, como também aprofundar a teoria da pedagogia histórico-crítica enquanto uma teoria pedagógica marxista. No entanto, essa dupla-elevação rumo a uma nova unidade não se faz sem o contraditório, o confronto, a negação e a reavaliação, pois isso é próprio do movimento de traçar novas perspectivas. Assim, se negamos a adoção de qualquer tipo de praticismo apressado, igualmente negamos estimas hagiográficas, dois caminhos incapazes de fornecer alternativas históricas concretas.

Há no mínimo duas implicações quando se assume Lenin como objeto de estudo. A primeira é parte integrante do processo de qualquer pesquisa científica e diz respeito às dificuldades enfrentadas, mas que ao tematizar Lenin conhecem-se algumas particularidades: um dos aspectos mais marcantes é indisponibilidade de algumas obras, mesmo na *internet*, o que nos levou, por obrigação, a buscar em fontes confiáveis – mas de terceiros – que tiveram acesso às obras que não nos foi possível acessar. Muitos pesquisadores estrangeiros, soviéticos ou não, tiveram acesso a esses documentos e fontes, e realizaram pesquisas de fôlego que resultaram em obras de referência que nos apoiamos, mas cujo acesso representou um obstáculo de pesquisa que não conseguimos superar. A segunda implicação está relacionada aos compromissos políticos que a pesquisa e o pesquisador assumem ao abordar Lenin em um contexto totalmente desfavorável (para não dizer hostil) ao marxismo: nas universidades brasileiras, Lenin e o marxismo estão proscritos e a agenda de pesquisas mais prestigiadas são aquelas que polvilham a ciência com anticiência e esoterismo, o reacionarismo travestido com plumas progressistas atuando como arauto das teorias novidadeiras, o recuo e redução da teoria em prol de um ativismo oco; em suma, aquilo que

pode ser chamado de pós-modernismo (Frederico, 1997). É provável que por esse motivo a intenção de tomar Lenin como objeto de estudo receba questionamentos e caretas de desaprovação como parte da recepção inicial.

Diante das mais estapafúrdias mentiras sobre Lenin¹², o senso comum tomou conta do debate em coro uníssono: “Lenin não tem mais nada a dizer”, convencendo até mesmo parte da esquerda presunçosa demais a ponto de sugerir “atualizar” ou “melhorar” Lenin, quando, na verdade, é essa certa esquerda que precisa se atualizar e melhorar lendo Lenin. A relevância do trabalho – que vemos na obrigação de tomar parte – reside em apresentar nosso percurso, mesmo com suas limitações e incompletudes, no ensejo de resgatar as contribuições de Lenin na pedagogia histórico-crítica como forma de torná-lo vivo na prática desta pedagogia, pois estamos convencidos de que para estabelecer a relação entre a teoria e a prática, tão importantes para o marxismo, precisamos avançar nas mediações teóricas (Duarte, 2013, p. 5-6).

1.2 Critérios e procedimentos da seleção de dados

No que concerne a constituição de dados para o segundo capítulo de nossa investigação, dispomos de três fontes principais: uma que se refere ao levantamento de artigos nos periódicos de abordagem histórico-crítica *Germinal: marxismo e educação em debate*¹³ e *HISTEDBR On-line*; a que se refere ao levantamento de teses e dissertações na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), desenvolvida pelo Instituto Brasileiro de Informação em Ciências e Tecnologia (IBICT), e os anais de eventos disponíveis digitalmente. Cada um exigiu um tratamento específico: nos periódicos, a primeira etapa realizou-se por meio da identificação simples dos termos de busca “Lenin”¹⁴ no *site* das revistas para localizar os artigos que contém o descritor no título ou no resumo, ou nas

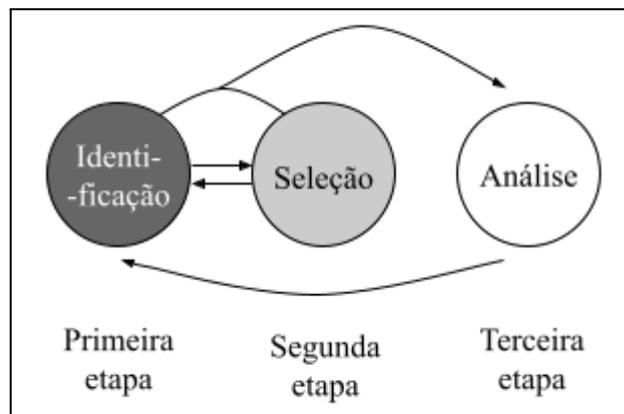
¹² A título de infeliz exemplo, o tão famoso quanto falso “decálogo de Lenin” vez ou outra vêm à tona – até mesmo por doutos remetentes. Outros disparates preencheram gôndolas de supermercados e lojas de departamento, estampando em tons sensacionalistas e fictícios a desonestidade intelectual dos apologistas que tentam, a todo custo, encontrar similitudes entre marxismo, fascismo e nazismo, ou estabelecer “teses de continuidade” entre bolchevismo e o fenômeno histórico do stalinismo. O revisionismo historiográfico sobre Lenin e a revolução russa habita as iniciativas editoriais e acadêmicas há quase um século, como demonstra Monteiro (2015).

¹³ Até o volume 13, número 1 (publicado em 4 de maio de 2021), a revista adotou a escrita “Marxismo e Educação em Debate” (em letras maiúsculas), tendo atualizado para “marxismo e educação em debate” a partir do número 2 do mesmo volume (publicado em 17 de setembro de 2021). Neste trabalho adotaremos a versão mais recente, em letras minúsculas, mas preservamos, nas referências, a grafia da época em que os trabalhos foram publicados.

¹⁴ O sistema de busca da plataforma *Open Journal Systems/Public Knowledge Project (OJS/PKP)*, utilizado na administração das revistas, não faz distinção da grafia do nome Lenin. Isso significa que foi possível localizar trabalhos que utilizaram outras grafias, como “Lênin”, ou termos relativos a Lenin, como “leninismo” e “leninista”.

palavras-chave. Nessa primeira etapa foram identificados 47 trabalhos publicados na revista *Germinal* e 10 publicados na *HISTEDBR On-line*. Na segunda etapa foi feita a análise integral dos resumos para seleção de trabalhos cujo enfoque é a avaliação das contribuições educacionais de Lenin, tendo sido selecionados 7 do primeiro periódico e 6 do segundo. A terceira etapa, por fim, consistiu na análise minuciosa dos 13 trabalhos, a fim de compreender as aproximações e apropriações do referido autor por parte dessa pedagogia, localizando assim os seus contributos teórico-práticos. Após essa etapa, restaram 3 trabalhos por entendermos que nos demais as relações entre Lenin e a pedagogia histórico-crítica não estavam devidamente colocadas como tal, ou seja, trabalhos que recorrem a Lenin para contextualização histórica e/ou não associam explicitamente a produção intelectual do bolchevique com as produções científicas da pedagogia histórico-crítica. O enfoque temporal adotado (2009-2024, ou seja, quinze anos) justifica-se porque 2009 é tanto o ano da publicação da primeira edição da *Germinal* quanto da primeira edição disponibilizada na internet pela *HISTEDBR On-line*.

Ilustração 1. Etapas da constituição e tratamento de dados



Elaboração própria.

Quanto às teses e dissertações, a primeira etapa, de identificação simples dos termos de busca “Lenin” e “histórico-crítica” e “Lenin” e “histórico-cultural¹⁵” teve como objetivo identificar os trabalhos que continham os descritores no título ou no resumo, ou nas palavras-chave, e encontrou 10 trabalhos. Após a segunda etapa, de leitura dos resumos, constatou-se que apenas 2 trabalhos poderiam ser enquadrados nos critérios. Contudo, na execução da terceira etapa, esses trabalhos foram eliminados. É válido ressaltar que – apesar

¹⁵ A justificativa dos termos se deve ao entendimento, de acordo com Martins (2017), que pedagogia histórico-crítica é o fundamento pedagógico da psicologia histórico-cultural e, da mesma forma, a psicologia histórico-cultural é o fundamento psicológico da pedagogia histórico-crítica.

de escassos – existem trabalhos que versam sobre Lenin e educação¹⁶, todavia, o vínculo entre o revolucionário e a pedagogia histórico-crítica não se faz presente.

Em relação aos anais de eventos, buscou-se localizar os trabalhos apresentados nas Jornadas e nos Seminários Nacionais do Grupo de Estudos e Pesquisas “História, Sociedade e Educação no Brasil” (HISTEDBR) e nos Congressos Pedagogia Histórico-Crítica que tivessem disponíveis digitalmente. A partir do acervo disponível¹⁷ no site do HISTEDBR, foram localizados trabalhos a datar do IV Seminário Nacional, realizado em 1997, até o X Seminário Nacional, que ocorreu em 2016¹⁸; o acervo não foi atualizado após essa data, mas os anais dos três seminários seguintes foram localizados. Pouco material foi encontrado em relação às Jornadas. A relação completa dos 16 anais eletrônicos encontra-se listada no quadro da página seguinte¹⁹, em ordem cronológica:

¹⁶ Ver, por exemplo, as teses de Freitas (2005) e Oyama (2010), e a dissertação de Colleti (2020).

¹⁷ Consultar: https://histedbrantigo.fe.unicamp.br/acer_histedbr/acehisted_sem.htm. Acesso em 18 mar. 2024.

¹⁸ No levantamento feito para os 20 anos do HISTEDBR, Lombardi (2005) cita que não houve anais nos dois primeiros seminários nacionais, enquanto os anais e os cadernos de resumos das seis primeiras jornadas foram disponibilizados em CD-ROM ou impresso. Aplicativos e dispositivos modernos não conseguem abrir os anais do V Seminário Nacional (2001), disponível na internet apenas em formato *flash* (.swf). Não foi possível ter acesso às referidas mídias em CD-ROM, impressas ou em *flash*.

¹⁹ Neste e nos próximos quadros deste trabalho, exibiremos nas páginas seguintes os quadros com até uma página de dimensão.

Quadro 1. Anais dos eventos da pedagogia histórico-crítica encontrados digitalmente (1997-2023)

Ano	Evento	Local
1997	IV Seminário Nacional do HISTEDBR	Campinas-SP
2003	VI Seminário Nacional do HISTEDBR	Aracaju-SE
2006	VII Seminário Nacional do HISTEDBR	Campinas-SP
2009	VIII Seminário Nacional do HISTEDBR	Campinas-SP
2012	IX Seminário Nacional do HISTEDBR	João Pessoa-PB
2015	XIII Jornada do HISTEDBR	São Carlos-SP
2015	Congresso Pedagogia Histórico-Crítica: educação e desenvolvimento humano	Bauru-SP
2016	X Seminário Nacional do HISTEDBR	Campinas-SP
2016	Seminário Dermeval Saviani e a educação brasileira: construção coletiva da pedagogia histórico-crítica	Vitória-ES
2017	XIV Jornada do HISTEDBR	Foz do Iguaçu-PR
2017	I Jornada do HISTEDBR-RO	Porto Velho-RO
2018	II Jornada do HISTEDBR-RO	Porto Velho-RO
2019	XI Seminário Nacional do HISTEDBR e I Seminário Internacional do HISTEDBR	Uberlândia-MG
2022	XII Seminário Nacional do HISTEDBR e II Seminário Internacional do HISTEDBR	Vitória da Conquista-BA
2023	Congresso pedagogia histórico-crítica e educação escolar: primavera nos dentes	São Carlos-SP
2023	XVI Jornada do HISTEDBR	João Pessoa-PB

Elaboração própria.

Com os mesmos critérios definidos para os artigos de revista, foram encontrados 3 trabalhos, 2 de 2009 e 1 de 2023. O levantamento de dados nessas três fontes de pesquisa encontrou 6 trabalhos, sendo 3 artigos e 3 trabalhos publicados em anais de eventos. Buscou-se primeiramente identificar e caracterizar esses trabalhos, para em seguida apresentar efetivamente a preocupação dos trabalhos e suas proposições, para extrair deles as aferições necessárias.

1.3 Critérios da seleção das obras de Lenin

Não existe em língua portuguesa a tradução das obras completas de Lenin – essa enorme lacuna editorial é preenchida, em partes, por traduções de obras isoladas, trechos ou coletâneas temáticas, que suprem bem a demanda para certas ocasiões. O trabalho de Lontra da Conceição (2022) demonstra que, no século passado, as iniciativas editoriais em língua portuguesa basearam-se principalmente em traduções militantes realizadas a partir do espanhol, francês ou inglês. As poucas exceções, como o caso da coletânea da editora Alfa Ômega no Brasil e das Edições Avante! em Portugal, recorriam aos originais porque eram produzidas em Moscou pelo Instituto de Marxismo-Leninismo da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS). Para fins científicos, a indisponibilidade de material compromete a imersão com maior profundidade no “universo lenineano”. Em razão disso, a formação da militância comunista é igualmente prejudicada com interpretações variadas e em contraste com a lavra do revolucionário russo, ainda que feitas sob seu nome e influência.

De minha parte, para os objetivos deste trabalho, limitei o uso às traduções em português que tenham sido feitas a partir do original em russo e, quando não disponível, recorri às obras completas em 55 tomos publicadas em russo e espanhol, ou ainda às obras reunidas em inglês em 45 tomos; isso evitou incorrer nos percalços oriundos da leitura da “tradução da tradução”. Entende-se, dessa forma, que todas as passagens traduzidas por mim serão acompanhadas por notas de rodapé com as passagens dos trechos traduzidos. Para facilitar a referência às obras completas ou escolhidas, abreviei as edições conforme sinalizado:

Quadro 2. Obras completas ou escolhidas de Lenin referenciadas neste trabalho

Sigla	Significado	Referência
LCW	Obras reunidas em inglês	V. I. Lenin Collected Works. Moscow: Progress Publishers, 1961-1978, 45 v.
OCE	Obras completas em espanhol	Obras Completas de Vladímir Ilich Lenin. Moscó: Editorial Progreso, 1981-1988, 55 v.
OCR	Obras completas em russo	В. И. Ленин Полное Собрание Сочинений. Москва: Издательство Политической литературы, 1967-1975, Издание пятое, 55 Том. [V. I. Lenin Polnoie Sobranie Sotchineni] Moskva: Izdatelstvo Politicheskoi Literatury, 1967-1975, 5 ^a ed., 55 v.
OE3T	Obras escolhidas em 3 tomos	Obras Escolhidas em 3 Tomos. São Paulo: Editora Alfa Ômega, 1980-1982, 3 v.
OE6T	Obras escolhidas em 6 tomos	Obras Escolhidas em 6 Tomos. Lisboa: Edições Avante!, 1977-1989, 6 v.

Elaboração própria.

É digno de nota que o filósofo Álvaro Vieira Pinto chegou a verter do russo dois dos três volumes das obras escolhidas de Lenin para a Editora Civilização Brasileira que seriam publicados em 1970, com mil páginas cada volume. A tradução foi confiscada e queimada enquanto estava no prelo por agentes da ditadura militar, como relata o editor Ênio Silveira (2003, p. 70-71):

[...] numa noite invadiram a gráfica, apreenderam os originais da tradução, dos dois livros, que estavam lá para eventuais referências, estavam compostos já, e o outro original que estava sendo composto, e levaram tudo, inclusive um material da gráfica, filmes, fotolitos etc. Sumiram com tudo, sumiram e queimaram. A gráfica tinha o primeiro volume já impresso, totalmente impresso, cinco mil exemplares de um livro de mil páginas impresso, e o segundo em impressão. Eles apanharam os cinco mil exemplares impressos, apanharam os originais, apanharam o que estava sendo impresso, filmes, fotolitos, tudo, sumiram com tudo, queimaram.

1.4 Critérios da transliteração

Quando comecei a pesquisar Lenin na graduação, na pesquisa de iniciação científica realizada entre 2018 e 2019, deparei-me com uma multiplicidade de grafias para o nome “Lenin”, dependendo da editora ou país onde a obra foi editada. No entanto, jamais encontrei uma nota explicativa acerca dos critérios que levaram os tradutores e editores a optarem por grafias como Lenin, Lênin, Lenine ou Lénine na capa dos livros. Essa mesma inconsistência se aplicava a outros nomes próprios e termos recorrentes na literatura sobre o tema, como

“soviet” e “soviète”, “tsar” e “czar”, por exemplo. Por essa razão, o relatório da primeira experiência de pesquisa ainda não adotava um padrão para nomes próprios e termos originalmente escritos usando o alfabeto cirílico russo, a começar pelo próprio título da pesquisa, *Educação e Revolução na Rússia dos soviètes: contribuições de Vladimir Lenin para a construção da Pedagogia Socialista (1917-1924)*, que apresenta modelos diferentes entre si na forma de verter o nome do autor de referência e o tipo de governo adotado no período especificado. Em resumo, ou deveria ter empregado Lênin e soviètes ou Lenin e soviets.

Mais tarde, na monografia (2022), projeto de pesquisa e artigos, usei a transliteração proposta por Fishuk (2014), que me serviu para padronizar os trabalhos. Já no mestrado, ao me apropriar do idioma russo, passei a entender melhor o desalinho entre as diversas transcrições do russo disponíveis no Brasil. No presente trabalho utilizarei o padrão desenvolvido pelos docentes do curso de Língua e Literatura Russa do Departamento de Línguas Orientais da Universidade de São Paulo (USP), mas com pequenas adaptações pontuais, a saber: a) o idioma russo escrito não contém acentos gráficos, e por isso mantive essa característica e não acentuei a transliteração; b) em alguns casos, em especial para nomes próprios, as letras Г e С adquirem letras a mais na passagem para nosso alfabeto para não confundir o som /ss/ com /z/ e /gu/ com /j/. Assim, Nekrassov não se transforma em Nekrasov, nem Gueorgui Plekhanov em Georgi Plekhanov; c) também optei por não transliterar os signos vocálicos Ъ e Ь, isso evitou grafar Vladimir Il’itch e Gogol’ ao invés de Vladimir Ilitch e Gogol, que além da estranheza gráfica, também não faria sentido para o nosso idioma, fato que se comprova quando não encontramos essas formas com frequência na literatura disponível no Brasil. Preservei, no entanto, as formas que os nomes dos personagens literários foram grafados pelos tradutores das edições utilizadas; o mesmo vale para os pensadores russos citados. Nas notas de rodapé, inseri a transliteração dos nomes próprios dos autores russos citados no texto, acompanhada de uma breve biografia.

Ainda que contenha limitações, o quadro de transliteração apresenta-se da seguinte forma:

Quadro 3. Transliteração do alfabeto cirílico russo para o alfabeto latino

Alfabeto russo	Transliteração em português	Alfabeto russo	Transliteração em português	Alfabeto russo	Transliteração em português
Аа	A	Кк	K	Хх	Kh
Бб	B	Лл	L	Цц	Ts
Вв	V	Мм	M	Чч	Tch
Гг	G/Gu	Нн	N	Шш	Ch
Дд	D	Оо	O	Щщ	Chth
Ее	E/Ie	Пп	P	Ъъ	—
Ёё	Io	Рр	R	Ыы	Y
Жж	J	Сс	S, Ss	Ьь	—
Зз	Z	Тт	T	Ээ	É
Ии	I	Уу	U	Юю	Iu
Йй	I	Фф	F	Яя	Ia

Elaboração própria a partir da adaptação da *Tabela de Transliteração do Russo para o Português* (2004, p. 393).

Para a língua grega, utilizada neste trabalho em algumas ocasiões, o critério para transliteração de seus caracteres encontra, de certa forma, menos percalços no caminho para a correlação com o alfabeto latino. Isso se deve pela correspondência direta, em muitos casos, de uma letra de um alfabeto para o outro, obra dos remotos esforços dos gramáticos etruscos que viram no sistema adotado pelos vizinhos gregos algo que poderia ser adotado com algumas adaptações. Os romanos, por sua vez, completaram a obra iniciada pelos habitantes da Etrúria, fixando a grafia de seus caracteres no latim, aos quais herdamos e desenvolvemos, como legítimos falantes de uma língua românica. O critério de transliteração adotado para os nomes e termos gregos seguirá dessa forma:

Quadro 4. Transliteração do alfabeto grego para o alfabeto latino

Alfabeto grego	Transliteração em português	Alfabeto grego	Transliteração em português
Αα	A	Νν	N
Ββ	B	Ξξ	X
Γγ	G	Οο	O
Δδ	D	Ππ	P
Εε	E	Ρρ/ῥ	R/Rh
Ζζ	Z	Σσ/ς	S
Ηη	E	Ττ	T
Θθ	Th	Υυ	Y
Ιι	I	Φφ	Ph
Κκ	K	Χχ	Kh
Λλ	L	Ψψ	Ps
Μμ	M	Ωω	O

Elaboração própria a partir de Prado (2006, p. 298).

As eventuais ocorrências de acentuação nos termos e nomes originais serão mantidas na passagem para os caracteres transliterados. Diferentemente do russo, os termos gregos são mais frequentes em nosso vocabulário e, por esse motivo, julguei não ser necessário diferenciar vogais longas e breves. Assim, *προμηθής* será transliterado como *promethés* e não como *promēthēs*.

Homero nomeou cada um dos seus 24 cantos da *Iliada* e *Odisseia* com uma letra do alfabeto grego, também composto por 24 letras. Tal como Marx, Lenin costumava anotar uma letra grega na capa de seus cadernos como forma de distingui-los e organizá-los. Ambos tiveram uma formação voltada para a cultura clássica, deixando marcas nas suas posturas intelectuais: em Marx, a referência aos escritos gregos e latinos são abundantes; em Lenin, isso é demonstrado de forma mais íntima, nas suas anotações nas margens dos textos e nos comentários de estudo. Os dois partilhavam de uma noção, em termos de filosofia e cultura, de que é *inaceitável* rejeitar tudo – isso se torna mais evidente ao notarmos a miríade de autores dos quais estes pensadores foram influenciados²⁰. Essa noção, talvez pouco popular

²⁰ Lukács (2023, p. 142) critica a perspectiva não-dialética que separa unilateralmente o novo do existente e destaca o compromisso do marxismo com as grandes tradições intelectuais que tinham em seu programa a defesa do domínio intelectual do ser humano sobre a realidade.

nos nossos dias, sintetiza bem o trato deles com os estudos clássicos e com a herança intelectual humana de modo mais amplo e, ao mesmo tempo, é uma linha divisória entre a atitude dos revolucionários Marx e Lenin de um lado, e dos pontos de vista pseudorrevolucionários²¹, do outro.

1.5 Percurso do trabalho

Por último, compete-nos descrever o périplo de nossa exposição. O primeiro capítulo consiste em apresentar aspectos do marxismo de Lenin em três pontos: o primeiro deles versa sobre a formação do pensamento teórico-político do revolucionário bolchevique ou, dito de forma mais objetiva, aquilo que Lenin extraiu e modificou das outras tendências russas que o influenciaram; o segundo ponto compreende a inflexão filosófica de Lenin em meio à guerra, que ao retornar às bases da dialética, acabou por redescobrir nela aspectos fundamentais que haviam sido esquecidas pela maioria dos teóricos social-democratas daquele momento; como um epílogo, a seção que encerra o primeiro capítulo discorre sobre o legado de Lenin transformado em ícone e seu marxismo em adjetivo próprio, mistificado.

O segundo capítulo divide-se em duas seções, na primeira é destacado a influência de Lenin na formulação da pedagogia histórico-crítica, para a partir daí, apresentar as produções científicas cuja motivação foi estabelecer pontos de ligação entre esta pedagogia e as contribuições de Lenin. No terceiro capítulo apresenta-se, em duas seções, o percurso histórico das formulações em torno da teoria da curvatura da vara, de metáfora à teoria, e a posição de Lenin no debate sobre cultura e ciência e as aproximações com os postulados da pedagogia histórico-crítica. Como elemento conclusivo apontamos que a recombinação dialética entre a pedagogia histórico-crítica e o pensamento de Lenin revela afinidades eletivas, estabelecendo uma relação de mútua contribuição, a qual denominamos de dupla-elevação: Lenin enriquece a pedagogia histórico-crítica, enquanto esta oferece novas perspectivas para a análise de seu pensamento.

Não é da natureza do trabalho científico prospectar sobre seu alcance e modo de consumação, e por isso já foi dito que todo juízo da crítica científica é bem-vindo, porque na entrada da ciência é impreterível, como nos versos de Heine (2011, p. 417):

²¹ É interessante o fato de ψευδος/pseudos significar tanto mentira ou falsidade quanto falsa conclusão e falsa doutrina. Trotski (1969, p. 176-177) combateu aqueles que clamavam pela arte sem o estudo e apreensão da técnica burguesa porque se contentavam com a arte malfeita, artificial. Ele afirmou que “os inocentes, atrás dos demagogos, repetem essa fórmula de simplificação pseudoproletária. Não se trata de marxismo, e sim de populismo reacionário, apenas pintado de ideologia proletária”. O trato a-histórico com o conhecimento acumulado pela humanidade pode, para alguns, parecer disruptivo e revolucionário, mas é uma falsa conclusão demagoga, estranha ao marxismo.

*Larga as parábolas sagradas,
Deixa as hipóteses devotas,
E põe-se em busca das respostas
Para as questões mais complicadas.*

2. O MARXISMO DE LENIN

2.1 Continuidade e descontinuidade no pensamento teórico-político de Lenin

Antes da revolução bolchevique despontar como saída revolucionária para as chagas do império russo, outras tendências políticas e sociais apresentaram-se como alternativas; a história do século XIX na Rússia contém uma coleção dos feitos e das ideias desses grupos. A presente seção visa a) apresentar como Lenin (Ленин)²², ao mesmo tempo, incorpora e supera as formulações e métodos da *intelligentsia* revolucionária pré-marxista, e b) a originalidade do pensamento de Lenin nesse processo. Assim, o que se almeja apresentar de modo mais geral é a adaptação da tese dialética enunciada por Lefebvre (2020) em que *não há continuidade absoluta nem descontinuidade absoluta*: há unidade entre as outras tendências russas e o pensamento de Lenin, mas existem diferenças profundas e contradições entre ambas.

A introdução do termo *intelligentsia* (transliteração de интеллигенция) no idioma russo é atribuída a Boborykin²³ na década de 1860. Pipes (1971, p. 615) assinala que um termo parecido (*Intelligenz*) foi usado em discursos na Comissão Constitucional do Parlamento Austríaco em fevereiro de 1849 para descrever “um grupo que se distingue do resto da sociedade pela sua educação e postura ‘progressista’”²⁴. A grafia do termo contém aspectos histórico-etimológicos que não se pode perder de vista: temos de dissecá-lo para melhor compreendê-lo. Em latim, a palavra *intelligentia* toma de empréstimo do proto-indo-europeu a raiz *leg-*, cujo significado é reunir, coletar, ler (no sentido de “coletar” palavras, como em um discurso), soma com o advérbio indo-europeu *h₁(e)nter*, isto é, “entre”, e tem como resultado *intelligentia* (*inter+legere*), em sua forma vocativa no plural, para definir aqueles que sabem, são capazes de discernir, de conhecer (De Vaan, 2008, p. 332; p. 306). Assim, *intelligentsia* é a pronúncia russificada do latim *intelligentia*. Essa intelectualidade progressista formou-se na sociedade russa nas décadas de 1830 e 1840, sob o reinado do tsar Nikolai I²⁵, no contexto da recepção das produções filosófico-literárias do romantismo e idealismo alemães, e tem como figuras centrais Puchkin²⁶, Liermontov²⁷,

²² O pseudônimo mais conhecido de Vladimir Ilitch Ulianov (Владимир Ильич Ульянов) foi adotado pela primeira vez em dezembro de 1901 quando da publicação dos quatro primeiros capítulos do que seria a obra *O problema agrário e os “críticos de Marx”* nos volumes 2 e 3 da revista Aurora (cf. OCE, 1981, v. 5, p. 526).

²³ Piotr Dmitrievitch Boborykin (Пётр Дмитриевич Боборыкин), 1836-1921: escritor e dramaturgo russo.

²⁴ No original: “[...] a group distinguished from the rest of society by its education and ‘progressive’ attitude”.

²⁵ Nikolai I Pavlovitch (Николай I Павлович), 1786-1855: tsar do Império Russo entre 1825-1855.

²⁶ Aleksandr Sergueievitch Puchkin (Александр Сергеевич Пушкин), 1799-1837: poeta do romantismo russo, conhecido como *O poeta*, foi determinante no nascimento da moderna literatura na Rússia.

²⁷ Mikhail Iurevitch Liermontov (Михаил Юрьевич Лермонтов), 1814-1841: importante poeta do romantismo russo, influenciado pelo poeta inglês Byron. Era tido como o “sucessor” de Puchkin. Foi exilado devido à crítica à servidão e ao tsarismo contidos em seus versos.

Belinski²⁸, e Tiutchev²⁹, devedores direta ou indiretamente de Hegel, Heine³⁰ e Schelling³¹. No entanto, é curioso notar que a *intelligentsia* adquire nome próprio no período seguinte, sob o tsarado de Aleksandr II³², marcado por reformas, com destaque para o decreto de emancipação dos servos em 1861.

Turgueniev³³ distinguiu esses dois períodos iniciais da intelectualidade russa no romance *Pais e filhos*, de 1862: os “pais” aristocratas e os “filhos” plebeus, marcados respectivamente pela visão de mundo idealista romântica e materialista. As conquistas intelectuais dos “pais” estavam circunscritas nos valores estetas da *arte pela arte*, meio de alcançar a autorrealização do indivíduo, os “filhos” acreditavam no uso da arte como instrumento para atender a reforma da sociedade; enquanto os “pais” introduziram na sociedade russa os ideais humanitários, liberdade, razão e democracia, os “filhos” almejavam transformar esses valores em realidade (Malia, 1960, p. 12). A analogia geracional de Turgueniev é precisa porque representa na literatura os processos mais gerais da formação das castas intelectuais no seio da sociedade russa. A geração dos “pais” foi instruída, sobretudo, pelas escolas de cadetes, academias técnicas e militares que formavam os oficiais da pequena-burguesia. Ao passo que a reforma educacional de 1803, por sua vez, afetou o sistema de ensino civil (um fenômeno até então recente), criou cinco novas universidades, estabeleceu o ginásio (ensino secundário) em todas as capitais de províncias e reformou os seminários diocesanos. Essa reforma tinha como objetivo formar quadros não-militares a fim

²⁸ Vissarion Grigorievitch Belinski (Виссарион Григорьевич Белинский), 1811-1848: escritor e pioneiro na crítica literária russa. Sua *Carta a Gogol* condenava a servidão, e mesmo censurada circulava nos círculos da inteligência russa como uma espécie de manifesto.

²⁹ Fiodor Ivanovitch Tiutchev (Фёдор Иванович Тютчев), 1803-1873: poeta russo, conheceu Heine e Schelling.

³⁰ Heinrich Heine, 1797-1856: poeta romântico alemão, seguidor da filosofia de Hegel, amigo de Marx e Engels. Foi reverenciado por inúmeros poetas brasileiros. Seu belíssimo poema *Os tecelões da Silésia* [*Die schlesischen Weber*] retrata a revolta dos tecelões ocorrida da Silésia em junho de 1844 tendo sido publicado por Marx no periódico *Vorwärts!* [*Avante!*], traduzido para o inglês por Engels e escolhido como o hino da Liga dos Comunistas em Londres. O poema pode ser lido em: <https://bit.ly/3Ssvu3Q>, e sua musicalização pode ser ouvida em: <https://bit.ly/3u1ao2g>, ambos acessados em 3 nov. 2023.

³¹ Friedrich Wilhelm Joseph von Schelling, 1775-1854: filósofo alemão idealista, foi colega de Hölderlin e Hegel, mas após a morte deste, assumiu a cadeira de filosofia deixada por ele na Universidade de Berlim e tratou de “varrer” a herança hegeliana da universidade alemã. Engels frequentou as aulas de Schelling em Berlim como aluno especial em 1841, um ano após a admissão de Schelling naquela universidade, e escreveu uma série de artigos críticos compilados como *Anti-Schelling*, que pode ser lido em: <https://bit.ly/40mxsVi>. Acesso em 4 nov. 2023. Destaco o primeiro artigo desta série, *Schelling sobre Hegel* [*Schelling On Hegel*], capaz de explicitar a conjuntura político-filosófica envolvida nessa questão.

³² Aleksandr II Nikolaievitch (Александр II Николаевич), 1818-1881: tsar do Império Russo entre 1855-1881.

³³ Ivan Sergeievitch Turgueniev (Иван Сергеевич Тургенев), 1818-1883: filósofo de formação, foi importante romancista e poeta russo. É considerado o embaixador da literatura russa no ocidente, tendo traduzido obras de Puchkin, Lermontov e Gogol para o francês, e Byron, Perrault, Goethe, Heine, Musset, Voltaire e Flaubert para o russo. Manteve amizade com importantes autores da Europa ocidental, como Charles Dickens, Guy de Maupassant e Gustave Flaubert.

de atender as demandas e necessidades da complexa burocracia do Estado tsarista em crescimento populacional.

Os “filhos” de Turgueniev sintetiza o espírito *raznotchintsy* (разночинцы), camada intelectual não oriunda da nobreza (filhos de funcionários públicos, da pequena burguesia, campesinato, estrangeiros e outras profissões de menor prestígio social) que ingressaram na universidade tendo sido introduzidos nos círculos intelectuais conjuntamente aos estudantes de origens sociais mais abastadas. Enquanto a primeira língua estrangeira da pequena nobreza era o francês, a principal língua estrangeira *raznotchintsy* era o latim, idioma oficial do ensino clerical e do humanismo (Malia, 1960). Não é por acaso que no romance de Turgueniev Nicolau e o irmão Páviel Pietróvitch Kirsánov, os “pais”, por vezes inserem expressões e palavras em francês em seus diálogos, além de citações de Puchkin, enquanto Bazárov, estudante de medicina e jovem niilista, utiliza vocabulários e expressões científicas em latim. Bazárov representa o jovem estudante oriundo das camadas baixas da sociedade que na universidade conhece Arcádio, representante da pequena nobreza e filho de Nicolau. É digno de nota que os “filhos” de Turgueniev assumem-se como niilistas, que tal como *intelligentsia*, é um termo de origem latina. Cabe ainda destacar como “pais” e “filhos” interpretam o niilismo: enquanto os irmãos Pietróvitch sugerem que o niilista é aquele que “nada crê ou nada reconhece” e “nada respeita”, Arcádio define como “aquele que tudo examina do ponto de vista crítico” e “não se curva perante nenhuma autoridade” e “não admite como artigo de fé nenhum princípio, por maior respeito que mereça” (Turguêniev, 1971, p. 32). Da mesma forma, não é coincidência que Turgueniev situe a admissão de Arcádio na universidade no mesmo ano da ascensão de Aleksandr II ao trono do Império Russo, em 1855. Tal fato demonstra a intenção do autor de demarcar uma linha divisória entre o panorama intelectual da geração precedente e o daquela que emerge após a segunda metade do século XIX.

Entre as décadas de 1850 e 1860 Herzen³⁴ lançou as bases para a formação do movimento político populista, capaz de romper com a tradição liberal e reformista

³⁴ Aleksandr Ivanovich Herzen (Александр Иванович Герцен), 1812-1870: filósofo russo, um dos precursores do socialismo utópico de tipo agrário na Rússia. Viveu exilado na Inglaterra entre 1852 e 1864, onde editou o *Kolokol*/Колокол (de 1857 a 1867), revista política de grande influência sobre a intelectualidade russa. Herzen lançou o mote “Ida ao povo!” (Хождение в народ/Khojdiénie v narod) em 1861, na *Kolokol*, época em que o fechamento da Universidade de Petersburgo deixou muitos jovens desempregados. O mote populista carregava a ideia de que os estudantes deveriam conviver com o povo, assimilar e lutar por seus interesses (Yarmolinsky, 1986, p. 182-183). Quatro décadas depois, no texto de 1905 em que Lenin (OCR, 1968, v. 12, p. 91; 2024, p. 1045) utiliza a metáfora da curvatura da vara, que será melhor explorado adiante, Lenin propõe uma adaptação do mote de Herzen, “В народ” (V narod), que pode também ser traduzido como “Ida ao povo”. Em nossa tradução publicada na revista *Germinal* (Lenin, 2024) escolhemos por traduzir como “Pelo povo”. A semântica do original russo indica que a letra V pode funcionar como preposição que denota lugar, direção, ingresso, contato ou movimento.

caracterizada pelos valores do primeiro momento da inteligência russa. O movimento dos populistas russos, ou *narodnik* como também eram conhecidos, desenvolveu-se a partir da *intelligentsia raznotchintsy*, com destaque para Tchernychevski³⁵ e Dobroliubov³⁶, os “Lessings socialistas” (Engels, 2010b, p. 23), editores do periódico *O Contemporâneo* (Современник/Sovremennik), principal veículo de disseminação do pensamento progressista russo. Foi nesse periódico que Gontcharov publicou um capítulo do que mais tarde seria o romance *Oblómov* (1859), marcado pelo personagem homônimo que retrata a morosidade e inércia da intelectualidade da geração anterior, incapaz de pôr em prática os planos e ideais defendidos:

O que ia fazer agora? Ir em frente ou ficar? Aquela pergunta oblomoviana era para ele mais profunda do que a de Hamlet. Ir em frente – isso significava retirar subitamente o roupão folgado não só dos ombros, mas da própria alma e da mente; tirar o pó e as teias de aranha não só das paredes, mas também dos olhos, e voltar a enxergar! [...] “Agora ou nunca!” “Ser ou não ser!” Oblómov fez menção de levantar-se da poltrona, mas não conseguiu enfiar o pé no chinelo na primeira tentativa e se deixou sentar outra vez. (Gontcharov, 2019, p. 230-231).

Oblómov é a figura do homem supérfluo levado ao seu extremo, um tipo que mistura inconformidade com o meio em que está inserido ao mesmo tempo que se encontra preso à própria incapacidade em transformá-lo, por estar alheio a tudo. Um retrato psicológico semelhante se encontra em *Diário de um homem supérfluo* (1850), de Turgueniev, responsável por cunhar o termo representativo do tipo social comum no contexto que antecede a emancipação dos servos, o tipo de Iliá Ilitch Oblómov. À letargia da intelectualidade aristocrática, os populistas respondem com um claro chamado à ação: é o que demonstra a recepção populista do romance de Gontcharov, presente na crítica literária de Dobroliubov intitulada *O que é oblomovismo?* (1859-1860), em que o crítico anuncia o romance como um “sinal dos tempos”, porque “o momento da atividade social chegou ou chegará em breve” (1962, p. 163). O “momento da atividade social” almejado pelos populistas chegou com a emancipação dos servos, é o que demonstra Tchernychevski no romance *Que fazer?* (1862), publicado n’*O Contemporâneo*, cujos sonhos da protagonista Vera Pavlovna a fazem despertar para a ação.

³⁵ Nikolai Gavrilovitch Tchernyshevski (Николай Гаврилович Чернышевский), 1828-1889: filósofo e crítico literário russo, influenciou muitos revolucionários.

³⁶ Nikolai Aleksandrovitch Dobroliubov (Николай Александрович Добролюбов), 1836-1861: jornalista e crítico literário russo. Traduziu clássicos gregos para o russo aos treze anos, participou do movimento estudantil revolucionário e viveu em outros países europeus.

O que mais se destaca entre os escritos da primeira geração de populistas é o uso de títulos interrogativos, nos quais a resposta desenvolvida pelo autor incorpora elementos que apontam para a ação. Esse padrão repete-se independentemente do gênero do texto, seja crítica literária ou romance, atestando a capacidade de articular literatura e política, bem como o elevado senso prático que os caracteriza. O desenvolvimento do movimento populista nas décadas seguintes consolidou o senso prático como método de ação política revolucionária, especialmente no grupo Terra e Liberdade (Земля и воля/Zemlia i volia). Esse grupo defendia que o campesinato era a força social revolucionária e que o *mir* (мир), a comunidade camponesa, representava o embrião para a construção de uma espécie de socialismo agrário na Rússia. A perseguição tsarista ao trabalho e propaganda³⁷ revolucionária do *Terra e Liberdade* fez o grupo cindir em duas organizações, com propósitos distintos: a primeira, *A Vontade/Liberdade do Povo* (Народная воля/Narodnaia volia), adotava o terrorismo, isto é, realização de atentados contra representantes do governo para incitar as massas populares para a revolução, enquanto a segunda, *Partilha Negra* (Чёрный передел/Tchiornyi peredel), pretendia manter as posições e métodos propagandísticos do *Terra e Liberdade*.

Os membros mais combativos e propensos ao populismo-terrorismo juntaram-se ao primeiro grupo, cuja realização mais notável e símbolo de sua política foi o assassinato do tsar Aleksandr II em 1º de março de 1881. Contudo, a tática de terrorismo individual se mostrava débil: entre agosto de 1878 e dezembro de 1879, para cada dois mortos pelo *A Vontade/Liberdade do Povo*, dezessete entre os revolucionários foram enforcados (Moniz Bandeira, 1985, p. 13). O relativo sucesso contra Aleksandr II em 1881 fez com que o grupo adotasse o mote “Um Aleksandr depois do outro!”, ou seja, confirmando o assassinio de tsares como tática política, ainda que isso custe a dizimação de seus membros. O segundo grupo, *Partilha Negra*, preserva e mantém a atividade do *Terra e Liberdade*, no entanto, e simultaneamente, o supera: se originalmente defendiam o socialismo agrário e o *mir* como ponto de resistência à industrialização, passaram a defender a industrialização contra o *mir*: desenvolvem-se do socialismo do tipo populista para o socialismo científico, e assim,

³⁷ Iliá Repin pintou a prisão de um *narodnik* no quadro *Prisão de um propagandista* (c. 1880-1892), disponível em: <https://bit.ly/3WAnuj9>. Acesso em 7 maio 2024.

Plekhanov³⁸, Zassulitch³⁹, Deitch⁴⁰ e Akselrod⁴¹ fundaram em 1883 o primeiro núcleo social-democrata russo, o grupo *Emancipação do Trabalho* (Освобождение труда/Osvobojdienie truda), filiado russo à II Internacional⁴².

A família Ulianov é representativa porque contém os perfis da intelectualidade de cada época formada pelas ideias que aventavam as décadas de formação em que seus membros estão inseridos. Os pais de Lenin tinham origens familiares distintas: o patriarca da família, Iliá Ulianov, era neto e filho de servos, estudou física e matemática na Universidade de Kazan, uma das novas universidades criadas a partir da referida reforma educacional de 1803. Ainda que Iliá não tenha tomado o caminho revolucionário, sua origem social e ascensão intelectual o fazia *raznotchintsy*, mas de um tipo diferente: Iliá certamente tomou contato com a literatura revolucionária de sua época – uma vez que seu poeta favorito, Nekrassov⁴³, era editor d’*O Contemporâneo* de Tchernochevski e Dobroliubov –, mas não concordava com alguns princípios populistas. Seus esforços se concentravam na criação, docência e inspeção de escolas públicas secundárias destinadas para as classes subalternizadas, porque acreditava que assim estaria contribuindo para a melhoria das condições do povo mais pobre. Iliá era democrata, um “*narodnik* pacífico”, como define Anna, uma de suas filhas (Krausz, 2017, p. 35). A matriarca da família Ulianov, Maria Aleksandrovna Blank, era filha de um médico proprietário de terras e de origens judaicas. Também foi professora, tinha vasto conhecimento da língua e literatura russa e ocidental (notadamente a alemã, francesa e inglesa), e aptidão musical expressa pela habilidade com o piano.

A repressão tsarista e o martírio revolucionário não impediu o irmão mais velho de Lenin de somar-se ao *A Vontade/Liberdade do Povo*. Aleksandr Ulianov era um destacado estudante de zoologia da Universidade de São Petersburgo quando se envolveu com o grupo

³⁸ Gueorgui Valentinovitch Plekhanov (Георгий Валентинович Плеханов), 1856-1918: filósofo marxista, conhecido como “pai do marxismo russo”. Emigrado na Suíça junto a Zassulitch e Axelrod, fundou o primeiro grupo marxista russo, o referido *Emancipação do Trabalho*. Também esteve presente na fundação do Partido Operário Social-Democrata Russo (POSDR) e foi redator do *Iskra*. Após o II Congresso do POSDR, une-se aos mencheviques.

³⁹ Vera Ivanovna Zassulitch (Вера Ивановна Засулич), 1849-1919: inicialmente nihilista, aderiu ao populismo e esteve envolvida numa trama que planejava assassinar governador de São Petersburgo, não conseguiu, mas o feriu gravemente; foi julgada e absolvida pelo júri. Foi co-editora do *Iskra*.

⁴⁰ Lev Grigorievitch Deitch (Лев Григорьевич Дейч), 1855-1941: aderiu aos populistas, tendo transitado entre os dois grupos. Foi condenado a trabalhos forçados na Sibéria, mas conseguiu escapar. Juntou-se aos mencheviques enquanto estava no exílio.

⁴¹ Pavel Borisovitch Akselrod (Павел Борисович Аксельрод), 1850-1928: articulista, co-fundador do *Iskra* e posteriormente menchevique.

⁴² Entidade que agrupava os partidos socialistas e operários, operou de 1889 até 1916. Fundada por Engels como sucessora da Associação Internacional dos Trabalhadores (AIT), conhecida como I Internacional.

⁴³ Nikolai Alekseievitch Nekrassov (Николай Алексеевич Некрасов), 1821-1878: poeta e jornalista democrata revolucionário. Com frequência Lenin recorria aos versos de Nekrassov para ilustrar sua argumentação. Em carta para Maria Aleksandrovna Blank, Krupskaja cita que Lenin “havia praticamente decorado” Nekrassov (cf. OCE, 1988, v. 55, p. 369).

que planejou assassinar Aleksandr III⁴⁴ no quinto aniversário do assassinato do tsar que o antecedeu. O grupo falhou, e dos quinze acusados, quatro foram à força com o mais velho dos filhos homens de Ilia. Aleksandr Ulianov definitivamente exerceu papel central como primeira influência revolucionária de Lenin: havia no irmão mais velho um particular interesse pelas ciências da natureza, retomado por Lenin como ferramenta para fundamentar sua crítica aos empiriocriticistas em 1909; Aleksandr teria traduzido para o russo a *Introdução à Crítica da Filosofia do Direito de Hegel*, o que o coloca como primeiro interlocutor de Marx na vida de Lenin. Na ocasião de sua primeira prisão, um companheiro de cela perguntou a Lenin o que faria após libertado, e ele respondeu prontamente: “meu irmão mais velho iluminou o caminho” (Moniz Bandeira, 1985, p. 15).

O movimento populista representou um ponto-chave na *intelligentsia* russa, seja por aprimorar os métodos, os objetivos e planos de ação, seja pela repercussão no seio da própria intelectualidade. As reformas e a política conduzida pelos tsares os forçaram a tal. É a partir da assimilação dos feitos anteriores que surgem nas últimas duas décadas do século XIX inúmeros outros movimentos com distintas orientações, que ora resgata e ora nega os caminhos já percorridos outrora: Lenin se insere nessa terceira geração da *intelligentsia* russa, e caso seguirmos o padrão do romance de Turgueniev, podemos chamá-los de “netos”. Em meio ao embate teórico-político entre o sem-número de formulações que surgem nesse período, Lenin se destaca, sobretudo, por sua contribuição original, que teve em vista superar as concepções passadas e retirar delas o núcleo essencial para fortalecer suas posições. Assim, como a resolução dialética para a lei do terceiro excluído, Lenin é o *tertium datur* do pensamento revolucionário russo (Lukács, 2012, p. 107).

As considerações a respeito da tradição populista atravessam quase toda a produção teórica de Lenin, mas adquirem caráter mais importante sobretudo nas duas primeiras décadas de sua lavra. Isso se deve ao contexto mais geral que Lenin se insere e às diferentes lutas que travou: na década final do século XIX, pela fundação de um partido social-democrata de orientação marxista e na primeira década do século XX, nas disputas internas e externas do partido.

O primeiro ponto se refere à compreensão de que o capitalismo já havia adentrado em solo russo, como havia anunciado Plekhanov em *Nossas diferenças* (1885), e foi precisamente aí que o marxismo se descolou do populismo, dando origem a uma série de grupos

⁴⁴ Aleksandr III Aleksandrovitch (Александр III Александрович), 1845-1894: tsar do Império Russo entre 1881-1894.

social-democratas espalhados pelo Império Russo. Essa compreensão altera não somente o foco de atuação dos revolucionários, mas o entendimento que o operariado é a classe revolucionária da forma social capitalista. Em *Quem são os amigos do povo e como lutam contra os social-democratas?* (1894) Lenin empenha-se em distinguir a obra de Marx de seus detratores como meio para firmar as balizas teóricas dos social-democratas, a fim de estabelecer um elo que concentre a teoria e a ação organizada dos revolucionários russos. No primeiro trabalho de repercussão, Lenin ecoa Plekhanov ao afirmar peremptoriamente que a “Rússia ingressou no caminho capitalista⁴⁵” (OCE, 1981, v. 1, p. 204, ênfase no original), e essa constatação se deve à retomada da categoria marxista formação social empregada pelo jovem revolucionário (contava então com 24 anos) para compreender as transformações da sociedade russa:

A análise das relações sociais materiais (ou seja, aquelas que se estabelecem sem passar pela consciência dos homens: ao trocar produtos, os homens estabelecem relações de produção, mesmo sem estar cientes da existência de uma relação social de produção) tornou possível observar a repetição e a regularidade e sintetizar os regimes dos vários países em um único conceito fundamental de *formação social*. Essa síntese é a única que permitiu passar da descrição dos fenômenos sociais (e sua avaliação do ponto de vista do ideal) à sua análise estritamente científica, que destaca, digamos, o que diferencia um país capitalista de outro e estuda o que todos têm em comum⁴⁶. (OCE, 1981, v. 1, p. 143, ênfase no original).

Lenin destaca a diferença entre a descrição dos fenômenos sociais e a análise científica para traçar a divisão entre a teoria marxista e a não-marxista, bem como seus objetivos. Os populistas guiavam a ação a partir da visão na qual o camponês era o sujeito do processo revolucionário, ignorando o fato da existência concreta da forma social capitalista (o regime de trabalho e as relações sociais e de produção por ele engendradas). A avaliação de Lenin é dupla: condena os populistas pela utopia reacionária de repartir a terra igualmente, que generaliza e perpetua a pequena produção camponesa, mas reconhece o aspecto revolucionário da proposta populista contido no “desejo de varrer com uma insurreição camponesa todos os vestígios do regime de servidão⁴⁷” (OCE, 1981, v. 6, p. 358). Os social-democratas, por sua vez, deveriam se agrupar e organizar o proletariado em lutas

⁴⁵ No original: “Rusia ha emprendido la senda capitalista”.

⁴⁶ No original: “El análisis de las relaciones sociales materiales (es decir, de las que se establecen sin pasar por la conciencia de los hombres: al intercambiar productos, los hombres establecen relaciones de producción, incluso sin tener conciencia de que existe en ello una relación social de producción) permitió en el acto observar la repetición y la regularidad y sintetizar los regímenes de los distintos países en un solo concepto fundamental de *formación social*. Esta síntesis es la única que hizo posible pasar de la descripción de los fenómenos sociales (y de su valoración desde el punto de vista del ideal) a su análisis estrictamente científico, que destaca, pongamos por caso, lo que diferencia a un país capitalista de otro y estudia lo que tienen de común todos ellos”.

⁴⁷ No original: “[...] el deseo de barrer con una insurrección campesina todos los vestígios del régimen de servidumbre”.

políticas conscientes e direcionadas para a derrubada da autocracia em direção à revolução comunista, como sintetiza Lenin:

A atividade política dos social-democratas é contribuir para o desenvolvimento e a organização do movimento operário na Rússia, para tirá-lo do estado atual de tentativas dispersas e sem orientação de protesto, ‘tumultos’ e greves, para uma luta organizada DE TODA A CLASSE OPERÁRIA russa, dirigida contra o regime burguês e voltada para a expropriação dos expropriadores, para a destruição do regime social que se baseia na opressão do trabalhador. A base dessa atividade é a convicção, comum aos marxistas, de que o operário russo é o único representante natural de toda a população trabalhadora e explorada da Rússia.

[...]

É para a classe operária que os social-democratas direcionam toda a sua atenção e toda a sua atividade. Quando seus representantes avançados assimilarem as ideias do socialismo científico, a ideia do papel histórico do operário russo, quando essas ideias forem amplamente disseminadas e quando forem criadas organizações sólidas entre os operários, que transformarão a atual guerra econômica dispersa dos operários em uma luta de classes consciente, então, O OPERÁRIO RUSSO, colocando-se à frente de todos os elementos democráticos, derrubará o absolutismo e conduzirá O PROLETARIADO RUSSO (junto com o proletariado DE TODOS OS PAÍSES) na estrada reta da luta política aberta para A VITORIOSA REVOLUÇÃO COMUNISTA⁴⁸. (OCE, 1981, v. 1, p. 325; 327, capitulares no original).

No ano seguinte da publicação dessas linhas, Lenin consegue agrupar vinte círculos de estudos marxistas ativos em São Petersburgo sob a *União de Luta pela Emancipação da Classe Operária* (Союз борьбы за освобождение рабочего класса/Soiuz Borby za osvobozenie rabotchevo klassa), organização que contava com núcleo dirigente, encabeçado por Lenin, e atuação centralizada. Viaja ao exterior para encontrar pessoalmente com os marxistas exilados, com destaque para Plekhanov e seu círculo, o grupo *Emancipação do Trabalho*; na volta à Rússia em dezembro de 1895 Lenin e outros membros da *União* são presos devido ao envolvimento com a atividade revolucionária. Condenado a quatorze meses de prisão solitária e três anos de exílio na Sibéria, sua atividade política não se interrompe: encarcerado, escreve o projeto e explicação do Programa do POSDR, onde detalha os efeitos do desenvolvimento do capitalismo na Rússia, com a substituição da pequena produção pela

⁴⁸ No original: “La actividad política de los socialdemócratas estriba en contribuir al desarrollo y organización del movimiento obrero en Rusia, a hacerlo salir del estado actual de conatos de protesta, ‘motines’ y huelgas dispersos y sin una idea directriz, convirtiéndolo en una lucha organizada DE TODA LA CLASE obrera rusa dirigida contra el régimen burgués y tendente a la expropiación de los expropiadores, a la destrucción del régimen social que se funda en la opresión del trabajador. La base de esta actividad es el convencimiento, común a los marxistas de que el obrero ruso es el único representante natural de toda la población trabajadora y explotada en Rusia. [...] A la clase de los obreros dirigen los socialdemócratas toda su atención y toda su actividad. Cuando sus representantes avanzados asimilen las ideas del socialismo científico, la idea del papel histórico del obrero ruso, cuando estas ideas alcancen una amplia difusión y entre los obreros se creen sólidas organizaciones que transformen la actual guerra económica dispersa de los obreros en una lucha consciente de clase, entonces EL OBRERO ruso, poniéndose al frente de todos los elementos democráticos, derriberá el absolutismo y conducirá AL PROLETARIADO RUSO (al lado del proletariado DE TODOS LOS PAISES) por el camino recto de la lucha política abierta a LA REVOLUCION COMUNISTA VICTORIOSA”.

grande, a conversão dos pequenos proprietários em operários assalariados, a transferência da pequena quantia de dinheiro das mãos dos pequenos proprietários em enormes lucros nos bolsos dos capitalistas, obtidos por meio da exploração do trabalho operário, e o luxo e a riqueza dos banqueiros, seus acionistas e latifundiários, a custo da miséria e indigência das massas trabalhadoras. A forma de resistência apontada por Lenin é *união* para ação combinada de toda a classe operária, transformando os distúrbios isolados em luta de classe organizada contra os capitalistas e o aparato estatal autocrático (OCE, 1981, v. 2, p. 85-113). Em Minsk, entre 13 e 15 de março de 1898, foi fundado o POSDR (Partido Operário Social-Democrata Russo), que se tornaria o instrumento da luta organizada da classe operária russa. Do ponto de vista teórico, Lenin sentiu a necessidade de fornecer aos social-democratas uma compreensão mais sistematizada sobre o capitalismo russo e o funcionamento do mercado interno. Paralelamente, ele criticava as formulações dos economistas populistas sobre o mesmo tema, demarcando as diferenças analíticas entre os dois grupos, e do exílio escreve *O desenvolvimento do capitalismo na Rússia* (1899).

A passagem do século XIX para o XX é marcada por divergências teórico-organizativas entre os social-democratas russos, ainda que a ideia da criação do partido tenha representado um avanço em algumas dessas questões. O primeiro Congresso do POSDR publicou somente um manifesto de fundação e estatuto do partido, mas não havia ainda um órgão de imprensa partidário em circulação – visto que o primeiro jornal do partido, *Gazeta Operária* (Рабочая Газета/Rabotchaia Gazeta), não passou do segundo número (Moniz Bandeira, 1985, p. 36). Na verdade, nem sequer havia um partido, uma vez que após o Congresso a maioria dos delegados foi presa, exilada ou encontrava-se já no exílio, persistindo ainda no problema da dispersão dos grupos marxistas. Ao final do exílio, Lenin viajou novamente ao exterior para encontrar-se com Plekhanov e acordam em criar um jornal marxista de ampla circulação na Rússia, o *Iskra* (Искра/Centelha ou fâisca), cujo mote era “da centelha nascerá a chama”⁴⁹. O órgão oficial do POSDR era composto por uma equipe de seis editores (Lenin, Plekhanov, Akselrod, Zassulitch, Martov⁵⁰ e Potressov⁵¹), era redigido no

⁴⁹ Lenin retirou o nome e o mote de um verso de Aleksandr Ivanovitch Odoievski, poeta e uma das principais figuras da Revolta Dezembrista de 1825 (Frizman, 1990). Em 1919 foi feito um cartaz comemorativo em memória dos 94 anos da revolta. Nele lê-se o famoso verso de Odoievski, dois trabalhadores ostentando a bandeira comunista sob um monumento em formato de chama e com o nome dos líderes revoltosos; ao fundo os cinco líderes enforcados. O cartaz pode ser visto em: <https://bit.ly/3Tha7Ty>. Acesso em 7 dez. 2023.

⁵⁰ Iuli Osipovitch Tserbaum (Юлий Осипович Цедербаум), conhecido pelo pseudônimo Julius Martov, 1873-1923: revolucionário nascido na Turquia, iniciou a militância na União Judaica Trabalhista da Lituânia, Polônia e Rússia (Bund) para mais tarde se aproximar dos círculos marxistas da Rússia. Junto com Lenin fundou a *União de Luta pela Emancipação da Classe Operária*.

⁵¹ Aleksandr Nikolaievitch Potressov (Александр Николаевич Потресов), 1869-1934: revolucionário russo, estudou física, matemática e direito na Universidade de São Petersburgo, onde iniciou a militância inicialmente

exterior e distribuído clandestinamente na Rússia. O jornal teve importância para estabelecer de fato o programa, estatuto e orientação teórica para o partido, além de preparar seus militantes para a realização do segundo Congresso.

No entanto, o clima político entre os social-democratas exilados não era dos melhores. Havia divergências teóricas significativas entre os marxistas, com destaque para o movimento revisionista e reformista⁵² liderado por Bernstein⁵³. Ele defendia a necessidade de revisar as teses centrais de Marx, como a dialética e o materialismo, a luta de classes, o colapso do capitalismo e a ditadura do proletariado. Em seu lugar, Bernstein propunha a crença de que, ao fortalecer instituições como eleições, parlamentos, partidos e sindicatos nas sociedades capitalistas democráticas, seria possível alcançar uma 'evolução gradual' em direção ao socialismo. Em suma, Bernstein pretendia transformar o partido da revolução em um partido voltado para reformas sociais (Moniz Bandeira, 1985, p. 37). O revisionismo bernsteiniano ecoou nos círculos da social-democracia russa exilada em torno do jornal *A causa operária* (Рабочее Дело/Rabotcheie Dielo). Esse periódico reunia os chamados “economistas” (ou “economicistas”), um grupo que supervalorizava a luta estritamente econômica, simbolizada pelo aumento dos salários e pela melhoria das condições de trabalho, enquanto desvalorizavam a teoria e a existência de um partido revolucionário centralizado, apostando no caráter espontâneo das manifestações operárias.

A principal intenção político-teórica de Lenin naquele período era combater “aqueles que se apresentavam sob a máscara do socialismo, tais como a dos economistas, revisionistas e populistas” (Moniz Bandeira, 1985, p. 38), e essa luta, como visto, supera a fronteira jornalística, porque o razão desse celeuma dizia respeito aos rumos do marxismo na Rússia, cujo reflexo irradiava na organização, ação e teoria a ser adotada pelo POSDR. E no embate fundamental contra essas tendências que minimizavam a teoria e o partido revolucionário, mais uma vez Lenin recorreu às heranças do movimento populista, dessa vez em *Que fazer?* (1902), cujo título remete diretamente ao romance homônimo de Tchernychevski publicado cinquenta anos antes. O título do romance populista guarda uma referência bíblica contida na passagem do evangelho de Lucas 3:10-14⁵⁴:

populista, e depois marxista. Também participou da fundação da *União de Luta pela Emancipação da Classe Operária*.

⁵² Lenin (OE3T, 1982, v. 1, p. 40-46) apresenta um panorama do movimento revisionista europeu até a primeira década do século XX em *Marxismo e revisionismo*, de 1908.

⁵³ Eduard Bernstein, 1850-1932: político e teórico social-democrata alemão, foi um dos líderes da II Internacional e do *Sozialdemokratische Partei Deutschlands/Partido Social-Democrata da Alemanha* (SPD), Engels o considerava seu discípulo, lhe entregando a responsabilidade de publicação dos seus textos inéditos e de Marx.

⁵⁴ Lucas empregou a expressão grega τί ποιήσωμεν (*que fazer?*) dessa mesma forma, mas em circunstâncias diferentes em duas outras ocasiões no livro bíblico *Atos dos Apóstolos*, passagens 3:17 e 4:16.

E perguntavam as multidões, dizendo: ‘*Que devemos fazer?*’ [Τί οὖν ποιήσωμεν]. Ele [João], respondendo, dizia-lhes: ‘Quem tem duas túnicas reparta com quem não tem nenhuma. E quem tem comida faça o mesmo’. Vieram também cobradores de impostos para serem batizados e disseram-lhe: ‘Mestre, *que devemos fazer?*’ [τί ποιήσωμεν]. Ele disse-lhes: ‘Não cobreis mais nada além do estabelecido’. Interrogavam-no também alguns soldados, dizendo: ‘E nós, *que devemos fazer?*’ [τί ποιήσωμεν]. Ele disse-lhes: ‘Não chantageeis ninguém; não denunciéis injustamente e contentai-vos com o vosso soldo’. (Bíblia, 2021, p. 234, ênfase e colchetes inseridos).

A curiosa relação entre o texto bíblico e o romance se estabelece à medida que João, após “receber” a revelação divina, percorre a região do rio Jordão anunciando o batismo como forma de libertação dos erros⁵⁵. Ele orienta sobre a conduta a ser adotada por dois grupos distintos daqueles que se dispunham ao batismo: os publicanos e os soldados (funcionários a serviço da administração da província da Judeia) e as camadas populares, representada de forma mais abrangente pela “multidão”. No romance de Tchernychevski, por outro lado, a personagem principal, Vera Pavlovna, tem quatro sonhos com mensagens que a despertam para a ação⁵⁶. Krausz (2017, p. 42) afirma que outro personagem do romance, o revolucionário Rakhmetov⁵⁷ e seu vigor físico e atitude espiritual-moral serviu como modelo de inspiração para Lenin na passagem do romântico ao revolucionário.

Lenin nutria grande estima por Tchernychevski, possuía em seus pertences uma fotografia do autor em que anotou a data do nascimento e morte (Krupskaya, 1968, p. 170;

⁵⁵ É comum nas traduções bíblicas para fins religiosos a tradução de ἁμαρτία (*hamartia*, cometer um ato falho, errar) como “pecar”.

⁵⁶ No primeiro, Vera sai de um porão escuro e conhece a liberdade, experimenta a paralisia e logo em seguida conhece uma jovem chamada Amor à Humanidade, que a convida a refletir sobre o cárcere no porão e auxiliar outras jovens a se libertarem também (Tchernichevskii, 2019, p. 145-147); no segundo sonho, Vera, seu marido e Aleksei Petrovitch debatem sobre o motivo da lama real podre não comprometer as raízes de um plantio, e chegam a conclusão que isso não ocorre porque o movimento da água varre a putrefação, e o “movimento é realidade [...] porque movimento é a vida e a vida e realidade são uma coisa só. Mas a vida tem como seu principal elemento o trabalho. Por isso o principal elemento da realidade é o trabalho. O sinal mais genuíno de realidade é a atividade” (Tchernichevskii, 2019, p. 216). Entre o segundo e o terceiro sonho, Vera abre um ateliê de costura para trabalhadoras cooperadas e se convence que o estabelecimento pode funcionar sem ela, já que fora construído e mantido pelas próprias trabalhadoras, e imagina que outros ateliês poderiam funcionar da mesma forma, baseados apenas “nas mentes e nos músculos” das trabalhadoras (Tchernichevskii, 2019, p. 241). No terceiro sonho Vera lê em seu diário as anotações que fez sobre Lopukhov, seu esposo, e o descreve como bondoso, inteligente, generoso, de caráter nobre e natureza apaixonada, um libertador dotado de características que inspiram “respeito, confiança, amizade e prontidão para agir juntos” (Tchernichevskii, 2019, p. 300). No quarto sonho Vera é apresentada a uma misteriosa projeção feminina, e após uma incursão em episódios da história antiga, a projeção revela ser a própria Vera, capaz de alcançar a plenitude da liberdade e da igualdade entre homens e mulheres, e revela seu futuro. A revelação da Vera projetada é censurada por Tchernychevski que preenche a seção seguinte do capítulo com traços contínuos. Na avaliação de alguns dos analistas da obra, o conteúdo ocultado pelo autor é o ato revolucionário, a passagem da Vera sonhadora para a Vera com destino revolucionário concretizado (cf. nota 9 em Tchernichevskii, 2019, p. 479).

⁵⁷ Drozd (2002, p. 126-128; p. 268; p. 272-273) sustenta que o personagem foi inspirado em Pavel Aleksandrovitch Bakhmetev (c. 1828-?), nascido na mesma região do autor e cujas ideias filosóficas e estilo de vida se assemelham com Rakhmetov no romance. Bakhmetev teria vendido seus servos em 1857.

1984, p. 32), e o considerava “o maior e mais talentoso representante do socialismo antes de Marx”. Havia lido e relido muito do que Tchernychevski publicou n’*O Contemporâneo*. Dois anos após a publicação de *Que fazer?*, Valentinov (1968, p. 63-66, ênfase no original) relata que Lenin participou de um debate sobre o autor em uma cafeteria na Suíça. Defendendo o romancista, Lenin declarou que a leitura de Tchernychevski o introduziu ao materialismo filosófico e lhe indicou o papel de Hegel no desenvolvimento do pensamento filosófico, ao qual obteve o conceito de método dialético. Lenin teria dito que o livro do populista “transformou completamente a minha perspectiva. [...] Este romance fornece inspiração para toda a vida⁵⁸”, e confirmou a influência do romance na escolha do título.

Se o *Que fazer?* de Tchernychevski era um chamado à ação encriptado em um romance de aparência ingênua, o *Que fazer?* de Lenin é um claro chamado à ação organizada sob novas bases. No livro, Lenin (2020, p. 195-197) estabelece três períodos da história da social-democracia russa: 1884-1894, nascimento e consolidação da teoria e do programa social-democratas, ainda com poucos militantes e afastado do movimento operário; 1894-1898, contato com as massas, greves, agitações, luta contra o populismo, militância constituída por jovens operários e estudantes inexperientes; e no terceiro período, cujo marco foi a fundação do POSDR em 1898, o movimento cresceu, mas de modo disperso e vacilante em teoria⁵⁹. A resposta para a pergunta *o que fazer?* é breve, mas contundente: “liquidar o terceiro período” (Lênin, 2020, p. 197). Da mesma maneira, quanto ao *como fazer?*, Lenin havia respondido anos antes, em *Quem são os amigos do povo?*, retomando a fórmula de Liebknecht⁶⁰: “Studieren, Propagandieren, Organisieren⁶¹” (OCE, 1981, v. 1, p. 324).

Estudar, para Lenin, significa instruir-se sobre as questões teóricas do socialismo científico, e o tratar como ciência que deve ser estudada, afastando-se cada vez mais da concepção praticista, errante e despreocupada em relação à teoria. *Propagandear* a imprensa revolucionária para unir a teoria e a política em agitação no combate decisivo às tendências anti-proletárias (liberalismo burguês, monarquismo, reacionarismo, etc.) e pseudoproletárias (espontaneísmo, oportunismo, reformismo, revisionismo, entre outros), a fim de politizar as

⁵⁸ No original: “the greatest and most talented representative of socialism before Marx! [...] *He completely transformed my outlook*. [...] This novel provides inspiration for a lifetime”.

⁵⁹ Além do revisionismo e reformismo de tipo bernsteiniano, havia também na esquerda política russa a perspectiva revisionista na literatura marxista legal (os “críticos russos” como Struve e Bulgakov, que tomavam de Marx a crítica ao feudalismo, mas negavam a perspectiva revolucionária) e o Partido Socialista-Revolucionário (SRs) ou populistas legais, partido que pretendia ser herdeiro da tradição populista na defesa do socialismo de tipo agrário.

⁶⁰ Wilhelm Liebknecht, 1826-1900: político social-democrata alemão. Foi amigo de Marx e pai de Karl Liebknecht, participou da Liga dos Comunistas, da I Internacional e fundou o SPD.

⁶¹ “Estudar, propagandear e organizar”.

lutas sociais contra o tsarismo. E *organizar* o conjunto da sociedade não mais entendido como “povo” em abstrato, mas como classe.

Para tanto, era necessário um partido composto por “revolucionários profissionais” (Lênin, 2020, p. 126), isto é, militantes comprometidos teórica e politicamente, e sobretudo capazes de lidar com a repressão tsarista e a polícia política, intercalar trabalho clandestino e legal quando necessário, capacidade crítica, autocrítica, autodisciplina e unidade. Assim, a superação do terceiro período da social-democracia russa consistiria em, por um lado, incorporar as conquistas políticas da plêiade da *intelligentsia* revolucionária das décadas precedentes – Herzen, Belinski e Tchernychevski, considerados por Lenin (2020, p. 40-41) “os precursores da social-democracia russa” – e, por outro, inspirar-se na social-democracia alemã e em seu Programa de Erfurt⁶² para garantir a unidade do partido e a consolidação de seu programa. A consequência almejada por Lenin consistiria em elevar o partido à vanguarda revolucionária em movimento, cuja ação congrega três frentes de luta guiada pelo marxismo: a política, a econômica e a teórica (Lênin, 2020, p. 41).

Ao refletir sobre *Que fazer?* em 1907, Lenin (LCW, 1978, v. 12, p. 101-102), ênfase no original) avalia que o erro dos críticos é tratar o livro fora do contexto histórico concreto em que aquela proposta estava inserida, isto é, a luta contra a influência das diversas tendências reformistas e oportunistas no movimento operário, fazendo do livro “um *resumo* das táticas e da política organizacional do *Iskra* em 1901 e 1902. Precisamente um ‘*resumo*’, nem mais, nem menos. Isso ficará claro para qualquer pessoa que se dê ao trabalho de examinar os arquivos do *Iskra* de 1901 e 1902⁶³”, porque para Lenin, nas condições históricas que prevaleciam na Rússia entre 1900 e 1905, nenhuma outra organização a não ser o *Iskra* poderia ter criado o POSDR tal como se configurou naquele momento.

O II Congresso do POSDR, realizado em Bruxelas e Londres entre julho e agosto de 1903, reuniu delegados de 26 organizações social-democratas com atuação na Rússia ou no exterior e alguns observadores com voz consultiva⁶⁴ (Ascher, 1972, p. 182; Fahlgren e

⁶² O Programa de Erfurt (adotado em 1891, sucedeu o Programa de Gotha), exerceu grande influência em Lenin na década de 1890, que o traduziu para o russo em 1894 (cf. Lih, 2006, p. 74).

⁶³ No original: “*What Is To Be Done?* is a *summary of Iskra* tactics and *Iskra* organisational policy in 1901 and 1902. Precisely a ‘*summary*’, no more and no less. That will be clear to anyone who takes the trouble to go through the file of *Iskra* for 1901 and 1902”.

⁶⁴ De acordo com Lenin (OCE, 1982, v. 8, p. 15), a distribuição política dos 51 votos do Congresso era: 33 iskristas, 6 centristas, 5 bundistas, 4 Iujnyi Rabotchistas e 3 “economicistas”, e recorda a presença de 10 delegados com voz consultiva. Para Frankel (1969, p. 59), havia 47 delegados: 39 iskristas, 5 bundistas, 2 “economicistas” e sua irmã, enquanto nada é dito sobre o número de delegados não-votantes. Elwood (1974, p. 38), por sua vez, configura outra distribuição para 57 delegados: 32 representavam 20 organizações clandestinas, 11 representavam vários grupos emigrantes, enquanto 14 compareceram em capacidade consultiva. No apêndice da edição de Fahlgren e Walters (1978, 513-515), é nomeado 43 delegados com voto e as 26 organizações por

Walters, 1978, p. 513-515). O plano do Congresso previa o debate e oficialização do programa partidário (cujo esboço já havia sido publicado no *Iskra*), estatuto e estrutura organizacional de funcionamento. Contudo, a discussão sobre associação e atribuições do militante social-democrata (quarto artigo do primeiro ponto do Programa do POSDR) marcou a cisão entre bolcheviques e mencheviques. Lenin (apoiado por Plekhanov) defendeu que “um membro do partido é aquele que reconhece o seu Programa e o apoia tanto financeiramente como através da participação pessoal em uma das organizações do partido⁶⁵”, enquanto para Martov (apoiado por delegados “economicistas” e do Bund) “um membro do Partido Operário Social-Democrata Russo é aquele que aceita o seu Programa, apoia-o financeiramente e presta-lhe assistência pessoal regular sob a orientação de uma das suas organizações⁶⁶” (Elwood, 1974, p. 38; p. 45). Coggiola (2017, p. 188) aponta que embora à primeira vista parecesse sutil e insignificante, essa divergência escondia um desacordo fundamental sobre o tipo de partido (parlamentar ou revolucionário) e para qual tipo de atividade (eleitoral ou revolucionária). A proposta de Martov venceu por 28 votos a 23; no entanto, os três delegados “economicistas” e os cinco bundistas se retiraram após terem suas propostas derrotadas, o que fez Martov estabelecer minoria nas demais votações.

Mesmo derrotado em seu ponto, Lenin tentou manter unidade nas sessões do Congresso: “[...] de modo algum considero a nossa diferença tão vital que seja uma questão de vida ou morte para o Partido. Não morreremos porque há um ponto mal redigido nos estatutos!⁶⁷” (OCE, 1981, v. 7, p. 303). A derrota política mais sentida por Martov e seu grupo dizia respeito à composição editorial do *Iskra*. A proposta de Lenin colocava Plekhanov, Martov e Lenin como editores do jornal, enquanto a de Martov somava os antigos membros à tróica proposta por Lenin. O argumento sustentado por Lenin excluía da direção do jornal os membros “ausentes” (em especial Akselrod e Zassulitch) e prezava os membros assíduos – voto vencido, a minoria recusou a decisão do Congresso e Martov demitiu-se do jornal. Consumada a cisão, episódios semelhantes repetiram-se. Na carta para Potressov em setembro de 1903, Lenin avaliava tal posição sem precedentes:

eles representadas, bem como os 14 delegados consultivos. Broué (2014, p. 33) afirma que 4 entre os quase 50 delegados eram operários.

⁶⁵ No original: “A member of the party is one who recognizes its Programme, and supports it both financially and by personal participation in one of the party organizations”.

⁶⁶ No original: “A member of the Russian Social Democratic Labour Party is one who accepts its Programme, supports it financially, and extends it regular personal assistance under the guidance of one of its organizations”.

⁶⁷ No original: “[...] no considero en absoluto que nuestro desacuerdo sea tan sustancial como para que dependa de él la vida o la muerte del Partido. ¡No moriremos porque en los estatutos haya un punto mal redactado!”.

Provocar uma cisão por este motivo? Destruir o Partido por este motivo? [...] Se a maioria dos iskristas, tanto na organização do *Iskra* como no Congresso, considerasse que esta nuance parcial da linha política e organizativa de Martov estava errada, não seria absurdo tentar atribuí-la a ‘intrigas’, ‘instigações’, etc.? Não seria absurdo tentar esconder este fato insultando a maioria e chamando-lhe ‘gentalha’? [...] E *provocar uma cisão pelo fato de alguém ter sido excluído do órgão central parece-me uma loucura inacreditável*⁶⁸. (OCE, 1987, v. 46, p. 343-344, ênfase inserida).

O significado histórico do Programa redigido por Lenin e Plekhanov e aprovado em 1 de agosto de 1903 reside, entre outras coisas, pelo fato deste ter sido o primeiro partido da história a assumir a consigna da ditadura do proletariado, “a condição essencial para a revolução social”, definida como “a conquista, pelo proletariado, de um poder político que lhe permita suprimir qualquer resistência por parte dos exploradores⁶⁹” (Elwood, 1974, p. 41). O Programa aprovado pelo Congresso incorporou as demandas camponesas, feito inédito em relação aos outros programas social-democratas europeus, e viabilizou a instituição de comitês no campo (Elwood, 1974, p. 38; p. 44-45). Não sem concessões, o Programa continha o entendimento marxista da relação entre capitalismo e questão agrária – reservado às diferenças, encontrado tanto em Plekhanov quanto em Lenin – alinhada com os objetivos revolucionários de agitação e organização social-democrata também no campo. O Programa levou Lenin e os bolcheviques a defenderem, no contexto da revolução de 1905, a participação dos operários na revolução de caráter democrático-burguês sob o lema da “ditadura democrática operário-camponesa do proletariado”. Essa defesa se baseava na compreensão de que as circunstâncias internas e externas do desenvolvimento da revolução poderiam conduzir a uma “fase socialista” capaz de reprimir as forças reacionárias que buscavam restaurar a autocracia (Krausz, 2017, p. 134).

A revolução de 1905 realçou as diferenças táticas e estratégicas dos grupos social-democratas, e as conquistas democráticas momentâneas logo transformaram-se em uma nova onda de repressão e perseguição aos movimentos revolucionários entre 1905-1907 e reação política entre 1907-1910. O Partido encontrou-se disperso mais uma vez, agravando a luta ideológica no seio do movimento operário russo. Na avaliação de Lenin (OCE, 1984, v. 25, p. 137-138) as tendências da luta ideológica podem ser divididas no período de 1895-1902

⁶⁸ No original: “¿Provocar un rompimiento por esta razón? ¿Destruir por ello el Partido?? [...] Si la mayoría de los iskristas, tanto en la organización de *Iskra* como en el Congreso, halló que ese matiz particular de la línea política y organizativa de Mártoev era erróneo, ¿no es realmente absurdo pretender atribuirlo a ‘intrigas’, ‘instigaciones’, etc.?? ¿No sería absurdo tratar de ocultar este hecho insultando a la mayoría y calificándola de ‘gentuza’?? [...] Y provocar una escisión porque alguien ha sido excluido del organismo central me parece una locura increíble.”

⁶⁹ No original: “The essential condition for this social revolution is the dictatorship of the proletariat; i.e., the conquest by the proletariat of such political power as will enable it to suppress any resistance on the part of the exploiters”.

entre “economicistas” e os marxistas consequentes (mais tarde iskristas); 1903-1908 entre mencheviques e bolcheviques; e 1908-1914 na luta entre os liquidacionistas⁷⁰ e os marxistas. Lenin descreve o liberalismo e o populismo da primeira década do século XX, tendências externas à social-democracia e com influência política nas massas trabalhadoras russas, como utopias políticas. A utopia liberal consistiria em uma presunçosa noção que seria possível obter melhorias na Rússia sem luta de classes, enquanto a utopia populista era um devaneio que previa suprimir ou manter de modo “justo” e “igualitário” a divisão das terras sob a produção capitalista. Ambas tendências lutavam contra a velha ordem tsarista, mas ingenuamente ancoravam-se em posições de classe sem independência política na luta contra a autocracia: a intelectualidade burguesa liberal e o pequeno proprietário – e justamente aí residia sua fraqueza.

A posição marxista, para Lenin, é hostil a todas as utopias e mantém a posição de independência de classe em relação à velha ordem e luta “*desinteressadamente* contra o feudalismo precisamente porque nem num centésimo tem a participação na propriedade que faz da burguesia um adversário hesitante e frequentemente um aliado dos feudais” (OE6T, 1984, v. 2, p. 65, ênfase no original). A posição populista defendida pelo pequeno proprietário de terras é hesitante porque ele próprio participa da pequena produção mercantil e não luta sem interesses contra o feudalismo, por isso sua política de interesses oscila entre a burguesia e o proletariado, liberalismo e marxismo. Naquela circunstância era trabalho dos marxistas “separar cuidadosamente da casca das utopias populistas o núcleo são e valioso do democratismo sincero, resoluto e combatente das massas camponesas”, adverte Lenin (OE6T, 1984, v. 2, p. 66, colchetes inseridos), “na velha literatura marxista dos anos [18]80 do século passado pode-se encontrar uma aspiração aplicada de maneira sistemática de destacar esse valioso núcleo democrático”.

Se Ilia Ulianov foi um tipo de *raznotchintsy* e seu filho mais velho um populista-terrorista, Lenin foi um marxista que elevou o socialismo científico à ferramenta indispensável na construção da hegemonia proletária na mais atrasada formação social europeia. E assim o fez porque ao renunciar às práticas vacilantes do liberalismo e do socialismo utópico, incorporou, na mesma medida, as conquistas teórico-políticas de épocas revolucionárias precedentes. Ou ainda, dito de outra forma, retirou do núcleo revolucionário da *intelligentsia* da geração dos “pais” e dos “filhos” a posição contrária a autocracia e a servidão e a atuação em círculos clandestinos de organização e propaganda, para a partir daí

⁷⁰ Corrente que nasceu no POSDR após a repressão da revolução de 1905 e tinha como objetivo encerrar as atividades ilegais do partido em prol da resignação à autocracia.

prosseguir com a formação da *intelligentsia* proletária organizada. Desenvolveu-se dos anseios democráticos do liberalismo oblomovista e do socialismo utópico populista para o socialismo científico e da prática guiada por ele.

Harding (1996, p. 51) nos apresenta uma imagem da postura intelectual de Lenin até 1914 como um

líder pouco conhecido de uma parte de um partido marxista irremediavelmente cismático em todos os aspectos, nos extremos do socialismo europeu. Os seus escritos eram virtualmente desconhecidos, pelas razões suficientes de serem quase exclusivamente paroquiais, publicados em pequenas edições e não traduzidos, ou então tratavam de assuntos (como a filosofia e a dialética) que eram considerados pelos líderes práticos dos partidos políticos de massas como sendo largamente irrelevantes. [...] Se ele parecia estranho aos seus colegas socialistas europeus, não era devido à sua origem jacobina ou russa, mas antes porque, para seu frequente incômodo, levava a sério a pureza doutrinária marxista⁷¹.

Talvez ciente dos motivos de sua cisma e convicto da importância e significado dela, Lenin deixou um recado à posterioridade quando escreveu certa vez que “um dia os historiadores estudarão sistematicamente essa aspiração [de destacar do populismo seu núcleo democrático e revolucionário] e descobrirão a sua ligação com aquilo que recebeu o nome de ‘bolchevismo’ no primeiro decénio do século XX” (OE6T, 1984, v. 2, p. 66, colchetes inseridos). Na esteira desta afirmação, o objetivo da seção foi contribuir para a apreensão dessa trama na medida que apontou elementos teóricos e históricos de continuidade e descontinuidade na formação do pensamento político de Lenin nas duas primeiras décadas de sua atuação.

2.2 Lenin e a dialética: retorno, redescoberta e renascimento

Logo que se irrompeu a Primeira Guerra Mundial, a cisão do movimento social-democrata generalizou-se. Os representantes da II Internacional na Alemanha e em outros países abarrotaram-se de chauvinismo belicista e aprovaram os créditos de guerra nas respectivas casas legislativas nacionais. Abandonando a afamada frase de encerramento do *Manifesto do Partido Comunista*, os social-democratas resignaram ao mote de união internacional proletária; outros, em um frenesi mavórtico, criam ser possível, por si só, pôr

⁷¹ No original: “Until 1914 Lenin was the little-known leader of one part of a hopelessly schismatic Marxist party in every respect at the extremities of European socialism. His writings were virtually unknown, for the sufficient reasons that they were almost wholly parochial, issued in small editions and untranslated, or else they were concerned with matters (such as philosophy and dialectics) that were felt by the practical leaders of mass political parties to be largely irrelevant. [...] If he did appear odd to his fellow European socialists it was not because of his Jacobin or Russian background, but rather because, to their frequent embarrassment, he took Marxist doctrinal purity so seriously”.

fim aos impérios europeus numa guerra interimperialista. Nesse cenário político difuso e hesitante, Lenin pôs-se a estudar Hegel. A presente seção apresentará o “retorno a Hegel” como ponto de inflexão do marxismo de Lenin, cujos frutos teórico-políticos representaram um renascimento da dialética.

Ainda que Lenin tenha se dedicado a uma leitura mais aprofundada de Hegel apenas durante seu exílio na Suíça, entre 1914 e 1915, como sustenta Althusser (2023, p. 56), é certo que os fundamentos do pensamento dialético já estavam presentes, mesmo que indiretamente, em seus estudos anteriores. Esses fundamentos foram assimilados por meio das leituras de Tchernychevski e Plekhanov (Mayer, 1999, p. 42), pensadores que, influenciados em maior ou menor grau por Hegel e pelo hegelianismo, também exerceram, ao lado de Marx e Engels, uma grande influência na formação do pensamento revolucionário de Lenin (Krausz, 2017, p. 42). Já no prefácio à compilação dos cadernos filosóficos (OCE, 1986, p. xiii) os editores soviéticos afirmam que Lenin conheceu a *Ciência da lógica* no confinamento na Sibéria entre 1897 e 1900, e que mais tarde leu a *Enciclopédia das ciências filosóficas* como parte do estudo para a escrita de *Materialismo e empiriocriticismo* (1908). O filósofo soviético Ilyenkov (1979, p. 12) sustenta que nesse mesmo período Lenin estudou a *Fenomenologia do Espírito*, enquanto Krupskaya (1984, p. 31-32) insere Hegel, Kant e os naturalistas franceses na rota de leitura de Lenin no exílio. A importância desse programa de estudos é colocada em evidência em diferentes momentos da produção intelectual de Lenin: em *Materialismo e empiriocriticismo*, insere Diderot e os enciclopedistas no campo do materialismo, a qual contrapõe a filosofia de Mach e seus seguidores (Lénine, 1982, p. 27; p. 36); nas anotações de 1914-1915, Lenin (2018, *passim*) toma partido das colocações de Hegel contra Kant; e por fim, em 1922, Lenin (OE3T, 1980, p. 565), seguido de Engels, estimula a leitura e difusão da literatura ateísta francesa do século XVIII, se referindo, possivelmente, aos naturalistas mencionados por Krupskaya.

Essa linhagem de influências se mostra evidente ao tomarmos a máxima dialética frequentemente usada⁷² pelo revolucionário bolchevique de que *não há verdade abstrata, a verdade é sempre concreta*, encontrada textualmente seis vezes entre 1904-1921:

⁷² Depois de Lenin, essa máxima se popularizou de tal forma que não é incomum lê-la em textos de outros autores, como em Trotski (1934) e Ilyenkov (1960, capítulos 1 e 3).

Quadro 5. Ocorrência da passagem “não há verdade abstrata, a verdade é sempre concreta” nos textos de Lenin

Ano	Título
1904	Um passo em frente, dois passos atrás (a crise no nosso Partido)
<p>“A ideia fundamental do artigo <i>O Que não Se Deve Fazer</i> é que, em política, não se deve ser rectilíneo, inoportunamente áspero e inoportunamente intransigente, que por vezes, para evitar a cisão, é indispensável fazer cedências tanto aos revisionistas (dos que se aproximam de nós ou dos inconsequentes) como aos individualistas anarquistas. É perfeitamente natural que estas teses abstractas, de ordem geral, tenham provocado a perplexidade geral entre os leitores do Iskra. Não se pode ler sem riso as magníficas e altivas declarações do camarada Plekhánov (em artigos posteriores) de que não o compreenderam em virtude da novidade das suas ideias, por não se conhecer a dialéctica. [...] A infelicidade do camarada Plekhánov foi ter lançado em circulação perante uns dez mil leitores uma série de alusões, censuras, sinais algébricos e enigmas dirigidos apenas a estas dez pessoas que tinham participado, depois do congresso, em todas as peripécias da luta contra a minoria. O camarada Plekhánov incorreu nessa infelicidade por ter infringido o princípio fundamental da dialéctica, que com tão pouca felicidade invocara: <i>não há verdades abstractas, a verdade é sempre concreta</i>. Por isso mesmo, era deslocado apresentar sob uma forma abstracta a ideia muito concreta de fazer uma cedência aos martovistas depois do congresso da Liga”. (OE3T, 1982, v. 1, p. 336, ênfase inserida).</p> <p>“Mas a grande dialéctica hegeliana, que o marxismo fez sua depois de a ter posto de pé, nunca deve ser confundida com o processo vulgar que consiste em justificar os ziguezagues dos políticos que passam da ala revolucionária para a ala oportunista do partido, ou com o costume vulgar de enfiar no mesmo saco declarações isoladas, momentos diferentes do desenvolvimento de diversas fases dum processo único. A verdadeira dialéctica não justifica os erros pessoais, estuda as viragens inevitáveis, provando a sua inevitabilidade com um estudo pormenorizado do desenvolvimento em todos os aspectos concretos. O princípio fundamental da dialéctica é: <i>não existe verdade abstracta, a verdade é sempre concreta</i>... E é preciso também não confundir a grande dialéctica hegeliana com a sabedoria vulgar, tão bem expressa no provérbio italiano: <i>mettere la coda dove non vá il capo</i> (meter o rabo onde a cabeça não cabe)”. (OE3T, 1982, v. 1, p. 367, ênfase inserida).</p>	
1904	Um passo em frente, dois passos atrás: réplica de N. Lenin para Rosa Luxemburgo⁷³
<p>“Ela [Rosa Luxemburgo] repete palavras sem nexos sem se preocupar em entender seu significado concreto. Ela suscita problemas sem se informar sobre a questão real da controvérsia. Ela coloca em minha boca lugares-comuns, princípios e concepções gerais, verdades absolutas, e tenta passar por cima das verdades relativas, pertencentes a fatos perfeitamente definidos, com os quais somente eu opero. E então ela se insurge contra as fórmulas definidas e invoca a dialéctica de Marx! É o próprio artigo do digno camarada que consiste em nada além de fórmulas fabricadas e vai contra o ABC da dialéctica. Esse ABC nos diz que <i>não existe verdade abstrata, a verdade é sempre concreta</i>. A camarada Rosa Luxemburgo ignora com altivez os fatos concretos da luta do nosso partido e se envolve em declamações grandiloquentes sobre assuntos que é impossível discutir seriamente⁷⁴”.</p>	

⁷³ No original: “One step forward, two steps back: reply by N. Lenin to Rosa Luxemburg”.

⁷⁴ No original: “She repeats naked words without troubling to grasp their concrete meaning. She raises bogeys without informing herself of the actual issue in the controversy. She puts in my mouth commonplaces, general principles and conceptions, absolute truths, and tries to pass over the relative truths, pertaining to perfectly definite facts, with which alone I operate. And then she rails against set formulas and invokes the dialectics of Marx! It is the worthy comrade’s own article that consists of nothing but manufactured formulas and runs counter to the ABC of dialectics. This ABC tells us that there is no such thing as abstract truth, truth is always concrete. Comrade Rosa Luxemburg loftily ignores the concrete facts of our Party struggle and engages in grandiloquent declamation about matters which it is impossible to discuss seriously”.

(LCW, 1961, v. 7, p. 475-476, ênfase e colchetes inseridos).	
1906	Duas táticas da Social-Democracia na Revolução Democrática
<p>“As tarefas políticas concretas devem ser colocadas numa situação concreta. Tudo é relativo, tudo flui, tudo se modifica. A social-democracia alemã não inclui no seu programa a reivindicação da república. Neste país a situação é tal que esta questão dificilmente pode ser separada, na prática, da questão do socialismo (se bem que, em relação à Alemanha, Engels, nas suas observações sobre o projecto de programa de Erfurt, em 1891, advertisse contra a tendência de menosprezar a importância da república e da luta pela república!) Na social-democracia russa nem sequer surgiu a questão de suprimir do programa e da agitação a reivindicação da república, pois no nosso país nem sequer se põe a questão de uma ligação indissolúvel entre a questão da república e a questão do socialismo. Um social-democrata alemão de 1898 que não colocasse em primeiro plano de modo especial a questão da república era um fenómeno natural que não provocava nem surpresa nem censura. Um social-democrata alemão que, em 1848, deixasse na sombra a questão da república teria sido simplesmente um traidor à revolução. <i>Não há verdade abstracta. A verdade é sempre concreta</i>”. (OE3T, 1982, v. 1, p. 433, ênfase inserida).</p>	
1921	Mais uma vez sobre os Sindicatos, o momento actual e os erros dos camaradas Trótski e Bukhárine
<p>“A lógica dialéctica exige que se vá mais além. Para conhecer verdadeiramente o objecto é preciso abarcar e estudar todos os seus aspectos, todas as ligações e ‘mediações’. Nunca o conseguiremos integralmente, mas a exigência da multilateralidade prevenir-nos-á contra os erros e o ancilamento. Isto em primeiro lugar. Segundo, a lógica dialéctica exige que o objecto seja tomado no seu desenvolvimento, no seu ‘automovimento’ (como diz por vezes Hegel), na sua mudança. Em relação ao copo isso não é imediatamente evidente, mas o copo também não permanece imutável, e em particular muda o destino do copo, o seu uso, a sua ligação com o mundo circundante. Terceiro, toda a prática humana deve entrar na ‘definição’ completa do objecto como critério da verdade e como determinante prático da ligação do objecto com aquilo que é necessário para o homem. Quarto, a lógica dialéctica ensina que <i>‘não há verdade abstracta, a verdade é sempre concreta’</i>, como gostava de dizer, na sequência de Hegel, o defunto Plekhánov. (Acho oportuno assinalar entre parênteses para os jovens membros do partido que não se pode ser comunista consciente, autêntico, sem estudar – precisamente estudar – tudo aquilo que Plekhánov escreveu sobre filosofia, pois é o melhor de toda a literatura internacional do marxismo)”. (OE3T, 1980, v. 3, p. 451-452, ênfase inserida).</p>	
1921	Materiais para o folheto “Mais uma vez sobre os Sindicatos, o momento actual e os erros dos camaradas Trótski e Bukhárine”⁷⁵
<p>Lógica formal e lógica dialéctica α) em todos os aspectos β) em desenvolvimento γ) a prática humana <i>compris</i> [incluída] Σ = δ) “<i>não há verdade abstracta</i>”. “<i>A verdade é sempre concreta</i>”⁷⁶ (OCE, 1986, v. 42, p. 434, ênfase e colchetes inseridos).</p>	

Elaboração própria.

⁷⁵ No original: “Materiales para el folleto ‘Una vez mas acerca de los sindicatos, el momento actual y los errores de los camaradas Trotski y Bujarin’”.

⁷⁶ No original: “Lógica formal y lógica dialéctica

α) en todos los aspectos

β) en desarrollo

γ) la práctica humana y *compris*

Σ = δ) ‘no hay verdad abstracta’. ‘La verdad es siempre concreta’”.

Anderson (2022, p. 61) atribui a fonte da máxima a Plekhanov, tendo Lenin tomado deste o ensinamento dialético. Plekhanov a empregou em, no mínimo, duas ocasiões: a primeira em *O desenvolvimento da concepção monista da história* (1895) ao afirmar que

Mas, na realidade, tudo depende das circunstâncias, das condições de tempo e lugar – e, portanto, Hegel reconheceu que as frases gerais anteriores, que julgavam o bem e o mal sem examinar as circunstâncias e as causas pelas quais o fenômeno em questão surgiu – pronunciamentos abstratos gerais – eram insatisfatórias. Cada objeto, cada fenômeno tem seu próprio significado, e o julgamento deve ser feito conforme o contexto em que ele existe. Essa regra foi expressa pela fórmula: ‘*Não existe verdade abstrata, a verdade é concreta*’, ou seja, um julgamento definitivo pode ser feito sobre um fato definido somente após o exame de todas as circunstâncias das quais ele depende⁷⁷. (Plekhanov, 1947, p. 103-104, ênfase inserida).

E em *A concepção materialista da história* (1897), lê-se que “hoje sabemos que *não existe verdade absoluta, que tudo é relativo, que tudo depende das condições de tempo e lugar*; mas, justamente por esse motivo, devemos ser muito cautelosos ao julgar a ‘ignorância’ de vários períodos históricos⁷⁸” (Plekhanov, 1977, p. 60, ênfase inserida). No entanto, ao contrário do que Anderson afirma, a fonte de Plekhanov é Tchernychevski, como assegura Mayer (1999, p. 46). Isso se comprova ao notarmos que toda a passagem presente no trabalho de Plekhanov de 1895 (citado acima em recuo) é uma citação retirada *ipsis verbis* de Tchernychevski (1953, p. 465) em *Ensaio sobre o período de Gogol na literatura russa*, publicado entre 1855 e 1856 n’*O Contemporâneo*. Assim, temos que Plekhanov recuperou a máxima de Tchernychevski após quatro décadas, e que Lenin, por sua vez, tomou de Plekhanov quase uma década depois, distando, naquela ocasião, cinco décadas desde a formulação de Tchernychevski.

O reencontro de Lenin com Hegel às vésperas da Primeira Guerra Mundial se deu por intermédio da publicação em setembro de 1913 da correspondência de Marx e Engels⁷⁹ entre 1844 e 1883. A edição da obra ficou a cargo da comissão formada por Bernstein e Bebel

⁷⁷ No original: “But in reality everything depends on circumstances, on conditions of time and place – and therefore Hegel recognised that the former general phrases, which judged of good and evil without examining the circumstances and causes through which the given phenomenon arose – general abstract pronouncements – were unsatisfactory. Each object, each phenomenon has its own significance, and judgment must be passed on it in keeping with the environment in which it exists. This rule was expressed by the formula: ‘There is no abstract truth, truth is concrete’, i.e. a definitive judgment can be passed about a definite fact only after examining all the circumstances on which it depends”.

⁷⁸ No original: “We know today that there is no such thing as absolute truth, that everything is relative, that everything is dependent on the conditions of time and place; but precisely for that reason, we should be very cautious in judging the “ignorance” of various historical periods”. Em *Materialismo e empiriocriticismo*, Lenin (1982, p. 101) apresenta uma noção mais sofisticada da dialética entre verdade absoluta e verdade relativa.

⁷⁹ Recentemente foram publicados no Brasil alguns trechos dessas cartas pela Editora Expressão Popular sob o título *Cartas sobre o capital* (2020).

(membros o SPD e testamentários literários de Engels), a filha de Marx, Laura Lafargue, o historiador Franz Mehring e David Riazanov⁸⁰. Segundo nota das obras completas em espanhol (OCE, 1984, v. 24, p. 467), o plano de Lenin era publicar um extenso estudo sobre os quatro volumes da edição alemã das cartas, o que não se concretizou; em função disso, foram incluídas nas obras completas apenas o material sistematizado em texto por Lenin, publicado no *Pravda* (Правда/Verdade) em 28 de novembro de 1920, em ocasião do centenário de nascimento de Engels. A nota das obras escolhidas em inglês (LCW, 1963, v. 19, p. 588) aponta que o material “não-finalizado”, ou seja, grifos, anotações e notas de leitura somam 76 páginas, tendo sido publicados em Moscou em 1959⁸¹ (White, 2015, p. 141). No texto publicado no *Pravda*, Lenin (ОЕ6Т, 1984, v. 2, p. 125) declara:

Se tentarmos definir numa palavra, por assim dizer, o fulcro de toda a correspondência, esse ponto central a que se reduz toda a rede de ideias expressas e discutidas, essa palavra será a dialéctica. A aplicação da dialéctica materialista à transformação de toda a economia política desde os seus fundamentos, à história, às ciências da natureza, à filosofia, à política e à tática da classe operária – é isto o que mais que tudo interessa Marx e Engels, é nisto que eles contribuem com o que é mais essencial e novo, é nisto que consiste o seu genial passo em frente na história do pensamento revolucionário.

A carta de Marx para Engels em 16 de janeiro de 1858 certamente exerceu um impacto em Lenin ao ler da pena de Marx que

[...] fiz magníficos achados. Por exemplo, joguei ao mar toda a teoria do lucro, tal como existia até agora. No *método de análise*, algo me prestou um grande serviço: por pura casualidade [*by mere accident*], voltei a folhear a *Lógica* de Hegel (Freiligrath encontrou alguns livros de Hegel que haviam pertencido antes a Bakunin e me enviou como presente). Se algum da voltar a ter tempo para este tipo de trabalho, proporcionarei a mim o grande prazer de tornar acessível aos homens de

⁸⁰ David Borissovitch Goldendakh Riazanov (Давид Борисович Гольдендах Рязанов), 1870-1938: foi arquivista conhecido pela erudição e rigor científico no trato das obras de Marx e Engels. Inicialmente *narodnik*, aderiu aos bolcheviques em agosto de 1917. Foi preso e exilado devido ao envolvimento com a propaganda marxista. Trabalhou nos arquivos do SPD e no Museu Britânico. Após a revolução de outubro, participou da fundação do Instituto Marx-Engels (IME, posteriormente fundido com o Instituto Lenin (IL), originando o IMEL), do qual foi diretor. Compilou e publicou uma série de arquivos de Marx e Engels, como os *Grundrisse*, *Manuscritos de Paris*, e textos jornalísticos compilados, série de traduções comentadas, entre outros. Sob seus cuidados, foi iniciado a reunião e publicação da obra completa de Marx e Engels, a *Marx-Engels-Gesamtausgabe* (MEGA). Dedicou mais de 40 anos ao estudo e divulgação da obra de Marx e Engels e foi vice-presidente da Academia de Ciências da URSS. Em 1931, acusado de “menchevismo”, foi preso, expulso do partido e afastado de suas funções no IMEL. Trabalhou na Biblioteca da Universidade de Saratov entre 1931 e 1936. Em 1937, foi preso novamente, acusado de fazer parte de uma “conspiração trotskista”, tendo sido executado.

⁸¹ Não foi possível encontrar a publicação póstuma de Lenin, organizada pelo Instituto de Marxismo-Leninismo da URSS em 1959, *Conspecto da “Correspondência entre K. Marx e F. Engels 1844-1883”* (Конспект «Переписки К. Маркса и Ф.Энгельса 1844-1883 гг.»). Uma segunda edição do *Conspecto* foi publicada em 1968 como volume suplementar às obras completas de Lenin (White, 2023). Dessa forma, utilizarei White (2015) como fonte das anotações de Lenin sobre esse trabalho.

bom senso, em dois ou três folhetins impressos, *o núcleo racional do método que H[egel] descobriu e, ao mesmo tempo, mistificou*. (Marx, 2020, p. 115-116, ênfase inserida).

White (2015, p. 135) afirma que nas anotações de leitura Lenin escreve sobre esse trecho: “o racional na lógica de Hegel, em seu método⁸²”, e que dali em diante Lenin teria certeza que Marx recorreu à filosofia hegeliana em seu *O capital*. Motivado por essa descoberta, chega a Berna em setembro 1914 e dedica-se à leitura e estudo sistemático de *Ciência da Lógica, Lições sobre a História da Filosofia e Lições sobre a Filosofia da História*. Nas linhas da *Lógica*, Lenin faz outra descoberta: é de Hegel a ideia que *não existe verdade abstrata*, ou como escreve o filósofo alemão, “o que é puramente abstrato é totalmente desprovido de verdade, e a singularidade considerada abstratamente apenas por si mesma não é verdadeira⁸³” (Hegel, 2008, p. 8). É dele também⁸⁴ a ideia que *a verdade é concreta* ao afirmar que a lógica dialética é uma unidade concreta e viva, produtora do universal, que compreende o particular inserido nele, sendo, portanto, o método de conhecer o desenvolvimento imanente e o conteúdo do conceito (Hegel, 2016, p. 28; p. 63). Algumas indicações dessa descoberta podem ser conferidas ao observarmos que é somente em 1921 (sete anos após a leitura da *Lógica*) que Lenin (OE3T, 1980, v. 3, p. 452, quadro acima) “corrige” sua máxima, e afirma que Plekhanov a utilizava “na sequência de Hegel”. Nesse mesmo trecho utiliza-se da categoria hegeliana “automovimento”, e se em cinco das seis ocasiões a máxima é associada em algum momento à dialética, é apenas nos textos de 1921 que dialética adquire caráter de *lógica* para Lenin.

Ao final da leitura da *Lógica*, em dezembro de 1914, avalia que o principal objeto do capítulo sobre a Ideia Absoluta (Hegel, 2018, p. 313 *et seq.*) é o *método dialético*, e é precisamente na obra “*mais idealista* de Hegel que há *menos* idealismo, *mais* materialismo. ‘Contraditório’, mas um fato!” (Lênin, 2018, p. 247, ênfase no original). Ao ler Hegel com lentes materialistas, Lenin (2018, p. 117) pode desmistificar a filosofia, o método e a lógica de seu autor, o que permitiu a percepção na qual um caminho revolucionário para ação deveria ser descoberto e, ao mesmo tempo, criado dialeticamente (Demier, 2023, p. 239). E é a partir dessa compreensão que Lenin, no acalorado ano de 1917, defende a transformação da revolução democrática em revolução socialista – ou ainda, em léxico hegeliano (Hegel, 2016, p. 399) anotado nos cadernos (Lênin, 2018, p. 137-139), o *salto* da quantidade para

⁸² No original: “The rational in Hegel’s Logic, in his method”.

⁸³ No original: “What is purely abstract is totally lacking in truth, and singularity considered abstractly merely for itself is untrue”.

⁸⁴ Recentemente, Alessandroni (2022, p. 45) exibiu outros trechos nos quais Hegel rejeita a verdade abstrata e defende sua concretude.

qualidade⁸⁵, considerado necessário para assegurar as conquistas democráticas de fevereiro e impulsioná-las em direção a outubro⁸⁶. Anderson (2022, p. 62) declara que o retorno a Hegel formou a base filosófica para a ruptura com o marxismo mecanicista e reformista da II Internacional, possibilitando a ruptura revolucionária em outubro de 1917; acrescentamos, ainda, que foi a análise concreta da situação concreta que esta avaliação de Lenin foi possível.

O rompimento com os teóricos da II Internacional ao qual Anderson se refere, notadamente Plekhanov e Kautsky⁸⁷, é igualmente devedor da leitura das correspondências de Marx e Engels. Na carta para Engels em 31 de outubro de 1857, Marx (2010b, p. 198) escreve que passou muito tempo lendo Clausewitz⁸⁸ e Müffling⁸⁹ para escrever o artigo sobre Blücher⁹⁰, e Engels (2010a, p. 241, colchetes inseridos) responde mais tarde, em 7 de janeiro de 1858, com um elogio a Clausewitz:

Estou lendo, *inter alia* [entre outros], o livro *Vom Kriege* [Da Guerra], de Clausewitz. Uma forma estranha de filosofar, mas, *per se* [em si], muito boa. Sobre a questão de saber se devemos falar da arte ou da ciência da guerra, ele diz que, mais do que qualquer outra coisa, a guerra se assemelha ao comércio. O combate é para a guerra o que o pagamento em dinheiro é para o comércio; por mais raro que seja na realidade, tudo é direcionado para isso e, em última análise, está fadado a ocorrer e se mostra decisivo⁹¹.

Em meio à Primeira Guerra Mundial e às posições equivocadas dos social-democratas sobre ela, essa indicação de Engels tanto chamou atenção do revolucionário bolchevique que o fez ler a obra de Clausewitz na sequência de Hegel, no início de 1915⁹². Das passagens do

⁸⁵ Ao ponderar sobre a transformação no Estado pela revolução, Lenin (2017a, p. 66) utiliza o exemplo da Comuna de Paris como “transformação da quantidade em qualidade”, ou seja, a conversão da democracia burguesa para democracia proletária, invertendo os polos da repressão de classe.

⁸⁶ Lenin (2017b, p. 70, ênfase no original) assinala em suas teses de abril que “a peculiaridade do momento atual na Rússia consiste *na transição* da primeira etapa da revolução, que deu poder à burguesia por faltar ao proletariado o grau necessário de consciência e organização, *para* sua *segunda* etapa, que deve colocar o poder nas mãos do proletariado e das camadas pobres do campesinato”.

⁸⁷ Karl Kautsky, 1854-1938: teórico alemão e um dos dirigentes da II Internacional, foi amigo próximo de Engels entre 1885 e 1890. No primeiro momento, apoiou a Primeira Guerra Mundial. Foi crítico da revolução de outubro de 1917 e sobre ela publicou a brochura *A ditadura do proletariado* (1918), a qual Lenin (2019, p. 63-153) rebateu no mesmo ano com o famoso trabalho *A revolução proletária e o renegado Kautsky*.

⁸⁸ Carl Phillip Gottlieb von Clausewitz, 1780-1831: general prussiano autor da célebre obra *Da Guerra*, publicada postumamente.

⁸⁹ Karl von Müffling, 1775-1851: marechal-de-campo prussiano, foi oficial de ligação de Blücher durante a Batalha de Waterloo. Também se especializou em cartografia e topografia militar.

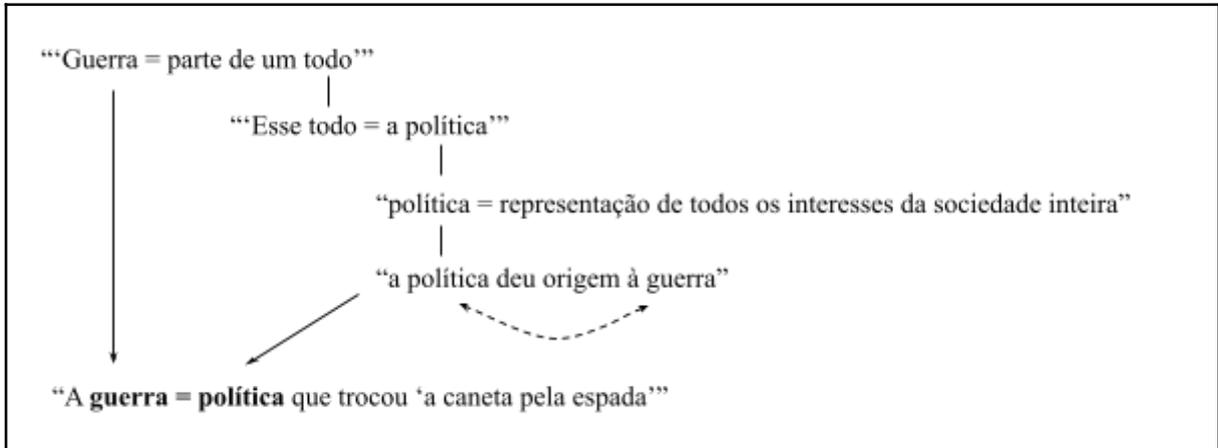
⁹⁰ Gebhard Leberecht von Blücher, 1742-1819: marechal-de-campo prussiano, participou nas guerras contra a França napoleônica.

⁹¹ No original: “I am reading, *inter alia*, Clausewitz's *Vom Kriege*. An odd way of philosophising, but *per se* very good. On the question as to whether one should speak of the art or the science of war, he says that, more than anything else, war resembles commerce. Combat is to war what cash payment is to commerce; however seldom it need happen in reality, everything is directed towards it and ultimately it is bound to occur and proves decisive”.

⁹² Arguelhes e Alves (2019, p. 241) contam que Lenin teria recebido a primeira edição de *Da guerra* do militante bolchevique Gusev, que fora editor de uma enciclopédia militar.

livro do estrategista⁹³ prussiano, Lenin anota, à margem do texto, entre outras coisas, a interessante aproximação que se desencadeia a partir da relação entre guerra e política:

Quadro sinóptico 1. O nexa entre guerra e política



Elaboração própria a partir das anotações de Lenin (1979, p. 81-86, ênfase inserida)⁹⁴.

Clausewitz afirma que a guerra é incompatível com os demais interesses humanos, e dessa unidade contraditória guerra-política, o resultado é a compreensão que a guerra é um instrumento e extensão sem autonomia da política, e não o contrário. Dessa forma, “a guerra é simplesmente a continuação das relações políticas, com o acréscimo de outros meios. [...] a guerra, por si só, não suspende a relação política nem a transforma em algo totalmente diferente. Em essência, essa relação continua, independentemente dos meios que ela emprega⁹⁵” (Clausewitz, 1989, p. 605, ênfase inserida). A partir dessa lição do general prussiano, presente no capítulo no qual Lenin (1979, p. 79) julgou ser o mais importante, o bolchevique fortalece seus argumentos contra as posições chauvinistas conciliadoras de Plekhanov e Kautsky. Num primeiro momento, destaca a posição dialética de Clausewitz e o relaciona com Hegel⁹⁶, para logo em seguida vinculá-la à Marx e Engels:

⁹³ Faz por bem notar que a língua dos gregos antigos, sublime e portentosa, legou-nos como uma de suas inúmeras heranças o vocábulo στρατός/stratós, com significado tão material quanto sutil. Esse termo se refere tanto a um exército ou povo, e seu líder era o στρατηγός/strategós, cuja arte consistia em dominar a στρατηγία/strategía, ou seja, a estratégia necessária para executar o στρατήγημα/stratégema, manobras no campo de combate, com astúcia e habilidade, o estrategema. A civilização parteira da dialética entalhou o pensamento e a ação organizada no campo de batalha. Coube, mais tarde, a Clausewitz comprovar a validade dos termos no par guerra e política, unidade de contrários e, por essa razão, unidade dialética, tão bem compreendida por Lenin.

⁹⁴ No original: “Guerra = parte de un todo”. Ese todo = la política”, “política = representación de todos los intereses de la sociedad entera”, “La política ha dado nacimiento a la guerra” e “La guerra = politica que cambió la pluma por la espada”.

⁹⁵ No original: “war is simply a continuation of political intercourse, with the addition of other means. [...] war in itself does not suspend political intercourse or change it into something entirely different. In essentials that intercourse continues, irrespective of the means it employs”.

⁹⁶ Muito se debate sobre a associação entre Clausewitz e Hegel, que partilharam a mesma época (Clausewitz é dez anos mais novo que Hegel e ambos faleceram em 1831) e o mesmo contexto intelectual (além de coabitarem

Aplicada às guerras, a tese fundamental da dialética, tão descaradamente deturpada por Plekhanov para agradar a burguesia, diz que ‘*a guerra é uma simples continuação da política por outros meios*’ (precisamente os violentos). Essa é a fórmula de Clausewitz, um dos grandes autores da história militar, cujas ideias foram estimuladas por Hegel. E essa sempre foi a opinião de Marx e Engels, que consideravam toda guerra como *uma continuação* da política das potências envolvidas – e *das várias classes* dentro delas – em um determinado momento⁹⁷. (OCE, 1984, v. 26, p. 235, ênfase no original).

Em seguida, expõe a posição de Kautsky publicada no *Die Neue Zeit*⁹⁸ (*Os novos tempos*) em 2 de outubro de 1914, pouco mais de dois meses após o início da Primeira Guerra, em que este alega que “todos têm o direito e o dever de defender sua pátria; o verdadeiro internacionalismo consiste em reconhecer esse direito para os socialistas de todas as nações, inclusive aquelas que estão em guerra com a minha...”⁹⁹ (OCE, 1984, v. 26, p. 235-236), e a ridiculariza, afirmando que para Kautsky, o “verdadeiro internacionalismo” é aquele que consiste em justificar que os trabalhadores franceses disparem contra os trabalhadores alemães, e estes em trabalhadores franceses em nome da “defesa da pátria”. Afirma, por último, que Plekhanov e Kautsky perderam de vista a competição entre as burguesias pelos despojos da guerra, o afã do capital em fragmentar e destruir o movimento dos trabalhadores e a opressão das grandes potências imperialistas, políticas estas que antes da Guerra, estes teóricos passaram décadas descrevendo.

A posição de Lenin em 1917 retoma elementos da crítica aos teóricos da II Internacional ao mesmo tempo que avança na *análise da situação concreta* em direção à real possibilidade de transformação pela via da revolução social proletária. Em agosto de 1917, avalia, em *O Estado e a revolução*, que a corrente dominante nos partidos socialistas até então continham elementos oportunistas e social-chauvinistas, de “socialismo em palavras, chauvinismo de fato”, aliado aos interesses de “suas” burguesias nacionais e de “seus” Estados que exploram e escravizam os povos pequenos e fracos. A guerra imperialista, “constitui exatamente uma guerra pela divisão e pela redistribuição desse gênero de saque

Berlim, estavam sob influência do romantismo e do idealismo alemães). Sobre a convergência metodológica entre os dois, ver Cormier (2014).

⁹⁷ No original: “Aplicada a las guerras, la tesis fundamental de la dialéctica, tergiversada con tanto descaro por Plejánov para complacer a la burguesía, dice que ‘*la guerra es una simple continuación de la política por otros medios*’ (violentos precisamente). Esa es la fórmula de Clausewitz, uno de los grandes autores de historia militar cuyas ideas fueron fecundadas por Hegel. Y ése ha sido siempre el punto de vista de Marx y Engels, que consideraban toda guerra *una continuación* de la política de las mis mas potencias interesadas – y de *las distintas clases* dentro de ellas – en un momento dado”.

⁹⁸ Revista teórica vinculada ao SPD, publicada entre 1883 e 1923 e dirigida por Kautsky.

⁹⁹ No original: “Todos tienen el derecho y la obligación de defender su patria; el verdadero internacionalismo consiste en reconocer este derecho a los socialistas de todas las naciones, incluidas las que se encuentran en guerra con la mía...”.

[dos povos pequenos e fracos]”, afirma Lenin (2017a, p. 23-24, colchetes inseridos), e “a luta pela libertação das massas trabalhadoras da influência da burguesia em geral, e da burguesia imperialista em particular, é impossível sem a luta contra os preconceitos oportunistas em relação ao ‘Estado’”. Para ele, “toda essa revolução, em geral, só pode ser compreendida como um dos elos da cadeia das revoluções proletárias socialistas provocadas pela guerra imperialista”¹⁰⁰, e por esse motivo, a atitude dos revolucionários em relação ao Estado teria uma importância política prática, já que uma revolução vindoura nasceria do contexto da guerra imperialista.

Um mês antes do triunfo revolucionário, resgata o *dictum* de Clausewitz: “‘a guerra é a continuação da política’ de uma classe ou de outra; em toda sociedade de classes, escravocrata, feudal ou capitalista, houve guerras que continuaram a política das classes opressoras e também guerras que continuaram a política das classes oprimidas¹⁰¹” (OCE, 1985, v. 34, p. 375, ênfase inserida). Contrariando os “chefes do socialismo”, Lenin demonstrou, servindo-se de Clausewitz, que o par dialético guerra e política aplicado aos interesses do proletariado poderia transformar-se em *guerra e revolução*, ou seja, a disposição dos acontecimentos abria uma fenda que possibilitava transformar a Primeira Guerra Mundial em uma guerra civil do proletariado internacional contra as classes dominantes (Arguelhes e Alves, 2019, p. 249).

Harding (1996, p. 51) oferece, mais uma vez, uma imagem da postura intelectual de Lenin até aquele período, cujas características simultaneamente o distingue e nos permite entender o que havia de destoante no seu trato filosófico em relação aos seus pares contemporâneos:

Até 1917, ele não causou nenhum impacto real sobre a disposição geral do socialismo europeu. Sua voz era a de um doutrinador ultrapassado. Seu marxismo era livresco e acadêmico e, justamente por ser derivado de uma leitura minuciosa dos textos clássicos, remetia a épocas e temas que haviam sido amplamente esquecidos pelos socialistas europeus¹⁰².

¹⁰⁰ O plano de Lenin, exposto no prefácio à primeira edição (agosto de 1917), era o de extrair os ensinamentos das experiências das revoluções de 1905 e de fevereiro de 1917 para desenvolver a ideia dos elos na cadeia das revoluções. No entanto, Lenin (2017a, p. 149) confessa no posfácio da primeira edição, escrito em 30 de novembro de 1917, que os acontecimentos decorrentes da crise política e iminência da revolução de outubro o impediram de dar prosseguimento ao seu plano de escrita. “É mais útil viver a ‘experiência da revolução’ do que escrever sobre ela”, afirma.

¹⁰¹ No original: “‘La guerra es la continuación de la política’ de una u otra clase; en toda sociedad de clases, esclavista, feudal o capitalista, hubo guerras que continuaron la política de las clases opresoras, y también guerras que continuaron la política de las clases oprimidas”.

¹⁰² No original: “Until 1917 he made no real impact upon the general disposition of European socialism. His was the voice of an outmoded doctrinaire. His Marxism was bookish and academic and, precisely because it derived from a thorough reading of the classic texts, it harked back to times and themes that had been largely forgotten by European socialists”.

Por que se interessar por cartas datadas de seis décadas? Por que extrair das linhas das correspondências de autores já falecidos as recomendações de leitura do século anterior? Como um filósofo *idealista* e um *general* prussiano – tipos históricos que habitavam os séculos XVIII e XIX – poderiam ser *úteis* e *atuais* para as lutas dos trabalhadores? Por sorte, o pensamento de Lenin superou o raso entendimento que levaria a esses questionamentos e o aproximou mais ainda de seus mestres, Marx e Engels. Pode, finalmente, compreendê-los por completo. E as “chaves” para acessar o quadro intelectual de seus mentores estavam postas antes mesmo de Lenin redescobri-las. Engels (1946, p. 19) já havia exposto que “se não houvesse existido anteriormente a filosofia alemã, particularmente a de Hegel, o socialismo científico alemão, o único socialismo científico que até hoje existiu, não teria sido jamais fundado”¹⁰³, e Marx no prefácio da segunda edição de sua obra *magna* declarou ser ele próprio um discípulo de Hegel, cujas expressões foram úteis na formulação de sua teoria do valor (o que se comprova ao lermos a carta para Engels previamente citada neste trabalho). O autor de *O capital* indica o motivo: “a mistificação que a dialética sofre nas mãos de Hegel não impede em absoluto que ele tenha sido o primeiro a expor, de modo amplo e consciente, suas formas gerais de movimento” (Marx, 2017, p. 91).

E por que insistir em teorias, conceitos e categorias? Mais uma vez, a língua dos gregos antigos guardou no significado do vocábulo θεωρία/theoría a relação com a cognição de seus falantes, que entendiam a teoria como a ação de ver, de considerar algo a partir da contemplação operada pelo pensamento. Foi essa mentalidade que criou, à sua imagem e semelhança, o titã benfeitor da humanidade (Ésquilo, 1993, p. 16), Prometeu ladrão de fogo, cujo despojo do ato furtivo rendeu aos humanos a chama da ciência e do conhecimento. Prometeu (no original, Προμηθεύς/Prometheus, de προμηθής/promethés) é, etimologicamente, *o-que-sabe-antes*: e sabe antes porque possui a ciência e o conhecimento necessários para antever aquilo que pré-configura no pensamento ao se deparar com a realidade. Marx (2018, p. 23) registra em sua tese de doutoramento que o Prometeu de Ésquilo¹⁰⁴ se coloca contra todas as divindades celestiais e terrenas porque estas não reconhecem a divindade suprema: a autoconsciência humana, isto é, a capacidade humana de reconhecer-se como tal e agir por conta própria – ou ainda, em outras palavras: pensar sobre o mundo e pensar sobre si mesmo. A teoria, como o conhecimento, configura-se como a

¹⁰³ Lenin recupera esse trecho em dois momentos: em nota no artigo necrológico sobre Engels (OE3T, 1982, v. 1, p. 30), e no capítulo sobre a importância da luta teórica em *Que fazer?* (Lênin, 2020, p. 41).

¹⁰⁴ Ésquilo (Αἰσχύλος), 525-456 AEC: poeta trágico grego, escreveu entre 73 e 90 peças (tragédias e sátiras), das quais apenas sete chegaram até nós. Ao lado de Dante, Goethe e Shakespeare, Ésquilo era o poeta predileto de Marx (1865).

antevisão, a faculdade de apropriar e reproduzir mentalmente o concreto. Ao fazê-lo, desprende-se simultaneamente da determinação, da causalidade e do fado divinos – a teoria desmonta e liberta o intelecto humano das visões de mundo místico-religiosas.

Insistir na potência da teoria significa, no marxismo, fazer dela uma ferramenta da prática social organizada, reflexiva e consciente, livre de espostaneísmos e longe de “concessões” teóricas¹⁰⁵. É por isso que Lenin (2020, p. 39), apoiando-se em Marx (2015), não subestimou a importância da teoria nem cedeu à tendência oportunista de supervalorizar a atividade prática – como o praticismo pretensamente revolucionário, que pressupõe a prática como a esfera produtora e resolutive da teoria, isto é, julga que os problemas teóricos da prática revolucionária podem ser resolvidos pela própria prática, sem qualquer esforço teórico (Lessa, 2014, p. 80). A atitude de Marx contra Weitling¹⁰⁶ no encontro da Liga dos Justos¹⁰⁷ em Bruxelas em 30 de março de 1846 é ilustrativa da conduta de Marx frente aqueles que diminuem a importância da teoria em sua prática política: durante o discurso de Engels sobre a necessidade de estabelecer uma doutrina comum que servisse como bandeira para todos os seguidores que não teriam tempo ou oportunidade para dedicarem-se às questões teóricas, Marx o interrompe e questiona Weitling sobre qual doutrina ele pretendia se fundamentar para realizar suas agitações. A resposta de Weitling caminhava para a platitudes dos colóquios liberais, afirmando que não era seu objetivo criar novas teorias econômicas, mas fazer uso daquelas que se mostraram bem sucedidas, como no caso francês¹⁰⁸. Sarcástico, Marx rebateu: “despertar a população sem dar a ela bases firmes e completamente fundamentadas para suas ações significava simplesmente enganá-la”, como relata Annenkov (1968, p. 169), presente na reunião, “o estímulo de esperanças fantásticas que acabara de ser mencionado [...] levava apenas à ruína final, e não à salvação, dos oprimidos¹⁰⁹”. Trêmulo, o alfaiate alemão retorquiu

¹⁰⁵ Marx (2012) combateu e denunciou o ecletismo teórico na formulação de princípios em seu *Crítica do Programa de Gotha* (1875). Parafrazeando Lenin (2020, p. 39), *há entre nós pessoas que*, como “marxistas de ocasião”, orientam-se por matrizes teóricas avessas ao horizonte revolucionário enquanto salpicam aqui e acolá alguns trechos de Marx – ou ainda, travestem-se com o figurino marxista quando lhe são convenientes. A passagem de Lukács (2003, p. 29; p. 64, ênfase inserida) permanece atual: “a *ortodoxia*, em questão de marxismo, refere-se, antes, exclusivamente ao *método*”. Para o filósofo húngaro, “o revisionismo é sempre eclético” porque visa encobrir ou falsear as oposições de classe na sociedade, uma tentativa traiçoeira de forjar um critério de falsa unidade para manter coerente as análises dos acontecimentos (Lukács, 2012, p. 72).

¹⁰⁶ Wilhelm Weitling, 1808-1871: alfaiate alemão, foi membro da Liga dos Justos e teorizou o “comunismo igualitário utópico”.

¹⁰⁷ Organização operária lotada na França e na Alemanha, existiu entre 1836-1847. Marx e Engels eram associados à Liga, que no seu primeiro congresso, influenciado por estes, passou a se chamar Liga dos Comunistas. O *Manifesto do Partido Comunista* (1848) é o seu texto de fundação.

¹⁰⁸ Possivelmente Weitling se refere aqui aos levantes blanquistas (aos quais participou em 1838, cf. Wilson, 1986, p. 161) e à crítica republicana à monarquia.

¹⁰⁹ No original: “[...] to arouse the population without giving it firm and thoroughly reasoned out bases for its actions meant simply to deceive it. The stimulation of fantastic hopes that had just been mentioned [...] observed further on – led only to the ultimate ruin, and not the salvation, of the oppressed”.

a fala de Marx e alegou, entre outras coisas, que seu trabalho modesto e incipiente fosse, talvez, mais importante para a causa geral do que aquelas críticas e a análises de gabinete, efetuadas longe do mundo sofrido e das misérias do povo. Annenkov (1968, p. 170) conta que, furioso, Marx bateu com o punho sobre a mesa e arrematou: “a ignorância nunca ajudou ninguém!”¹¹⁰.

Para Anderson (2022, p. 39), Lenin “foi o primeiro líder marxista importante depois de Marx a empreender uma jornada independente, sistemática e direta pelos escritos dialéticos de Hegel¹¹¹”, o “primeiro hegeliano marxista” como reforça Löwy (1997, p. 46). O fato é que Lenin (2018, p. 145) notou, ao ler Hegel, diferente do que anuncia Kant, que há como conhecer o *objeto*, ou seja, é possível alcançar o conhecimento da *coisa-em-si* e de suas determinações. Constatou, assim, aquilo que já havia dito outrora: “sem teoria revolucionária, não pode haver movimento revolucionário” (Lênin, 2020, p. 39), justamente porque a teoria revolucionária permite compreender e interpretar o mundo e, por isso mesmo, permite *transformá-lo* de modo revolucionário. E se não existe verdade abstrata, por ser concreta, o exame teórico da realidade para a prática revolucionária, a práxis (Lukács, 2012, p. 62), não pode ser outra senão “a análise concreta de uma situação concreta¹¹²”, a qual é a essência, “a alma viva do marxismo” (OCE, 1986, v. 41, p. 140). Em meio à guerra, momento que assolava o mundo diante das alternativas práticas equivocadas propostas por seus pares social-democratas, Lenin, por meio de sua imersão filosófica, identificou as raízes teóricas da falência da II Internacional: a incompreensão do método que guiou os fundadores do socialismo científico. Sem esse método, os escritos de Marx e Engels se resumiriam a motes isolados inseridos na literatura de agitação política, frases de efeito e análises datadas de uma época histórica anterior, sem qualquer relevância para as guerras mundiais, evolução do capitalismo e formação de impérios capitalistas. De novo, Lenin superou essas opiniões, e retornou à dialética, redescobrimo-a.

* * *

¹¹⁰ O encontro em que se deu essa discussão foi dramatizado no filme *O jovem Karl Marx* (2017), de Raoul Peck. A cena do embate entre Marx e Weitling pode ser vista em: <https://bit.ly/3wf9cd9>. Acesso em 2 maio 2024.

¹¹¹ No original: “Lenin was the first important Marxist leader after Marx to undertake an independent, systematic, and direct journey into Hegel’s dialectical writings”. Com justeza, seria correto acrescentar Engels junto a Marx na equação de Anderson.

¹¹² No original: “La esencia misma, el alma viva del marxismo: el análisis concreto de una situación concreta”.

Lenin (OE3T, 1980, v. 3, p. 567-568) deixou uma importante recomendação aos editores da revista *Sob a bandeira do marxismo* (Под знаменем марксизма/Под знаменем марксизма) no artigo “Sobre o significado do materialismo militante”, publicado na terceira edição da revista em 12 de março de 1922: aconselhou-os a “organizar o estudo sistemático da dialética de Hegel do ponto de vista materialista”, reproduzindo exatamente aquilo que ele próprio havia feito e registrado nos cadernos sete anos antes (Lenin, 2018, p. 117). Ele insistia que “podemos e devemos desenvolver esta dialética em todos os aspectos, publicar na revista fragmentos das principais obras de Hegel, interpretá-las de modo materialista, comentando-as”, e mais especificamente para os cientistas, seria possível encontrar “na interpretação materialista da dialética de Hegel uma série de respostas às questões filosóficas colocadas pela revolução nas ciências naturais e que fazem ‘escorregar’ para a reacção os admiradores intelectuais da moda burguesa”¹¹³.

Essas curiosas sugestões seriam com facilidade desqualificadas como idealismo num momento posterior muito próximo àquele de Lenin: a audácia do revolucionário bolchevique em recomendar o estudo de Hegel em um texto sobre materialismo militante certamente atrairia desconfiança de seus correligionários. Lukács e Korsch foram alvo dessa suspeição no V Congresso da Internacional Comunista (IC), o primeiro após a morte de Lenin, realizado em Moscou entre junho e julho de 1924. Lukács havia publicado, em 1923, seu *História e consciência de classe*, em que afirma ser “impossível tratar o problema da dialética concreta e histórica sem estudar de perto o fundador desse método, Hegel, e suas relações com Marx” (Lukács, 2003, p. 55; p. 57), para logo em seguida citar o convite feito por Lenin (OE3T, 1980, v. 3, p. 568) aos redatores e colaboradores da revista *Sob a bandeira do marxismo* para torná-la uma espécie de “sociedade de amigos materialistas da dialética hegeliana”, assentindo com o bolchevique. Publicou em 1924 o estudo sobre a unidade do pensamento de Lenin, em que chama atenção dos marxistas mecanicistas e não-dialéticos para o fato de Marx ter tomado as contribuições de Hegel para desenvolver sua teoria “livre de qualquer mitologia e idealismo” (Lukács, 2012, p. 38). Korsch, por sua vez, em *Marxismo e filosofia*, de 1923, utiliza como epígrafe a citação de Lenin sobre o estudo sistemático da filosofia¹¹⁴ de Hegel do ponto de vista do materialismo e reafirma a relação do marxismo com o desenvolvimento do idealismo alemão (Korsch, 2008, p. 31-32), algo que fora exposto por Engels (1946, p. 19). Isto posto, dispomos que os livros de Lukács e Korsch publicados em 1923 valem-se dos

¹¹³ Sobre o contexto de “crise” na física que emergiu após a revolução nas ciências naturais no final do século XIX e a intervenção de Lenin nesse debate, ver Lecourt (2023, p. 159-187).

¹¹⁴ Nas edições utilizadas, nota-se uma alteração no texto de epígrafe: enquanto Lenin (OE3T, 1980, v. 3, p. 567) escreve “dialética de Hegel”, Korsch (2008, p. 23) cita como “filosofia de Hegel”.

pontos sustentados por Lenin em “Sobre o materialismo militante”. No entanto, em seu discurso no Congresso da IC, Zinoviev¹¹⁵ – que à época era o principal dirigente da organização – desautoriza-os sob a pecha de “desvios” idealistas e neo-hegelianos (Paulo Netto, 2008, p. 7). Segundo a alocução de Zinoviev,

O camarada Graziadei, na Itália, publicou um livro contendo uma reimpressão dos artigos que ele escreveu, quando era um revisionista social-democrata, atacando o marxismo. Não podemos permitir que esse revisionismo teórico passe impunemente. Tampouco toleraremos que nosso camarada húngaro Lukács faça o mesmo no domínio da filosofia e da sociologia. Recebi uma carta do camarada Rudas¹¹⁶, um dos líderes dessa fração. Ele explica que pretendia se opor a Lukács, mas a fração o proibiu de fazê-lo; então, ele deixou a fração porque não podia ver o marxismo diluído. Muito bem, Rudas! Temos uma tendência semelhante no Partido Alemão. O camarada Graziadei é professor [universitário], Korsch também é professor [universitário] – (Interrupções: ‘Lukács também é professor [universitário]!’). *Se tivermos mais alguns desses professores [universitários] discorrendo sobre suas teorias marxistas, estaremos perdidos. Não podemos tolerar esse tipo de revisionismo teórico em nossa Internacional Comunista*¹¹⁷. (CPGB, 2011, p. 37, ênfase e colchetes inseridos).

O clima hostil em relação à atividade intelectual que permeia a intervenção de Zinoviev foi o prelúdio do que se tornou regra nos partidos comunistas após a morte de Lenin. Não são raros os casos, incluindo no Brasil, da ocorrência de variações desse mesmo fenômeno (Paulo Netto, 1981, p. 90-95). A associação, imediata e simplória, do trabalho intelectual com revisionismo – e mais tarde com a “contrarrevolução” – representou o esvaziamento dos debates teóricos em prol do reforço desse tipo estranho ao marxismo: a antipatia à atividade intelectual, legando ao marxismo seu total empobrecimento e esterilização. A expulsão e perseguição de quadros intelectuais dos partidos comunistas na década de 1930 é o auge dessa atitude pseudoproletária que, por ser avessa ao marxismo, já

¹¹⁵ Grigori Evseievitch Zinoviev (Григорий Евсеевич Зиновьев), 1883-1936: social-democrata russo, aderiu aos bolcheviques no II Congresso do POSDR. Com Kamenev, foi contrário à insurreição de outubro de 1917. Foi presidente da III Internacional de 1919 a 1926. Sentenciado à morte e executado em 1936.

¹¹⁶ Mészáros (1972, p. 134-135) conta brevemente sobre o ocorrido envolvendo Lukács, Rudas e o Congresso da IC em 1924.

¹¹⁷ No original: “Comrade Graziadei, in Italy, published a book containing a reprint of the articles he wrote, when he was a Social-Democratic revisionist, attacking Marxism. This theoretical revisionism cannot be allowed to pass with impunity. Neither will we tolerate our Hungarian Comrade Lukacs, doing the same in the domain of philosophy and sociology. I have received a letter from Comrade Rudas, one of the leaders of this fraction. He explains that he intended to oppose Lukacs, but the fraction forbade him to do so; thereupon he left the fraction because he could not see Marxism watered down. Well done, Rudas! We have a similar tendency in the German Party. Comrade Graziadei is a professor, Korsch is also a professor – (Interruptions: ‘Lukacs is also a professor!’). If we got a few more of these professors spinning out their Marxist theories, we shall be lost. We cannot tolerate such theoretical revisionism of this kind in our Communist International”.

fora combatida em outras épocas por Marx e Lenin. No mesmo Congresso, Bukharin¹¹⁸ dispara:

Observamos entre os partidos comunistas e, em um grau ainda maior, entre os partidos social-democratas – especialmente no Partido Social-Democrata Alemão – uma *recaída* ao velho hegelianismo, que devemos designar como pré-marxista e um ponto de vista idealista. [...] Infelizmente, os partidos comunistas não estão imunes a essas recaídas no velho hegelianismo, certamente em uma forma menos proeminente do que nas fileiras social-democratas, mas que, ainda assim, revelam as mesmas *tendências potencialmente prejudiciais*¹¹⁹. (CPGB, 2011, p. 256, ênfase inserida).

A visão estreita enunciada por Bukharin talvez guarde um pouco da crítica de Lenin contida na carta de 25 de dezembro de 1922¹²⁰ destinada ao XII Congresso do PCR(b), que seria realizado em abril do ano seguinte. No documento, Lenin (OE3T, 1980, v. 3, p. 641) afirma que há em Bukharin “algo de escolástico”, e crê que este “não estudou nunca e creio que jamais entendeu completamente a dialética”. O que pensariam, naquela ocasião, Bukharin, Zinoviev e outros epígonos – termo que Marx (2017, p. 91) usou contra aqueles que no seu tempo lutavam para enterrar a filosofia de Hegel – se soubessem que Lenin, em 19 de outubro de 1923, já totalmente debilitado, mandou levar de sua biblioteca no Kremlin a Gorki¹²¹ três volumes de Hegel para estudá-lo pela última vez? (Krausz, 2017, p. 95). Uma *recaída potencialmente prejudicial* de Lenin ou derradeiro esforço de retornar à forma fundamental de toda dialética¹²²?

¹¹⁸ Nikolai Ivanovitch Bukharin (Николай Иванович Бухарин), 1888-1938: jornalista político e economista bolchevique. Integrou o Comitê Executivo da III Internacional de 1919 a 1929, o Comitê Político do Partido Comunista Russo (bolchevique) (PCR(b)) de 1924 a 1929 e foi editor-chefe do *Pravda* entre 1918 e 1929 e do *Izvestia* entre 1934 e 1937. Também foi um dos autores da Constituição soviética de 1936. Executado em 1938.

¹¹⁹ No original: “We notice among Communist Parties, and to a still greater extent, among Social-Democratic parties – especially in the German Social-Democratic Party – a relapse into the old Hegelism, which we must designate as pre-Marxist and an idealistic viewpoint. [...] Unfortunately, Communist Parties are not immune from such relapses into the old Hegelism, certainly in a less prominent form than in Social-Democratic ranks, but which nevertheless reveal the same potentially harmful tendencies”.

¹²⁰ Não é o objetivo deste trabalho fazer juízos sobre as polêmicas das cartas ditadas por Lenin a suas secretárias entre 23 e 31 de dezembro de 1922, cujas circunstâncias de produção e circulação, reveladas em detalhes por Rogovin (2021, p. 91-142) a partir de documentos divulgados a partir do final da década de 1980, merecem análise aprofundada. A historiografia simpática a Stalin (Vasilievich, 2020; Scarmeloto, 2022), que possui alguma circulação no Brasil, frequentemente atribui o conteúdo das cartas de Lenin ao seu “desequilíbrio mental”, agravado pelo frágil estado de saúde, e às “influências” de Krupskaja. Segundo essa perspectiva, Krupskaja teria sido responsável por uma intriga que colocou Lenin em desacordo com Stalin. Além disso, sugere-se que a menção desses conflitos por Krupskaja teria precipitado dois derrames graves em Lenin (Furr, 2022, p. 18). Em outros casos (Sakharov, 2020), a autoria das cartas é questionada. De toda forma, Rogovin (2021, p. 96-97) recupera trechos da correspondência de Zinoviev, Kamenev, Bukharin e Stalin entre julho e agosto de 1923, publicada apenas em 1991, em que esses bolcheviques fazem referência às cartas de Lenin e ao seu conteúdo.

¹²¹ Casa de campo localizada aos arredores de Moscou onde Lenin se mudou em maio de 1923 e ali passou seus últimos dias.

¹²² Marx (2017, p. 90, nota de rodapé) escreveu a Kugelmann em 1868 que “a dialética de Hegel é forma fundamental de toda dialética, mas apenas *depois de* despida de sua forma mística, e é exatamente isso que distingue o *meu* método”.

Os cadernos de Lenin sobre Hegel e outras leituras selecionadas de 1913-1915 só seriam publicados em 1929 e 1930 pelo Instituto Marx-Engels-Lenin (IMEL) nos volumes 9 e 12 da *Coleção Lenin*¹²³ (Ленинский сборник/Leninski Sbornik), que funcionavam como volumes-apêndice às obras completas de Lenin. O corpo editorial era composto por Bukharin, Molotov¹²⁴ e Saveliev¹²⁵, e os volumes tiveram tiragem de 6 mil e 10 mil cópias respectivamente (Burkhard, 1986, p. 241). Em seguida, os 20 volumes da *Coleção Lenin* foram diluídos nas obras completas em 55 tomos, e as anotações de Lenin sobre filosofia foram agrupados e publicados no volume 29 da edição em espanhol sob o título “cadernos filosóficos”¹²⁶, compreendendo os estudos de 1895 a 1916. O volume contém três seções: i) resumos e fragmentos, ii) comentários sobre livros, artigos e resenhas e iii) notas e anotações em livros. Disposto em ordem cronológica do índice do volume 29, os estudos de Lenin seguiram o percurso tal como se apresenta no quadro a seguir:

¹²³ Em fontes de língua inglesa os autores (como White, 2015 e Anderson, 2022) traduzem como *Miscelânea Lenin* (Lenin Miscellany), dado o caráter variado dos textos que ficaram de fora do quadro das obras completas.

¹²⁴ Viatcheslav Mikailovitch Molotov (Вячеслав Михайлович Молотов), 1880-1986: aderiu ao POSDR e aos bolcheviques em 1906. A partir de 1921 se tornou membro do Comitê Central (CC) do PCR(b), de 1926 e 1957 foi membro do Politburo e presidiu o Conselho dos Comissários do Povo de 1930 a 1941, e foi vice-presidente entre 1946 e 1953. Foi Comissário do Povo para as Relações Exteriores por duas ocasiões: entre 1939 e 1949 e depois entre 1953 e 1956. Foi muito próximo a Stalin. Em 1961, foi expulso do Partido, tendo sido readmitido em 1984.

¹²⁵ Maksimilian Aleksandrovitch Saveliev (Максимилиан Александрович Савельев), 1884-1939: bolchevique desde 1903, estudou direito, economia e filosofia. Ocupou diversos cargos de prestígio científico e editorial. Foi membro da Academia de Ciências da URSS e da Ucrânia, diretor do IMEL e editor-chefe do *Pravda* e do *Izvestia*.

¹²⁶ No Brasil, a edição da Boitempo (Lênin, 2018) contém as anotações de Lenin sobre os livros de Hegel *Ciência da Lógica*, *Lições sobre a história da filosofia* e *Lições sobre a filosofia da história*, além do *Plano da dialética (lógica) de Hegel* e o fragmento *Sobre a questão da dialética*, ambos de Lenin. A edição da editora UFRJ (Lênin, 2011) contém apenas as anotações sobre a *Ciência da Lógica* e o fragmento *Sobre a questão da dialética*. Nesses casos, tem-se que as edições disponíveis no Brasil não contemplam a integralidade dos “cadernos filosóficos” conforme publicado nas obras completas. A despeito dos títulos, a edição da Boitempo compreende somente as anotações sobre as obras de Hegel, enquanto a edição da UFRJ não inclui os outros estudos de Hegel. Quanto às traduções, a edição da Boitempo tem como fonte a edição portuguesa de 1989 da Edições Avante!, feita a partir do russo, e a edição da UFRJ tem como base a edição francesa de 1936. Em Portugal, a edição do Editorial Avante! é um espelho do volume soviético dos cadernos filosóficos (OE6T, 1989, v. 6).

Quadro 6. O que estudou Lenin entre 1913-1915 segundo o volume 29 da OCE

Ano	Autor	Título	Paginação	Natureza
1913	F. Raab	<i>A filosofia de R. Avenarius: exposição sistemática e crítica imanente</i> (comentário sobre o livro no periódico <i>Estatística agrícola austríaca e outros</i>)	349	ii) Comentários sobre livros, artigos e resenhas
	J. Perrin	<i>Os átomos</i> (comentário sobre o livro no periódico <i>Estatística agrícola austríaca e outros</i>)	349	
	O. Bauer	<i>Marx e Hegel</i> (comentário sobre a resenha do livro homônimo de J. Plenge ¹²⁷ no periódico <i>Estatística agrícola austríaca e outros</i>)	349	
	F. C. S. Schiller	<i>Tendências filosóficas atuais: uma pesquisa crítica sobre o naturalismo, idealismo, pragmatismo e realismo, juntamente com uma sinopse da filosofia de William James</i> (comentário sobre a resenha do livro homônimo de R. B. Perry no periódico <i>Estatística agrícola austríaca e outros</i>)	349-350	
	J. Segond	<i>A reação idealista contra a ciência</i> (comentário sobre a resenha do livro homônimo de A. Alliot no periódico <i>Estatística agrícola austríaca e outros</i>)	350-351	
1914	L. Feuerbach	<i>Exposição, análise e crítica da filosofia de Leibniz</i> (resumo do livro)	63-74	i) resumos e fragmentos
	G. W. F. Hegel	<i>Ciência da Lógica</i> (resumo do livro)	75-216	
	V. I. Lenin	<i>Nota sobre as obras de Feuerbach e Hegel</i> (comentário sobre os livros)	352	ii) Comentários sobre livros, artigos e resenhas
	V. I. Lenin	<i>Sobre a bibliografia moderna de Hegel</i> (seleta de comentários sobre diversos autores e comentadores da obra de Hegel)	353-356	
	A. Rey	<i>Princípios filosóficos de química física</i> (comentário da resenha de Rey sobre o livro <i>Tratado de química física: os princípios</i> , de J. Perrin no periódico <i>Cadernos sobre filosofia</i>)	357	
P. Genoff	<i>A teoria do conhecimento e a metafísica de Feuerbach</i> (comentário sobre o livro)	357-359		
1915	G. W. F. Hegel	<i>Lições sobre a história da filosofia</i> (resumo do livro)	217-278	i) resumos e fragmentos
	G. W. F. Hegel	<i>Lições sobre a filosofia da história</i> (resumo do	279-291	

¹²⁷ Lenin leu e fez anotações sobre o livro de Plenge no primeiro semestre de 1916 (OCE, v. 29, 1986, p. 370).

	livro)			
G. Noël	<i>A Lógica de Hegel</i> (resumo do livro)	292-297		
V. I. Lenin	<i>Plano da dialética (lógica) de Hegel</i> (resumo da pequena <i>Lógica (Enciclopédia)</i> de Hegel)	298-303		
F. Lassalle	<i>A filosofia de Heráclito, o obscuro de Éfeso</i> (resumo do livro)	305-320		
V. I. Lenin	<i>Sobre a questão da dialética</i> (fragmento)	321-328		
Aristóteles	<i>Metafísica</i> (resumo do livro)	329-338		
P. Volkman	<i>Fundamentos gnoseológico-teóricos das ciências naturais</i> (comentário sobre o livro no periódico <i>Cadernos sobre filosofia</i>)	359		
M. Verworn	<i>A hipótese da biogênese</i> (comentário sobre o livro)	360-361		
F. Dannemann	<i>Como surgiu nossa imagem do mundo?</i> (comentário do artigo escrito pelo autor sobre sua obra de título homônimo no periódico <i>Cadernos sobre filosofia</i>)	361-363		
L. Darmstaeter	<i>Manual de história das ciências naturais e da técnica</i> (comentário sobre o livro)	363		
Napoleão	<i>Pensamentos</i> (comentário sobre o livro)	364		
A. E. Haas	<i>O espírito do helenismo na física moderna</i> (comentário sobre o artigo no periódico <i>Cadernos sobre filosofia</i>)	364		
T. Lipps	<i>As ciências naturais e a concepção de mundo</i> (comentário sobre o discurso pronunciado pelo autor no 78º Congresso de Naturalistas Alemães, possivelmente transformado em artigo)	364-365		
V. I. Lenin	<i>Dos livros de filosofia da biblioteca cantonal de Zurique</i> (breves comentários ou destaques dos livros <i>Sobre a relação entre as ciências naturais e a filosofia</i> , de G. Spicker, <i>Fenomenologia do Espírito</i> , de G. W. F. Hegel e do <i>Boletim da liga dos monistas alemães</i>)	366		ii) Comentários sobre livros, artigos e resenhas

Elaboração própria a partir de OCE, 1986, v. 29, p. 795-799.

Chama atenção o fato dos editores soviéticos optarem por não inserir o já referido *Conspecto da “Correspondência entre K. Marx e F. Engels 1844-1883”* e as anotações sobre o livro *Da guerra*, de Clausewitz, mesmo existindo a terceira seção destinada para tal. O ponto de partida para grande parte os estudos de Lenin no período 1913-1915 foi dirigido pela

leitura dos volumes da correspondência de Marx e Engels, demonstrado no interesse por Leibniz¹²⁸, Lassalle¹²⁹, Hegel e Clausewitz que permearam os estudos de Lenin no período em Berna. Para White (2015, p. 138), as instituições acadêmicas soviéticas foram postas sob o controle do aparato burocrático de Stalin no final dos anos 1920. Os métodos de perseguição política utilizados nesse processo, direcionados a membros da inteligência e especialistas, membros ou não do partido, foram documentados por Medvedev (1989, p. 255-289; 303-307). O IME estava, até então, sob jurisdição do Comitê Executivo do Congresso dos Soviets de toda Rússia, e o recrutamento para composição do quadro de funcionários esteve a cargo de Riazanov (Cerqueira, 2010, p. 204), conhecido por uma atitude negativa e mesmo desdenhosa em relação a Stalin¹³⁰ (Medvedev, 1989, p. 265). A movimentação de Stalin iniciou-se denunciando alguns dos membros do IMEL, como Rubin¹³¹ e Deborin¹³². A primeira acusação pública contra Riazanov, Deborin e demais membros do IMEL foi publicada no *Pravda* em janeiro de 1931: nele, os membros foram acusados de defenderem a concepção menchevique, que se recusava a reconhecer o leninismo como um “estágio novo e superior do marxismo”, além de sustentarem que Lenin “não havia contribuído em nada para a doutrina marxista” (White, 2023). Como parte da ofensiva, Stalin enviou alunos do Instituto de Professores Vermelhos, vinculado ao PCR(b), para o IMEL; os alunos demandavam que o

¹²⁸ Gottfried Wilhelm Leibniz, 1646-1716: polímata alemão, filósofo racionalista, contribuiu significativamente em todas as áreas em que se dedicou. Na carta para Engels datada de 10 de maio de 1870, Marx (2010c, p. 512, colchetes inseridos) conta que recebeu de Kugelmann dois pedaços do papel de parede do escritório de Leibniz como presente de aniversário. O presente agradou Marx, que os pendurou na parede de seu escritório. No mesmo trecho escreveu “você [Engels] sabe da minha admiração por Leibniz”.

¹²⁹ Ferdinand Lassalle, 1825-1864: teórico e agitador social-democrata alemão. Fundou a Associação Geral dos Operários Alemães, a qual em 1875 fundiu-se ao SPD, cujas observações Marx fez na *Crítica do Programa de Gotha*, do mesmo ano. Em carta para Lassalle de 21 de dezembro de 1857, Marx (2010d, p. 226, colchetes inseridos) o agradece pelo envio do livro *A filosofia de Heráclito, o obscuro de Éfeso*, de autoria de Lassalle, e completa: “sempre senti uma grande simpatia por esse filósofo [Heráclito], a quem prefiro acima de todos os antigos, exceto Aristóteles”.

¹³⁰ Beecher e Fomichev (2006, p. 140) relatam que em uma visita ao Instituto em 1926 ou 1927 Stalin teria visto retratos de Marx, Engels e Lenin no escritório de Riazanov, e perguntou, sorrindo, “onde está o meu retrato?”, e Riazanov replicou: “Marx e Engels foram meus mestres; Lenin foi meu camarada. E você, o que é para mim?”. Deutscher (1967, p. 290) narra uma reunião do partido em que Stalin envolveu-se numa discussão teórica, interrompido por Riazanov, com os dizeres “pare com isso, Koba, não faça papel de bobo. Todo mundo sabe que a teoria não é exatamente o seu campo”.

¹³¹ Isaak Ilitch Rubin (Исаак Ильич Рубин), 1886-1937: foi advogado e economista russo de origem judaica. Inicialmente aderiu ao Bund, e depois aos mencheviques. Abandonou a militância política para dedicar-se à pesquisa no IMEL. Era muito próximo de Riazanov, motivo pelo qual foi preso e interrogado sobre o envolvimento deles com uma movimentação menchevique contra a União Soviética. “Confessou” a ligação de ambos com o “levante menchevique”. Sob essa falsa acusação e falsa confissão, Rubin foi preso em definitivo em 1937 para nunca mais reaparecer. O seu *A teoria do dinheiro em Marx* (Lavrapalavra, 2020), escrito em 1931, só foi descoberto 80 anos depois, em 2011.

¹³² Abram Moiseivitch Deborin (Абрам Моисеевич Деборин), 1881-1963: filósofo marxista. Inicialmente bolchevique, aderiu aos mencheviques em 1907, e em 1928 entrou para o partido comunista. Foi editor da revista *Sob a bandeira do marxismo* de 1926 a 1931. Na revista, publicou extratos do estudo de Lenin sobre Hegel em 1925 (Anderson, 2022, p. 253). Em 1931, acusado de “subestimar” o leninismo, foi excluído de suas funções, exceto a Academia de Ciências da URSS, ao qual foi membro de 1931 a 1953.

IMEL fosse organizado sob “princípios leninistas”. Contra as acusações publicadas pelo editorial do *Pravda*, Riazanov se pronunciou:

Em resposta a essa ‘autocrítica’, respondi com uma crítica na forma de uma palestra na qual mostrei que as visões de Lenin sobre o método dialético entre 1894 e 1914 haviam sofrido mudanças significativas, que *somente depois que ele se familiarizou com a correspondência de Marx e Engels é que ele se aplicou a um estudo mais profundo da dialética materialista*, que ele chegou a resultados que lhe permitiram, diferentemente de Plekhanov, tornar mais precisa e aperfeiçoar sua compreensão da dialética marxista, que esses resultados foram usados por ele em seu belo artigo sobre Marx¹³³ e que, portanto, não se poderia falar do leninismo como um método novo e superior de investigação científica em comparação com o método do marxismo, que só se poderia falar do método dialético de Marx, Engels e Lenin¹³⁴. (Rokityanskii; Myuller 1996, p. 312 citado por White 2015, p. 138, ênfase inserida).

A relação entre Lenin e Clausewitz também foi alvo de apagamento e distorção: Stalin (1946), em afirmação truista, defendeu que o interesse de Lenin pelo general prussiano fora por motivos políticos, adulterando o fato do interesse ter surgido pela leitura das cartas de Marx e Engels, como explicitado por Riazanov quinze anos antes. Naquele momento, publicar as notas e anotações de Lenin sobre a correspondência de Marx e Engels em conjunto com outros textos do mesmo período comprovaria as afirmações de Riazanov e retiraria substância da falsa noção na qual Lenin teria “completamente dominado o método dialético mesmo antes de 1914”, como descrito na introdução do volume dos cadernos filosóficos (White, 2023). Além disso, isso representaria um duro golpe no culto a Lenin que estava em curso e na lenda de Stalin enquanto continuador de sua doutrina filosófica, expressa, entre outras coisas, no que convencionou chamar “marxismo-leninismo” (Paulo Netto, 1981, p. 63). Quase vinte anos antes, Riazanov havia colaborado na correção das provas impressas e decifrado algumas passagens nos originais das correspondências e, ao se deparar com as anotações de Lenin recém-publicadas, estava ciente da ligação entre os materiais e os fatos.

¹³³ Riazanov se refere ao artigo “Karl Marx (breve nota biográfica com uma exposição do marxismo)” (OE3T, 1982, v. 1, p. 1-27), escrito para o Dicionário Enciclopédico Granat, muito popular na Rússia à época. Iniciado em 1913, o texto sofreu mudanças significativas até a versão entregue em dezembro de 1915. Isso se deve à leitura das cartas de Marx e Engels e das obras de Hegel, como atesta a carta ao secretário de redação da enciclopédia, em que Lenin questiona se havia ainda tempo hábil para algumas correções na seção sobre dialética, “um problema no qual venho trabalhando há um mês e meio” (OCE, 1988, v. 49, p. 54). Ao todo, entre o corpo do artigo de Lenin e as notas, há 25 menções às cartas de Marx e Engels.

¹³⁴ No original: “I replied with a critique in the form of a lecture in which I showed that Lenin’s views on the dialectical method between 1894 and 1914 had undergone significant changes, that only after he became acquainted with the correspondence of Marx and Engels did he apply himself to a more profound study of materialist dialectics, that he arrived at results that allowed him, as distinct from Plekhanov, to make more precise and to perfect his understanding of Marxist dialectics, that these results were used by him in his fine article on Marx, and that therefore there could be no talk of Leninism as a new, higher, method of scientific investigation as compared with the method of Marxism, that one could only speak of the dialectical method of Marx, Engels and Lenin”.

Vertidos para o alemão (1932), francês (1938) e inglês (1958), os cadernos só foram traduzidos para o português em 1989, e ao lado da publicação dos manuscritos de 1844 (Marx, 2015), lançados em russo em 1929-1930 e em alemão em 1932, a publicação dos cadernos hegelianos causou um impacto positivo na tradição marxista por eles influenciada¹³⁵ (Lukács, 2010, p. 16). Atacado anos antes no Congresso da IC, o filósofo húngaro György Lukács muda-se para a União Soviética em 1929, onde fica até 1931; trabalhando no IMEL, recebe de Riazanov o texto datilografado dos manuscritos de 1844 antes da publicação e conhece os cadernos de Lenin. A leitura dos materiais o impacta profundamente, em especial para a sua concepção sobre Hegel, a relação sujeito-objeto, a epistemologia e a relação entre obra de arte e realidade social (Mészáros, 1972, p. 137). Em 1938, termina o seu livro *O jovem Hegel*, publicado uma década depois, e nele é possível notar a influência da leitura de Lenin sobre Hegel, presente em diversos trechos e referências diretas aos cadernos. Na obra, Lukács (2018, p. 719, ênfase inserida) restabelece o lampejo já anunciado por Riazanov:

Lênin não pôde conhecer os manuscritos de Marx, por nós analisados em detalhe, que contêm as conexões decisivas entre economia e dialética referentes à crítica e à avaliação de Hegel. Apesar disso, ele viu com toda clareza essas conexões. Já citamos aqui sua sentença de que Marx se vincula diretamente a Hegel (p. 470 deste livro). Desse modo, *Lênin acentua um ponto de vista que foi completamente negligenciado no período da Segunda Internacional, mesmo que Marx e Engels não tivessem perdido oportunidade de, em prefácios, notas, cartas etc., ressaltar como indispensável a importância de Hegel e de seu estudo para a compreensão da dialética materialista.*

Lukács tinha motivos para adiar a publicação de sua obra. Entre 1935 e 1941 esteve envolvido em uma série de contendas contra o pensamento hegemônico de esquerda promovido por aquele período: criticou a política cultural promovida por Stalin e Jdanov¹³⁶ (*Proletkult* e realismo socialista), foi privado de suas funções nas revistas às quais publicava seus textos e fez críticas abertas à burocratização. Preso por alguns meses em 1941, seus inquisidores tentaram forjar dele a confissão de que fora um “agente trotskista” desde a década de 1920 (Mészáros, 1972, p. 140-142). Em 1963, passados dez anos da morte de Stalin, Lukács (1970, p. 9-10) escreveu um prefácio para a edição espanhola do livro sobre o jovem Hegel, detalhando melhor o que o fez “engavetar” por tanto tempo aquele trabalho:

¹³⁵ Cabe citar o trabalho de Dunayevskaya (1958, p. 191) *Marxism and freedom... from 1776 until today*, no qual a autora associa *O Estado e a revolução* de Lenin como fruto de uma nova organização de seu pensamento “hegeliano-marxista”.

¹³⁶ Andrei Aleksandrovitch Jdanov (Андрей Александрович Жданов): 1896-1948: bolchevique desde 1915 e muito próximo a Stalin, foi Segundo Secretário do PCUS de 1939 a 1948. A política cultural sufocante e grosseira conduzida por ambos condenou grandes artistas como Eisenstein, Prokofiev e Chostakovitch.

A principal causa do atraso no aparecimento dessa obra – dez anos após sua redação – foi a ‘nova concepção’ da filosofia hegeliana formulada durante a guerra por Jdanov. Como parte da propaganda de guerra grosseiramente simplificadora produzida durante o período de Stalin, foi decidido por decreto que Hegel havia sido um representante da reação feudal contra a Revolução Francesa. Essa concepção estava, além disso, amplamente alinhada com a vulgarização geral da tendência dominante do período. [...] Como consequência de tudo isso – e em contraste com Marx, Engels e Lenin – não se permitia mais que Hegel e Marx fossem vistos como algo além de uma contraposição excludente¹³⁷.

Ainda que contraditório, foi no período de maior mecanização do marxismo que se suscitou a possibilidade do renascimento dialético com a publicação dos cadernos de Lenin sobre Hegel na passagem da década de 1920 para a década de 1930, representando uma alternativa ao “marxismo oficial” (Lukács, 2020) de Stalin¹³⁸ e seus acólitos. O combate a Hegel e aos marxistas influenciados pelos seus escritos representou um engessamento da dialética; foi, por si só, um combate a Marx, Engels, Lenin e ao método dialético. Lenin não pode ver a ideia ser comprovada, principalmente entre seus correligionários, de que “um idealismo inteligente está mais perto do materialismo inteligente que um materialismo estúpido” (2020, p. 282), é por isso que não convém reabilitar, em nossos tempos, a apreciação empobrecedora – o “materialismo estúpido”, nas palavras de Lenin – ao qual o pensamento marxista foi submetido; de igual maneira, é necessário reagir contra as tentativas oportunistas de revisionismo histórico que se apresentam sob novas e diferentes vestes.

A reconstrução do pensamento de Lenin permitiu extrair a razão filosófica de seus atos, que desconhece a vulgarização que entende a prática como polo oposto ao pensamento, e vê o marxismo como um dogma¹³⁹, não um guia para a ação (Lefebvre, 2020, p. 21). O esforço de Lenin redime a visão universal e a verdade abandonadas pela II Internacional em prol do relativismo patriota, e seu trato com Hegel tem em vista localizar os pontos nos quais o filósofo alemão está limitado e aqueles que estão abertos ao futuro. Lenin toma para si a intenção de Marx de escrever algumas páginas sobre a dialética porque compreendeu que os aspectos débeis – como a mistificação religiosa – são os pontos a serem ultrapassados. E essa

¹³⁷ No original: “La causa principal del retraso en la aparición de esta obra – diez años después de su redacción – fue la ‘nueva concepción’ de la filosofía hegeliana formulada durante la guerra por Zhdanov. Como parte de la propaganda de guerra groseramente simplificadora producida durante el período de Stalin, se decidió por decreto que Hegel había sido un representante de la reacción feudal contra la Revolución Francesa. Esa concepción coincidía además ampliamente con la vulgarización general propia de la tendencia dominante en dicho período. [...] Como consecuencia de todo ello – y a diferencia de lo que ocurría con Marx, Engels y Lenin – no se admitía ya entre Hegel y Marx más que una contraposición excluyente”.

¹³⁸ Em filosofia isso foi expresso, sobretudo, no seu *O materialismo dialético e materialismo histórico* (Stalin, 1982, p. 127-157), também conhecido nos círculos marxistas da época como *DiaMat*. O fato curioso é que Stalin cita duas passagens descontextualizadas dos cadernos de Lenin.

¹³⁹ Na polêmica contra Bukharin e Trotski sobre os sindicatos em 1920-1921, Lenin demonstra que a ignorância em dialética leva ao ecletismo, uma posição à direita, ou ao dogmatismo, uma posição esquerdista (Lefebvre, 2020, p. 99).

superação tem de penetrar sem destruir o núcleo racional da filosofia hegeliana: a dialética que, desta vez, deve ser tomada de modo materialista (Lefebvre; Guterman, 2018, p. 14-16). Se a Revolução Francesa, com o surgimento do novo a partir das ruínas do antigo, impressionou Hegel a ponto de torná-lo convicto do progresso do espírito humano na história, Lenin demonstrou que a história é construída por sujeitos conscientes de suas ideias. Dessa forma, ele não somente testemunhou a história sendo feita, mas também alterou decisivamente seu curso.

Lukács (2012, p. 103) desejava contribuir para o “renascimento do marxismo” frente às tendências neopositivistas e existencialistas, como também ante o marxismo que perverteu o pensamento de Marx, e por isso empreendeu com afínco o exame das categorias fundamentais do pensamento de Marx, restituindo-lhe a essência e substância degradadas pelo stalinismo (Tertulian, 2010, p. 387-388). Lenin conseguiu trazer a dialética de Hegel e Marx para o presente de forma realmente revolucionária, compreendendo suas diferenças e potencialidades, mas sem a deformar, e ao fazer isso, trouxe de volta a atualidade da revolução proletária e a emancipação humana por ela pautada. Em vida, fez com que a dialética renascesse da inércia em que estava condenada pelos seus pares social-democratas europeus, e como *le mort saisit le vif*¹⁴⁰, seus cadernos incitaram novamente o retorno à dialética. Se quisermos trazê-la de volta à ribalta e desenvolver uma autêntica filosofia da práxis¹⁴¹ para o nosso tempo, certamente encontraremos no universo lenineano um cais à disposição, pronto para ser redescoberto e, quem sabe, apontar para alternativas históricas há muito soterradas – seja pelos seus numerosos detratores, seja pelos seus autoproclamados continuadores.

Esta seção visou esquadrihar as raízes do pensamento dialético de Lenin, que teve como ponto de partida seus conterrâneos Tchernychevski e Plekhanov, e Marx e Engels, para depois, a partir destes, retornar à sua base hegeliana, redescobrendo-a em meio à guerra. Assim, possibilitou-se conectar o caminho percorrido por Lenin nos seus estudos em 1913-1915 com os entendimentos que o levaram ao triunfo revolucionário de 1917.

¹⁴⁰ “O morto se apodera do vivo”, brocardo do Código Civil Francês utilizado por Marx (2017, p. 79) no prefácio da primeira edição d’*O capital*.

¹⁴¹ O filósofo marxista italiano Antonio Labriola (1843-1904) cunhou a expressão “filosofia da práxis” (mais tarde popularizada por Gramsci) em carta destinada a Georges Sorel em 14 de maio de 1897. Para Labriola (2002, p. 24), a filosofia da práxis é a “medula do materialismo histórico”. Na bibliografia da famosa nota biográfica de Marx escrita entre 1913 e 1914 para o Dicionário Enciclopédico Granat, Lenin (OCE, 1984, v. 26, p. 90) recomenda, entre outras, duas das obras do filósofo italiano no bojo das “melhores exposições” sobre “filosofia do marxismo e materialismo histórico”. As edições em língua portuguesa (OE6T e OE3T) seguiram a 5ª edição das obras completas em russo e reproduziram a versão do texto republicado em brochura em 1918, sem as indicações bibliográficas de Lenin.

2.3 O marxismo depois de Lenin: “marxismo-leninismo”?

Muito foi feito (e fabulado) sobre a interpretação da obra de Lenin para justificar e legitimar uma pretensa continuidade política, e as contribuições do revolucionário marxista Lenin, homem de ação e teoria, ganhou uma adjetivação própria: *marxismo-leninismo*. O objetivo da última seção deste capítulo é apresentar o legado de Lenin transformado em “marxismo-leninismo”, bem como as polêmicas e contradições nela circunscritas.

É fato que pelo menos desde a cisão no Segundo Congresso do POSDR, em 1903, o “leninismo” adquiriu significado que discernia aqueles que se colocaram junto à maioria, sob a liderança política de Lenin, e aqueles que aderiram à minoria, cuja liderança de destaque era Martov, e como relembra Fernandes (1989, p. 15-16), o próprio Lenin chegou a utilizar o termo “leninismo” em seus escritos – especificamente em duas ocasiões: em uma carta e em uma intervenção no Congresso de unificação do POSDR, conforme listado no quadro da página seguinte.

Quadro 7. Ocorrência do termo “leninismo” nas obras de Lenin

Ano	Título
1904	Carta a Glebov (V. A. Noskov)
	“[...] os editores do novo <i>Iskra</i> , cuja posição de ‘princípios’ se reduz quase que exclusivamente a ataques pessoais a mim, a gritar contra o que eles chamam de ‘ <i>leninismo</i> ’ ¹⁴² ”. (OCE, 1982, v. 9, p. 33, ênfase inserida).
1906	Palavras conclusivas sobre o momento atual e os objetivos de classe do proletariado ¹⁴³ (das <i>Atas do Congresso de unificação do POSDR</i>)
	“O camarada Plekhanov disse: não rejeitamos a tomada do poder, mas somos a favor da tomada do poder como era na época da Convenção [Nacional Francesa], e não por meio de uma conspiração. Então escreva isso em sua resolução, camarada ‘menchevique’. Rejeite o <i>leninismo</i> , estigmatize os conspiradores socialistas revolucionários, etc., etc., isso não me assusta nem um pouco, mas inclua um ponto referente à tomada do poder nos moldes da Convenção [Nacional Francesa], e nós assinaremos com as duas mãos essa resolução. Só que, lembre-se, camarada Plekhanov, assim que você fizer isso, os democratas constitucionais deixarão de elogiá-lo, acredite ¹⁴⁴ ”. (OCE, 1982, v. 12, p. 382, ênfase e colchetes inseridos).

Elaboração própria.

¹⁴² No original: “[...] los redactores de la nueva *Iskra*, cuya posición “de principios” se reduce casi con exclusividad a los ataques personales contra mí, al griterío contra lo que ellos llaman ‘leninismo’”.

¹⁴³ No original: “Palabras de conclusion sobre el momento actual y los objetivos de clase del proletariado”.

¹⁴⁴ No original: “El camarada Plejánov ha dicho: nosotros no rechazamos la conquista del poder, pero somos partidarios de que se tome el poder como se hizo en la época de la Convención, y no por medio de una conspiración. Pues escribanlo así en su resolución, camaradas ‘mencheviques’. Rechacen el leninismo, estigmaticen a los conspiradores socialistas revolucionarios, etc., etc., eso no me asusta en lo más mínimo, pero incluyan un punto referente a la conquista del poder a la manera de la Convención y suscribiremos con ambas manos esa resolución. Sólo que, téngalo presente, camarada Plejánov, en cuanto lo haga, los demócratas constitucionalistas dejarán de elogiarle, créame”.

Cabe destacar, contudo, o uso e as circunstâncias que Lenin utiliza o termo em questão: em um primeiro momento, ele se refere a “leninismo” entre aspas, atribuindo a criação do termo como forma pejorativa contida nos ataques direcionados a ele e aos bolcheviques por seus oponentes mencheviques nas páginas do novo *Iskra*. No segundo momento, Lenin parece citar, de forma irônica, o termo que lhe foi atribuído para fundamentar o argumento contido em seu discurso, isto é, da incapacidade dos mencheviques em notar que a atuação no parlamento não é a principal forma de luta do movimento revolucionário, conforme exposto no início de sua intervenção (OCE, 1982, v. 12, p. 380). Assim, pode-se concluir que Lenin jamais atribuiu seu nome à forma de organização revolucionária proposta e descrita em *Que fazer?*; ao contrário, passou a referir-se a tal organização somente como bolchevique. De igual maneira, nunca se referiu aos seus seguidores com tal alcunha.

Krausz (2017, p. 165; p. 190-191) recupera dois trechos de social-democratas contemporâneos a Lenin nos quais a alcunha derivada do nome do bolchevique é utilizada: Parvus¹⁴⁵, em 1908, ao comentar a cisão do POSDR escreveu que “essencialmente não havia correntes políticas, somente diferenças nas tendências do pensamento político”, e “só é possível falar de leninismo em termos de como Lênin, em *Que fazer?* e nas resoluções do II Congresso [...], forneceu a expressão mais afiada do bem definido sistema de seus ideais políticos e organizacionais”; e Bogdanov¹⁴⁶, em carta de 9 de junho de 1913, registrou que “por leninismo, não defino relações pessoais com Lênin, mas a ideia geral de política e métodos políticos que ele representa melhor que ninguém”, e prossegue, “[...] para o leninista, mesmo os mais à esquerda (como estão muitos *otzovistas*), política é uma profissão separada, independente, sujeitas às próprias regras, capaz de evoluir de forma mais ou menos independente dos processos gerais de organização de classe”, e “[...] para o leninista, política é fazer política, o que pode encontrar sucesso no nível do grupo, do círculo ou, até mesmo, do indivíduo; a arte da política é como a arte do bom enxadrista: coloca-se a peça certa no lugar certo, no momento certo, para que se vença a partida”. Os dois exemplos mostram que o “leninismo” em voga durante a vida de Lenin por vezes foi utilizado pelos seus críticos: o

¹⁴⁵ Izrail Lazarevitch Guelfand, Parvus (Израиль Лазаревич Гельфанд, Парвус), 1867-1924: social-democrata nascido na atual Bielorrússia. Iniciou a militância no Bund, e atuou no movimento social-democrata alemão e russo (tendo aderido aos mencheviques).

¹⁴⁶ Aleksandr Aleksandrovitch Bogdanov (Александр Александрович Богданов), 1873-1928: médico social-democrata russo, foi militante bolchevique e editor de periódicos. Em 1911 abandonou as atividades políticas e passou a se dedicar apenas à atividade científica. Serviu como médico na Primeira Guerra Mundial e mais tarde foi ideólogo do *Proletkult*. Em 1926 fundou o primeiro Instituto de Hematologia e Transfusão de Sangue do mundo. Morreu após uma transfusão de sangue.

primeiro, menchevique, enquanto o segundo motivou a escrita do livro *Materialismo e empiriocriticismo* (1909).

Mas o que fez o “leninismo” e o “marxismo-leninismo” tornarem-se epítetos dos seguidores de Lenin? Seria muito difícil, dado a quantidade de autores e o sem-número de trabalhos publicados sobre Lenin a partir de 1924, encontrar o documento precursor da alcunha tal como passou a ser entendida¹⁴⁷. Dois meses após a morte de Lenin, Krupskaja se colocará como uma intérprete de Lenin ao proferir uma palestra sobre “como estudar o leninismo”¹⁴⁸, destinado ao grande número de membros do partido, na intenção de mobilizá-los para o recrutamento de novos membros e expansão do partido (McNeal, 1972, p. 244; p. 317, n. 11). Em março, foi a vez de Stalin organizar uma série de conferências sobre Lenin, mas dessa vez amplamente disseminadas em publicações no *Pravda* entre abril e maio de 1924, e compiladas no livro *Sobre os fundamentos do leninismo*, que contém as definições da doutrina de Stalin (1945, p. 9) sobre Lenin: “o leninismo é o marxismo da época do imperialismo da revolução proletária”¹⁴⁹, “o leninismo é a teoria e a tática da revolução proletária em geral, a tática da ditadura do proletariado em particular” e “o leninismo é o desenvolvimento ulterior do marxismo”. Semelhantemente, em novembro do mesmo ano, baseado no escrito *As lições de outubro*¹⁵⁰, publicado em setembro de 1924 por Trotski, Stalin (2021b, p. 266-267) destacará três características do “trotskismo” tal como o georgiano desenhou para rivalizar com seu “leninismo”:

- i) “o trotskismo é a teoria da revolução ‘permanente’ (ininterrupta), [...] é uma revolução que não leva em conta o campesinato pobre como força revolucionária”;
- ii) “o trotskismo é a desconfiança do princípio do Partido Bolchevique, do caráter monolítico do Partido, de sua hostilidade para com os elementos oportunistas”, e “na esfera da organização, o trotskismo é a teoria de que revolucionários e oportunistas podem coexistir e formar grupos e círculos dentro de um único partido”;

¹⁴⁷ Bianchi (2012, p. 138) e Fazzio (2023) citam alguns dos primeiros autores e trabalhos que valeram-se das referidas expressões a partir de 1924, tais como Bukharin, Gramsci, Kamenev, Lukács, o brasileiro Octavio Brandão, Pachukanis, Stalin, Thalheimer e Zinoviev. Acrescento a essa lista Trotski (1973, p. 141; p. 143), que grafou “marxismo-leninismo” em pelo menos duas ocasiões em 1924: em 24 de junho e 3 de julho; Trotski (1973, p. 288 *et seq.*) também interpretou a “leninismo” como a linguagem do marxismo de nossa era, em 17 de julho de 1924.

¹⁴⁸ McNeal (1972, p. 244) acrescenta que, em geral, se considera que isso foi feito no interesse de Stalin, mas Krupskaja o apoiou nessa empreitada.

¹⁴⁹ Fernandes (1989, p. 7) recupera essa citação no primeiro parágrafo de seu texto introdutório do volume “Lenin: política” da coleção “Grandes Cientistas Sociais” da editora Ática.

¹⁵⁰ Segundo Corney (2004, p. 164), Trotski acusa Zinoviev e outros de ter usado esse trabalho como “pretexto formal” para criar a “lenda do trotskismo”.

iii) “o trotskismo é a desconfiança dos dirigentes do bolchevismo, uma tentativa de desacreditá-los, de difamá-los”.

A onda de ataques contra o espantinho do “trotskismo” como recepção do livro de Trotski segue com Kamenev¹⁵¹ (1949, p. 48), que afirma, ainda em novembro, que durante toda a preparação para a revolução em 1917, o “o trotskismo desempenhou apenas o papel de agente do menchevismo, encobrindo o menchevismo, mascarando o menchevismo¹⁵²”. Sob o pretexto de defender o “leninismo”, conforme afirma Stalin (2021b, p. 253), que o considerava uma ideologia peculiar e incompatível com o “leninismo”, foram utilizados os argumentos da campanha contra o “trotskismo”. A partir desses juízos, Trotski foi atacado e acusado de “criar as condições para substituir o leninismo pelo trotskismo” (Stalin, 2021b, p. 266). Três anos depois, em novembro de 1927, essa acusação se repetiria (Stalin, 2021a, p. 385) por Zinoviev (1949, p. 3), servindo como justificativa para a expulsão da oposição que se organizava no XV Congresso do PCUS, realizado em dezembro daquele ano. Nesse ínterim, Stalin publica *Sobre as questões do leninismo* (1926), onde comenta, com estilo característico, seus postulados de 1924 e critica o “leninismo” de Kamenev e Zinoviev, perseguidos e expulsos de suas funções entre 1926 e 1927. E assim pavimentou-se o caminho para o estabelecimento do “leninismo” e de seu corifeu, cuja herança política e interpretação intelectual foi legitimada enquanto continuador do *legendarium*¹⁵³ de Lenin.

Na década seguinte, os expurgos ampliam-se e dois importantes documentos somam-se à vitória de Stalin e sua doutrina, feitos que o insere, ainda que artificialmente, como o “quarto clássico do marxismo”, com Marx, Engels e Lenin. O primeiro documento fundamental desta doutrina é *Sobre o materialismo dialético e o materialismo histórico* (1938), no qual Stalin argumenta que a concepção oficial do “partido marxista-leninista” é o materialismo dialético¹⁵⁴, porque o método de abordar os fenômenos da natureza é dialético e

¹⁵¹ Lev Borisovitch Kamenev (Лев Борисович Каменев), 1883-1936: político bolchevique e membro do CC desde 1905. Estudou Direito na Universidade de Moscou (tendo sido expulso por envolvimento social-democrata). No exílio, conheceu e se casou com Olga, irmã de Trotski. Foi preso diversas vezes. Após a revolução, integrou o *presidium* do Comitê Executivo Central de Toda a Rússia e foi vice-presidência do Conselho do Comissariado do Povo. Foi presidente do IL de 1923 a 1926, após Lenin lhe transferir os seus arquivos em 1922. Integrou a Oposição de Leningrado e foi expulso do partido por duas vezes: a primeira em 1927 (sendo readmitido no ano seguinte) e a segunda, definitiva, em 1932, e mandado para o exílio. Em 1936 foi executado, tendo sido reabilitado postumamente em 1988.

¹⁵² No original: “[...] Trotskyism played no other role than that of an agent of menshevism, a glossing over of menshevism, a masking of menshevism”.

¹⁵³ “Lendário” em latim, coleção de lendas sobre a vida de um santo.

¹⁵⁴ O termo “materialismo dialético” foi cunhado por Plekhanov (1974, p. 427) em 1891, no ensaio “Pelo sexagésimo aniversário da morte de Hegel”, como nota Anderson (2022, p. 73). No trecho, Plekhanov comenta da enorme contribuição de Hegel para a filosofia e para as ciências sociais quando o filósofo alemão aponta uma resolução para a antinomia entre necessidade e liberdade: o ser humano é livre na medida em que conhece as leis

a teoria que os interpreta é materialista¹⁵⁵; na contramão desse postulado, Paulo Netto (1982, p. 30) afirma que “a teoria marxiana perde o seu tônus de compreensão da ontologia do ser social que se produz no capitalismo para adquirir o contorno de uma ciência geral do ser (o materialismo dialético) que comporta uma aplicação à sociedade (o materialismo histórico)”. O segundo documento, também datado de 1938, intitulado *História do Partido Comunista (Bolchevique) da URSS*, narra e mistifica, em doze capítulos, a história da revolução e seus agentes, abrangendo mais de cinco décadas, desde a luta para a fundação de uma organização social-democrata no Império Russo no início da década de 1880 até o PCUS de 1937. Na narrativa do livro, é atribuído a Stalin um papel de maior relevância do que o que ele efetivamente desempenhou e retira-se ou perverte, deliberadamente, aqueles que de fato ocuparam posições essenciais no processo de consolidação do partido revolucionário. Esses dois documentos fizeram parte da formação de uma geração de militantes comunistas ao redor do globo, além de contribuírem para a formulação de outros materiais neles baseados¹⁵⁶.

O pensamento radicalmente crítico e polêmico de Marx, Engels e Lenin – podemos acrescentar, com justeza: abrangente, e por isso mesmo, devedor de vários outros pensadores e filosofias –, foi reduzido a um conjunto de dogmas simplificados que se convencionou

da natureza e do desenvolvimento sócio-histórico. Para Plekhanov, no entanto, essa contribuição foi explorada ao máximo apenas pelo materialismo dialético moderno, isto é, o desenvolvimento da filosofia marxista a partir da herança filosófica do idealismo alemão. A nosso ver, é a essa interpretação de Plekhanov que Lenin (1982, p. 15) se refere no breve prefácio à segunda edição de *Materialismo e empiriocriticismo*, assinado em 2 de setembro de 1920, quando avalia que seu livro pode auxiliar na aquisição de conhecimentos sobre a filosofia do marxismo, entendido como materialismo dialético, em consonância com as descobertas da ciência da natureza.

¹⁵⁵ Cabe neste momento recordar da carta de Engels (1882) a Conrad Schmidt em 5 de agosto de 1890: “A palavra ‘materialista’ [materialistisch], na Alemanha, serve, em geral, a muitos escritores jovens de simples frase com que etiquetam, sem ulterior estudo, tudo e mais alguma coisa, isto é, colam esta etiqueta e, então, crêem ter resolvido a coisa. A nossa concepção da história, porém, é, antes de tudo, uma directiva [Anleitung] para o estudo, [não é] nenhuma alavanca de construções *à la* hegelianos [Hegelianertum]. A história toda tem de ser estudada de novo, as condições de existência [Daseinsbedingungen] das diversas formações sociais [Gesellschaftsformationen] têm que ser investigadas em pormenor, antes de se tentar deduzir a partir delas os modos de ver [Anschauungsweise] políticos, de direito privado, estéticos, filosóficos, religiosos, etc, que lhes correspondem. Relativamente a isto, até agora, só pouco aconteceu, porque só poucos se puseram seriamente a isso. Relativamente a isso, precisamos de ajuda em massa, o domínio é infinitamente grande e quem quiser trabalhar seriamente pode conseguir muito e distinguir-se. Em vez disso, porém, as frases do materialismo histórico ([e], precisamente, de tudo se pode fazer uma frase) servem a muitos jovens alemães apenas para construir ordenada e sistematicamente [systematisch zurechtzukonstruieren], o mais rapidamente possível, os seus próprios conhecimentos históricos relativamente parcos – a história económica ainda anda de cueiros! – e para parecerem então muito formidáveis”.

¹⁵⁶ A título de exemplo, no texto de Chtcherbakov (1950), publicado no Brasil na Revista Problemas, editada pelo Partido Comunista Brasileiro (PCB), lemos que “Lênin e Stálin criaram o Partido mais forte do mundo, temperado na luta pelo comunismo, o Partido Bolchevique. Ao lado de Lênin o camarada Stálin foi o organizador e o construtor de nosso Partido”. No mesmo texto, Chtcherbakov define os princípios do partido “leninista-stalinista”. Essa mesma adulteração histórica encontra-se no cartaz de Berezovsky (1951), retirado da introdução da edição crítica da história do PCUS (Brandenberger; Zelenov, 2019, p. 30), disponível em: <https://imgbox.com/XJPUJWVf>. No cartaz é possível ver um homem com o livro da história do PCUS nas mãos e olhando para a parede que contém Lenin, Stalin, Dzerjinski e Sverdlov em uma multidão revolucionária. Há também um livro de Lenin e Stalin sobre a mesa de estudo. No rodapé do cartaz, lê-se: “estude o grande caminho do partido de Lenin e Stalin!”.

chamar de “marxismo-leninismo”, cujas fórmulas esquemáticas e mecanicistas “materialismo dialético” e “materialismo histórico” preenchem o parco conteúdo filosófico¹⁵⁷ dessa doutrina de Stalin (Menezes, 2022, p. 82-91; Paulo Netto, 1981, p. 63; 1982, p. 30; 2011, p. 12). O partido, forjado na luta contra a autocracia tsarista, constantemente testado e marcado por controvérsias, principal ferramenta política do triunfo revolucionário, foi reduzido a uma novela de cavalaria. Nessa narrativa, as personagens Lenin e Stalin combatem inimigos sem rosto, como moinhos de vento da eterna guerra contra tendências que queriam pôr fim à revolução.

Por outro lado, Krupskaja, a despeito de sua derrota como intérprete do legado de Lenin, apresenta-nos outra visão sobre o que fazer em nome da memória do revolucionário bolchevique. Em 30 de janeiro de 1924, nove dias após a morte de Lenin, ela publica um texto na primeira página do *Pravda*:

CAMARADAS TRABALHADORES E CAMPONESES!

Tenho um grande pedido a vocês: não permitam que sua dor por Ilitch se expresse na veneração externa de sua pessoa. Não construam memoriais para ele, palácios com seu nome, [não realizem] celebrações magníficas em sua memória, etc. Tudo isso significou muito pouco para ele em sua vida; ele achou tudo isso muito cansativo. Lembre-se de quanta pobreza e desordem ainda existem em nosso país. Se vocês quiserem honrar o nome de Vladimir Ilitch, construam creches, jardins de infância, casas, escolas... etc. e, o mais importante, tente em tudo cumprir o seu legado. [...] Não devemos venerar o cadáver do camarada Lenin, mas sua causa¹⁵⁸. (Tumarkin, 1983, p. 177; p. 192).

O apelo de Krupskaja refletiu-se na postura adotada pela revolucionária: jamais mencionou publicamente o mausoléu construído para expor o corpo de Lenin, nunca o visitou ou ficou na tribuna durante as atividades festivas e nas suas correspondências preferia referir-se a Leningrado por “Piter”, a antiga alcunha da cidade (McNeal, 1972, p. 242). Em vez de cultuá-lo como um ícone, Krupskaja dedicou diversos trabalhos a Lenin, nos quais expôs a vida e a obra do revolucionário. Ela destacou sua conduta nos momentos mais adversos e decisivos, seu trato com Marx e com as artes, sua visão educacional e de mundo, a amplitude de seu pensamento e a diligência com que abordava todos os temas que considerava relevantes. Longe de torná-lo um ícone, Krupskaja empenhou-se em manter o

¹⁵⁷ Diz Althusser (1968) que “a teoria marxista-leninista abrange uma ciência (o materialismo histórico) e uma filosofia (o materialismo dialético)”.

¹⁵⁸ No original: “COMRADES WORKERS AND PEASANTS! I have a great request to make of you: do not allow your grief for Ilitch to express itself in the external veneration of his person. Do not build memorials to him, palaces named after him, [do not hold] magnificent celebrations in his memory, etc. All of this meant so little to him in his lifetime; he found it all so trying. Remember how much poverty and disorder we still have in our country. If you want to honor the name of Vladimir Ilitch – build day care centers, kindergartens, homes, schools ... etc., and most importantly – try in all things to fulfill his legacy. [...] We must venerate not the corpse of Comrade Lenin, but his cause”.

pensamento vivo de Lenin e contribuir para transformar sua atividade em exemplo para a formação de novas gerações de comunistas. É possível que essa tenha sido a vontade de Lenin, (2017a, p. 27) que denunciou em vida as tentativas de transformar os líderes revolucionários das classes oprimidas em ícones inofensivos, canonizados, castrando o conteúdo de seu pensamento revolucionário, vulgarizando-os.

Menos de um ano antes da morte de Lenin, Trotski (1923) proferiu um discurso muito conhecido no qual o revolucionário ucraniano destaca a importância das figuras de Marx e Lenin, ao afirmar que estes foram “gênios dirigentes da classe operária”, e que Marx foi “o profeta que trouxe as tábuas da lei” enquanto Lenin “o grande executor dos mandamentos”. Pouco antes da morte, Krausz (2017, p. 99; p. 525) conta que Krupskaja leu o folheto para Lenin que, muito lisonjeado, considerou a analogia um exagero, porque “jamais elaborara uma metodologia científica própria, nem uma teoria diferente do marxismo”. Lenin foi um pensador original e isso refletiu-se na forma como se constituiu seu marxismo igualmente original e repleto de outras referências, mas não criou um sistema teórico e uma prática revolucionária independente do marxismo. A atividade de Lenin nunca teve em vista tingir o marxismo com tons personalistas¹⁵⁹, menos ainda adicionar um “ismo” à teoria marxista.

Os defensores da vulgata “marxismo-leninismo”, quando não argumentam contrários à vinculação do termo a Stalin¹⁶⁰, buscam erudição em Gramsci (1999, p. 243) para justificar a adição do “leninismo” ao marxismo, porque este assinalou que “traçar um paralelo entre Marx e Ilitch, buscando determinar uma hierarquia, não tem sentido e é ocioso [...]. O cristianismo poderia ser chamado, historicamente, cristianismo-paulismo, e esta seria a expressão mais exata”; no entanto, esquecem-se de assinalar que a criação formal de sistemas era estranho tanto para Lenin quanto para Gramsci, que criticaram Bukharin por tentar criar um sistema científico para a “sociologia marxista”¹⁶¹. No mesmo Gramsci (1999, p. 142) lemos que “acredita-se vulgarmente que ciência queira absolutamente dizer ‘sistema’ e, por isso,

¹⁵⁹ No que se refere à constituição da pedagogia histórico-crítica enquanto teoria pedagógica de inspiração marxista, é adequado mencionar Duarte (1994, p. 129-130) quando declara que “não é casual que essa corrente pedagógica nunca tenha sido denominada ‘Pedagogia Dermeval Saviani’, ainda que o trabalho desse educador seja uma das referências fundamentais dessa corrente. A construção coletiva dessa pedagogia está em andamento tanto no que diz respeito à elaboração teórica, quanto no que diz respeito ao enfrentamento dos problemas postos pela prática no campo educacional. Há muito por ser feito nessas duas direções”. Se não somos menos adeptos da pedagogia histórico-crítica por esta não chamar “Pedagogia Dermeval Saviani” ou “Pedagogia savianista”, os seguidores de Lenin tampouco são menos “leninistas” ou “marxistas-leninistas” por não se autointitular de dessa forma. Ao contrário, rejeitar o personalismo vulgar significa dar continuidade ao potencial revolucionário dessas proposições, as utilizando como guia para enfrentar os desafios da prática, fazendo avançar o alcance da teoria.

¹⁶⁰ Conferir, a título de exemplo, o vídeo que espalha, em poucos segundos, o contrário do exposto nesta seção: <https://bit.ly/4aJdy1A>. Acesso em 8 abr. 2024.

¹⁶¹ Ver *A Teoria do Materialismo Histórico: Manual Popular de Sociologia Marxista*, disponível em: <https://bit.ly/432JNiD>. Acesso em 29 fev. 2024.

constroem-se sistemas de qualquer maneira, que do sistema não têm a coerência íntima e necessária, mas somente a mecânica exterioridade”. Dessa forma, ainda que Gramsci tenha utilizado a expressão “marxismo-leninismo” logo após a morte de Lenin (Fazzio, 2023), não há relação alguma entre o uso feito pelo marxista italiano em 1925 e o que a expressão representou sob Stalin nas décadas seguintes. O uso do “marxismo-leninismo” ou somente “leninismo” era recorrente após a morte de Lenin, mas isso em nada se associa com o contorno dogmático que esses termos adquiriram na militância comunista influenciada pela IC stalinizada nas décadas posteriores.

“Lenin ainda está mais vivo do que os vivos” diz Maiakovski (2020, p. 17), e para fazer jus ao verso e ao homenageado, é preciso atender ao pedido de Krupskaja e não torná-lo ícone, mas seguir a sua causa. Para tanto é necessário desmontar a mistificação¹⁶² que seu pensamento sofreu, retirá-lo do dogmatismo e do mecanicismo antidialético, e acima de tudo, estudá-lo para trazer sua causa – mais viva e atual do que nunca – aos nossos tempos. O objetivo dessa seção foi apresentar duas interpretações do legado de Lenin contidas em Stalin e Krupskaja: a primeira, ao fabricar fórmulas vazias de conteúdo (Paulo Netto, 1981, p. 63) para distingui-lo de inimigos inventados, levou Lenin a permanecer amarrado nas molduras de sua época; enquanto a segunda, por permanecer fiel à memória e as lutas travadas por Lenin, apresenta as veredas para seu espírito revolucionário, permitindo resgatar de sua atividade aquilo que nos urge no presente: a teoria social de Marx e a revolução social que lhe é intrínseca.

¹⁶² Sobre esse ponto, o filósofo italiano Valentino Gerratana (1977, ênfase no original e colchetes inseridos) escreveu que “a redução do pensamento de Lenin a uma forma sistemática e *concentrada* e a construção de um sistema teórico acabado envolveram não apenas a exclusão de tudo o que foi considerado acidental para o desenvolvimento de seu pensamento, mas também a separação entre o resultado final do processo que o gerou – as oscilações, aproximações, erros e correções essenciais ao processo em si. Além disso, deve-se perceber que o processo permaneceu incompleto e interrompido rapidamente em um momento de profunda tensão intelectual, quando Lenin estava procurando com dificuldade um novo caminho a seguir. Assim, todo o projeto de seus sucessores [os supostos continuadores do “leninismo”] foi, desde o início, baseado em uma mistificação”.

3. PEDAGOGIA HISTÓRICO-CRÍTICA E LENIN

3.1 A influência de Lenin na pedagogia histórico-crítica

Não seria novo afirmar que Lenin não formulou uma teoria pedagógica; ele nem sequer teve essa intenção. Com convicção, podemos afirmar que a produção intelectual de Lenin revela uma profunda preocupação com a educação, sempre articulada às necessidades revolucionárias¹⁶³ da conjuntura, ou ainda, dito de outra forma, as ideias pedagógicas de Lenin não foram expressas em escritos de caráter estritamente educacional, mas estavam intrinsecamente vinculadas às suas concepções revolucionárias e à luta política, bem como às suas relações com a cultura e a economia. As ideias de Lenin sobre a educação foram influenciadas por dois dos pensadores revolucionários da Rússia da década de 1860: Tchernychevski, que defendia a educação socialista democrática para todos, e Pissarev¹⁶⁴, favorável a criação de um sistema educacional público, laico e obrigatório para todos e para todas as classes sociais. A transformação das ideias sobre educação em uma teoria pedagógica de inspiração marxista ficou a cargo dos educadores soviéticos, sintetizado no mote de Pistrak (2015¹⁶⁵, p. 32) sob influência de Lenin: “sem teoria pedagógica revolucionária, não poderá haver prática pedagógica revolucionária”.

No Brasil, a influência de Lenin é notada na pedagogia histórico-crítica, que logo no segundo capítulo do texto inaugural, *Escola e democracia* (Saviani, 2018a, p. 29 *et seq.*), o autor recorre a “teoria da curvatura da vara” para introduzir a problemática do ensino e a relação com a política (para Lenin, educação, política e economia são indissociáveis) e finalmente concluir pela necessidade de se construir uma pedagogia verdadeiramente crítica e, por consequência, revolucionária. Saviani (2009, p. 114-115) assinala que “evidenciar e desmistificar a justificativa ideológica da educação burguesa”, “viabilizar o acesso às camadas subalternizadas ao saber elaborado” e “desarticular da ideologia burguesa o saber elaborado e rearticulá-lo em torno dos interesses dos trabalhadores” são as funções que assumem os conteúdos e as ideologias em uma pedagogia de orientação revolucionária, alusão que encontra respaldo no bem conhecido e muito citado discurso de Lenin (2015, p. 20-21; p. 37, colchetes inseridos) sobre as tarefas da juventude comunista, em que é possível ler, entre

¹⁶³ O livro de Oyama (2014) traça as relações entre educação, revolução e socialismo no pensamento de Lenin em três períodos: antes da revolução de 1917, após a revolução e na construção do socialismo. Esses três períodos da preocupação de Lenin com a educação podem ser lidos em Azevedo e Teixeira (2020), enquanto Bittar e Ferreira Jr (2011) centram seus esforços no estudo das tarefas educacionais assumidas por Lenin após 1917.

¹⁶⁴ Dmitri Ivanovitch Pissarev (Дмитрий Иванович Писарев), 1840-1868: filósofo materialista e democrata revolucionário russo, foi crítico literário e jornalista. Lenin (2020, p. 186) faz alusão a Pissarev quando escreve em *Que fazer?* que “é preciso sonhar!”.

¹⁶⁵ Saviani (2013, p. 125) cita essa obra de Pistrak como parte das “fontes específicas da pedagogia histórico-crítica”.

outras coisas que “só se pode chegar a ser comunista quando se enriquece a memória com o conhecimento de todas as riquezas criadas pela humanidade”, “devemos tomar dela [da escola burguesa] tudo aquilo que a humanidade acumulou e é necessário ao homem” e “saber distinguir o que o capitalismo necessitava e o que o comunismo necessita”, “ligando indissolivelmente cada momento da atividade escolar, cada momento da educação, da instrução e da formação à luta de todos os trabalhadores contra os exploradores”.

Duarte (2018, p. 163) assente com essa ligação, e afirma que “tanto Lênin, como Vigotski¹⁶⁶ e também Saviani, defendem que é necessária a apropriação do conhecimento construído historicamente, acumulado em meio às contradições da sociedade marcada pela luta de classes”. Para Saviani (2021, p. 161), a escola, mesmo nos marcos da sociabilidade capitalista, pode servir para os interesses da classe dominada, porque considera com Lenin (2015, p. 17-19) que é preciso assimilar “a soma de conhecimentos dos quais o comunismo é consequência”, e que a cultura dos trabalhadores deve ser “o desenvolvimento lógico do acervo de conhecimentos conquistados pela humanidade”. É dessa forma que o autor compreende a tarefa fundamental da escola para a pedagogia histórico-crítica: “a organização e o desenvolvimento do processo de transmissão-assimilação dos conhecimentos sistematizados pela humanidade ao longo da história”.

Para defender a transmissão das formas mais desenvolvidas do saber objetivo na educação escolar, Duarte (2000) aproxima o método dialético de Marx (2011, p. 58), expresso na passagem metafórica que “a anatomia do ser humano é uma chave para a anatomia do macaco”, com o “método inverso” de Vigotski. Para Duarte, ambos os autores partem do objeto apresentado na forma mais desenvolvida para empreender, a partir daí, a análise lógica do desenvolvimento histórico. Mediado pelas lentes vigotskianas, a ideia do conhecimento enquanto reflexo da realidade objetiva¹⁶⁷ é identificado por Duarte (2000, p. 108) como ponto de aproximação entre Lenin e os postulados da pedagogia histórico-crítica (Saviani, 2013, p. 8). Outra alusão direta ao pensador revolucionário se encontra na capa do livro *A*

¹⁶⁶ Em uma das últimas aulas de Vigotski (2018, p. 180-182), pouco mais de um mês antes de sua prematura morte, o psicólogo soviético utiliza-se da proposição de Lenin sobre reflexo da realidade na consciência ao tratar das categorias generalização (*obobschenie*) e *obschenie*. Saviani (2020, p. 12) confirma que a maturação do seu entendimento da categoria consciência refletida também passou por Lenin.

¹⁶⁷ No artigo, Duarte utiliza dois trabalhos em que Lenin desenvolveu aquilo que ficou conhecido pelos marxistas como “teoria do reflexo”: na epígrafe, cita um trecho dos *Cadernos filosóficos* (Lênin, 2018, p. 206), e na última sessão, extrai citações de *Materialismo e empiriocriticismo* (Lénine, 1982). Concordamos com Duarte (2000, p. 9) sobre a necessidade de retomar o estudo deste último livro, que ao nosso ver, juntamente com o primeiro, muito contribuiriam para o avanço da pedagogia histórico-crítica no que diz respeito à defesa de sua tese fundamental, mas de difícil aceitação: o caráter político da socialização do conhecimento pela escola (Duarte; Silva; Duarte, 2024).

individualidade para si (Duarte, 2013), em que é exposto os manuscritos de Lenin sobre Hegel, escrito um século antes:

Figura 1. Composição da capa do livro *A individualidade para si*

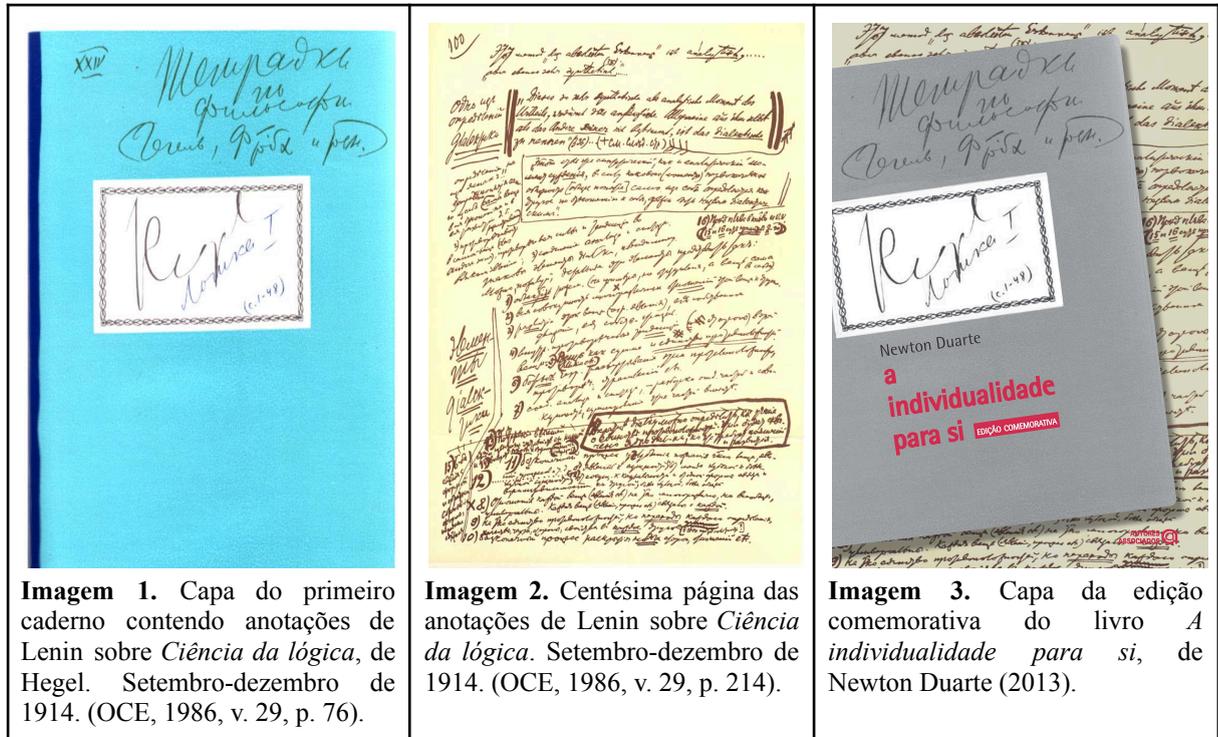


Imagem 1. Capa do primeiro caderno contendo anotações de Lenin sobre *Ciência da lógica*, de Hegel. Setembro-dezembro de 1914. (OCE, 1986, v. 29, p. 76).

Imagem 2. Centésima página das anotações de Lenin sobre *Ciência da lógica*. Setembro-dezembro de 1914. (OCE, 1986, v. 29, p. 214).

Imagem 3. Capa da edição comemorativa do livro *A individualidade para si*, de Newton Duarte (2013).

Elaboração própria a partir das fontes citadas nas imagens.

O autor justifica a escolha da capa para interceder em favor da apreensão da teoria por meio das abstrações, e daí a necessidade de dotar a pedagogia histórico-crítica com uma teoria da formação do indivíduo (Duarte, 2021, p. 198-201; detalhes sobre o processo de escolha da capa na segunda nota da p. 218 da mesma referência). As referências e alusões aos escritos de Lenin são, portanto, recorrentes nessa pedagogia e não se findam nesses exemplos.

3.2 Aproximações entre pedagogia histórico-crítica e Lenin

Para além da influência exercida por Lenin assumida em algumas das formulações da pedagogia histórico-crítica, é possível verificar, ao percorrer os canais de divulgação e os veículos de disseminação da produção científica desta teoria pedagógica, a intencionalidade em aproximá-la a Lenin. A partir da última década e meia, destacam-se a aula “Vladimir Ilitch Lenin e a Educação Soviética” (2010), componente da disciplina “História Geral da Educação e da Pedagogia”¹⁶⁸, ofertada pelos professores Dr. José Claudinei Lombardi e Dr. Antonio Miguel no âmbito do Programa de Pós-graduação em Educação da Faculdade de Educação da

¹⁶⁸ Disponível no canal do HISTEDBR no YouTube: <https://bit.ly/440DGfa>. Acesso em 15 mar. 2024.

Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), as publicações de *O Estado e a Revolução*¹⁶⁹ (2011) e *Imperialismo: Etapa superior do capitalismo*¹⁷⁰ (2011) pela Navegando Publicações, editora vinculada ao HISTEDBR, a realização dos eventos XIV Jornada do HISTEDBR (2017)¹⁷¹, cuja temática central foi “A Pedagogia Histórico-Crítica, a Educação e Revolução: 100 anos da Revolução Russa” e I Jornada do HISTEDBR-RO “Educação e Marxismo: 100 anos da Revolução Russa”, e os dois dossiês temáticos publicados pela revista *Germinal*, “América Latina, 100 anos da Revolução Russa, educação e ensino”¹⁷² (2017) e “Vladimir Ilitch Ulianov – Lenin – 150 anos!”¹⁷³ (2020).

Nas duas revistas de abordagem teórico-crítica, destacam-se, entre outros temas, as contribuições de autores que tomaram Lenin como ponto de partida para reflexões sobre imperialismo, organização política, Estado, politecnia, questão agrária, autodeterminação e anticolonialismo, internacionalismo, emancipação, democracia, sindicatos. Além disso, os textos abordam a relação de Lenin na produção teórica de outros marxistas, como Alberto Passos Guimarães, Ilienkov, Krupskaja, Lukács, Marighella, Vigotski, e com o marxismo latino-americano e africano. As duas revistas publicaram, somadas, 9 traduções de Lenin, com destaque para o discurso “As tarefas das uniões da juventude” (1920), bastante influente na pedagogia histórico-crítica, publicado na revista *HISTEDBR On-line* em 2011 e na *Germinal* em 2015. Em que pese o volume considerável de publicações e materiais, apenas três trabalhos publicados nessas revistas associam diretamente as contribuições de Lenin com as produções científicas da pedagogia histórico-crítica, de acordo com os critérios estabelecidos por esta investigação. Os três trabalhos são de autoria do Dr. Francisco Máuri de Carvalho Freitas, da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES)¹⁷⁴, que ora assina apenas como Máuri de Carvalho, e serão apresentados a seguir.

¹⁶⁹ Disponível em: <https://bit.ly/48UGZ8D>. Acesso em 15 mar. 2024.

¹⁷⁰ Disponível em: <https://bit.ly/3Tb2CLW>. Acesso em 15 mar. 2024.

¹⁷¹ A programação e o registro das conferências podem ser acessados e assistidos em: <https://bit.ly/48WEOI3>. Acesso em 15 mar. 2024. Esse evento deu origem ao livro organizado por Orso, Malanchen e Castanha (2018).

¹⁷² A edição encontra-se disponível em: <https://bit.ly/490Jd6m>. Acesso em 15 mar. 2024.

¹⁷³ A edição encontra-se disponível em: <https://bit.ly/3x63Xw8>. Acesso em 15 mar. 2024.

¹⁷⁴ Freitas doutorou-se com a tese “Lenin e a educação política: domesticação impossível, resgate necessário”, defendida na Faculdade de Educação da Unicamp em 2005, sob orientação do Dr. Silvio Oliveira Donizetti Gallo. O trabalho, no entanto, não teve em vista estabelecer nexos com a pedagogia histórico-crítica.

Quadro 8. Aproximações entre Lenin e pedagogia histórico-crítica na revista *Germinal: marxismo e educação em debate* e *HISTEDBR On-line* (2009-2024)

Ano	Autoria	Título	Revista
2009	Freitas, Francisco Máuri de Carvalho	Imperialismo e educação	<i>HISTEDBR On-line</i>
2011	Carvalho, Máuri de	Educação: a crítica leninista	<i>HISTEDBR On-line</i>
2013	Carvalho, Máuri de	Marxismo, educação e emancipação do proletariado	<i>Germinal: marxismo e educação em debate</i>

Elaboração própria a partir dos dados da plataforma em 4 mar. 2024.

No trabalho “Imperialismo e educação”, Freitas (2009b, p. 51; p. 41) caracteriza o imperialismo como “a luta da burguesia agonizante, decrépita e podre, pela repartição do mundo e o subjugamento das nações pobres, emergentes ou ricas em petróleo” e afirma que “nenhuma teoria da educação ou pedagogia, nenhum projeto pedagógica [sic] escolar pode pretender a efetivação de valores éticos como pré-condição para superação do capitalismo” porque a “tentativa de desenvolver uma política transformadora por intermédio da educação escolar termina, na melhor das hipóteses, prisioneira dos mesmos limites que tornam a sociabilidade burguesa e a sociabilidade operária incompatíveis entre si”. Assim, a tarefa crítica do intelectual e o professor é romper em definitivo com as “idéias e teorias pedagógicas pequeno-burguesas” em prol da defesa de um sistema educacional baseado em três pilares: educação intelectual, educação para o trabalho e educação física de modo a tornar claro a luta popular como resultado de um sistema de relações de produção, destacando a relevância, o conteúdo, o curso e as circunstâncias que a sustentam (Freitas, 2009b, p. 51). A aproximação entre Lenin e pedagogia histórico-crítica estabelecida por Freitas (2009b, p. 54-55), quando este defende a atuação na luta de classes para a conquista do poder (OCE, 1986, v. 39, p. 228), e justifica que a educação e o mundo do trabalho são espaços importantes para a luta de classes enquanto ideologia. Para embasar sua argumentação, Freitas recorre a Duarte (2005) e Saviani (2005) demonstrando a contradição entre os propósitos da educação pública com a sociedade capitalista e a necessidade de superação dessa forma de sociedade e de suas respectivas teorias pedagógicas. Nesse sentido, o autor assume quatro empreitadas para a “esquerda em construção” no contexto educacional: i) comprovar e demonstrar os dogmas que os reformistas utilizam para amansar o caráter revolucionário do proletariado; ii) comprovar e demonstrar que a social-democracia se distancia da luta da classe operária; iii) organizar o trabalho sindical e partidário para a educação de quadros revolucionários e iv)

exercitar a crítica e a autocrítica. Além disso, em mais um aceno a Lenin (2015), Freitas faz alusão a Saviani (2018a) no que diz respeito a dominar os conhecimentos que os dominadores dominam enquanto pré-condição para a ação capaz de pôr fim à exploração do capital sobre trabalho.

Em “Educação: a crítica leninista” (Carvalho, 2011), o autor argumenta que a escola precisa revelar a conexão entre educação, economia política, domínio do conhecimento e socialismo. Para tal, Carvalho (2011, p. 227-228) propõe uma alternativa a educação burguesa, “determinada e determinante da política de exclusão”: a educação socialista, que está fundamentada na pedagogia marxista e vincula à luta dos trabalhadores e explorados. Assim, é tarefa dos professores socialistas e comunistas exporem a ligação entre a escola capitalista/educação burguesa com a economia política. O autor defende a unificação entre trabalho pedagógico extra-escolar com a educação escolar, propondo uma “guerrilha pedagógica” (Carvalho, 2011, p. 230) com seis pontos de ataque: i) defesa da educação geral e politécnica; ii) defesa da relação entre a educação intelectual, a educação para o trabalho e a educação física; iii) trabalho de agitação e propaganda entre o professorado; iv) preparação de novos quadros para o magistério convencidos das ideias de transformação social; v) incorporação da população trabalhadora no trabalho de educação por meio dos conselhos de ensino público e vi) colaboração na autoeducação dos operários, camponeses e trabalhadores assalariados mediante organização de bibliotecas públicas, escolas para adultos, universidades populares, conferências, cinemas, colóquios, saraus, etc. Carvalho (2011, p. 234) entende que o compromisso político do intelectual comunista, detentor da consciência de classe operária e do conhecimento científico e técnico, é expressar para a classe operária aquilo que ela, de forma espontânea, não consegue compreender e expressar: o conhecimento das necessidades vitais de cada indivíduo e dos meios para satisfazê-las, o conhecimento dos obstáculos impostos pela classe dominante, o discernimento para reconhecer que os inimigos de classe podem estar até mesmo no seio do próprio campo político e, por fim, o conhecimento do potencial da união em movimento de massas para combater os opressores. O autor vincula a ideia de Lenin (2015) na qual o militante comunista precisa enriquecer sua memória com o conhecimento acumulado pela humanidade com Saviani (2018a), para quem a condição de libertação dos dominados é dominar aquilo que os dominantes dominam.

No artigo “Marxismo, educação e emancipação do proletariado” (Carvalho, 2013), o autor parte do entendimento no qual a emancipação humana se torna possível por meio da emancipação intelectual do proletariado, cuja viabilidade está relacionada com a revolução proletária capaz de superar a utopia e tornar real a sociedade sem classes. Recorre a Marx e

Engels para fundamentar filosoficamente sua posição, e a Lenin, em especial, para defender que não há emancipação humana e nem emancipação intelectual em uma sociedade onde domina o dogmatismo e sectarismo – entendidos por Carvalho (2013, p. 42) como fruto do predomínio da prática sobre a teoria, e “o discurso descolado da prática”. O autor conecta Lenin com a pedagogia histórico-crítica na medida que soma a teoria revolucionária com a prática revolucionária de Lenin à compreensão crítica e radical de uma teoria, conforme demonstrado por Duarte (2000, p. 175), meio pelo qual as contradições sociais se explicitam, apontando para a escolha entre “superção do capitalismo ou destruição da sociedade e do planeta” (Saviani, 1996, p. 183). Assim, conclui que “sem educação não há transformação revolucionária” (Carvalho, 2013, p. 51), tornando fundamental a apreensão da educação política enquanto prática social coletiva, isto é, o ato de educar politicamente como parte do exercício para a emancipação intelectual no incessante e necessário combate às correntes filosóficas e pedagógicas contrárias à formação da consciência transformadora.

Em relação aos trabalhos presentes nos anais dos eventos científicos da pedagogia histórico-crítica, os três trabalhos identificados foram:

Quadro 9. Aproximações entre Lenin e pedagogia histórico-crítica nos eventos desta pedagogia (1997-2023)

Ano	Autoria	Título	Evento
2009	Freitas, Francisco Máuri de Carvalho	Educação, imperialismo e modo de produção da existência	VIII Seminário Nacional do HISTEDBR
2009	Rodrigues, Jefferson Vasques	A relação educativa entre direção e base no partido leninista: educação política e emancipação	VIII Seminário Nacional do HISTEDBR
2023	Azevedo, Vinícius; Teixeira, Lucas André	Procurando Lenin: em busca dos usos e apropriações lenineanas na Pedagogia Histórico-Crítica	Congresso pedagogia histórico-crítica e educação escolar: primavera nos dentes

Elaboração própria.

Os trabalhos de Rodrigues (2009) e Azevedo e Teixeira (2023) têm 6 e 4 páginas, respectivamente, enquanto o trabalho de Freitas (2009a) “Educação, imperialismo e modo de produção da existência” é o mais robusto e soma 25 páginas por se tratar da versão com pequenas alterações de outro trabalho do autor publicado no mesmo ano na revista *HISTEDBR On-line* (Freitas, 2009b), analisado anteriormente nesta seção. O trabalho de

Azevedo e Teixeira (2023) não será analisado nesta seção porque corresponde justamente à proposta do trabalho em tela, reduzido para fins de divulgação e discussão com outros pesquisadores. Por esses motivos, o único trabalho analisado será o de Rodrigues (2009).

O trabalho “A relação educativa entre direção e base no partido leninista: educação política e emancipação”, de Rodrigues (2009), traça o percurso da ideia de partido político enquanto fenômeno social que conecta o *Manifesto do Partido Comunista* (1848) de Marx e Engels, *Crítica ao Programa de Gotha* (1875), de Marx, e *Anti-Düring* (1878), de Engels com o *Que Fazer?* (1902), de Lenin. A partir de Vásquez (2007), elenca cinco características do partido leninista, a saber: i) destacamento da classe que encarna sua consciência; ii) possui um corpo de revolucionários profissionais; iii) máxima organização; iv) centralismo democrático, e v) introduz a consciência de classe nas massas e as dirige na luta. Assim, que “o partido leninista age como educador, organizador e dirigente da classe proletária”, argumentando que as relações educativas se fazem presentes em todos os tipos de partido (Rodrigues, 2009, p. 3). O autor associa Lenin e a pedagogia histórico-crítica ao expor o caráter educativo do partido político revolucionário, vinculando a dinâmica das relações educativas entre educador e educando no contexto escolar com a relação educativa entre base e direção partidária. Para Rodrigues (2009, p. 4), a direção partidária porta-se como educadora ou sujeito teórico-histórico, dotada de uma “síntese precária” do real (Nosella, 1983), enquanto a base militante é o educando e o sujeito político-prático, disposta de uma capacidade de “caráter sincrético” (Saviani, 2013, p. 122). A partir dessas premissas, Rodrigues conclui que a necessidade de desenvolver uma pedagogia revolucionária reside na ascensão dos educandos (base partidária) ao nível sintético do educador (direção partidária). Isso gera um efeito para o educador que reduz a precariedade de sua síntese, pois, por meio da relação educativa com a base, a direção partidária passa a compreendê-la de forma mais orgânica. No partido revolucionário, essa práxis educativa corresponde à formação de intelectuais orgânicos.

Com base na exposição dos trabalhos, pode-se fazer algumas aferições. A primeira é relativa à limitada quantidade de pesquisadores que se propuseram, em algum momento, a desenvolver a associação direta entre a produção intelectual de Lenin com as proposições da pedagogia histórico-crítica, apesar deste autor figurar entre o *roll* de influências desta pedagogia, assim como outros autores e pedagogias que também a influenciaram. Se compararmos com outros autores de grande presença nas bases desta pedagogia e influenciados por Lenin, notamos o tamanho descompasso de Lenin em relação a Gramsci e Lukács, por exemplo. É frequente invocar alguma passagem da vida e da obra de Lenin como recurso histórico ou para ilustrar algum argumento, porém é igualmente necessário utilizá-lo

como ponto de partida e pedra de toque para a conexão do revolucionário com a teoria e a prática pedagógica histórico-crítica. Fundindo os ditos de Lenin (2020, p. 39) e Pistrak (2015, p. 32), *sem teoria revolucionária, não poderá haver prática pedagógica revolucionária*, e sendo assim, Lenin tem muito a contribuir para o avanço da pedagogia histórico-crítica enquanto teoria e prática pedagógica revolucionária e para o enriquecimento dos fundamentos filosóficos que a guiam para a ação.

O segundo ponto, que se origina do primeiro, diz respeito aos conteúdos ou conceitos alcançados por essa aproximação. Nos trabalhos aqui apresentados, destacam-se, entre outros temas, a preocupação com as temáticas emancipação humana e emancipação intelectual do proletariado, a revolução proletária, o dogmatismo e o sectarismo, a educação socialista, o conhecimento, o imperialismo e o partido revolucionário. Esses temas encontram respaldo, em alguma medida, na produção científica da pedagogia histórico-crítica (Saviani, 2021). Outros temas, ainda carentes de pesquisas e aprofundamento, também se fazem presentes. Isso torna o retorno a Lenin um movimento decisivo no desenvolvimento desta teoria pedagógica. Os trabalhos de Francisco Máuri de Carvalho Freitas demonstram especial atenção à prática social da pedagogia histórico-crítica e à inserção dos professores na luta de classes como elemento ativo da “esquerda em construção”, possibilitada por meio da “guerrilha pedagógica”. Essa análise amplia a perspectiva de Saviani (2021) sobre a escola como instrumento da classe dominada e, em certa medida, sobre a função do professor na construção do partido político revolucionário. Na esteira de Freitas, o trabalho de Rodrigues caminha em direção à aproximação entre educação e partido político revolucionário, tomando de empréstimo as categorias da pedagogia histórico-crítica para estabelecer essa conexão. Em ambos autores, é reconhecível o esforço em reafirmar a relação intrínseca entre educação e política, presente nos escritos de Lenin e da pedagogia histórico-crítica, demonstrando, em especial, que o atual estágio de desenvolvimento desta pedagogia pode encontrar em Lenin um aliado teórico-prático de grande valia.

O leque de referências é objeto do terceiro realce a ser feito. Nos trabalhos em questão, os autores dialogam com uma gama de pensadores de diversas áreas do conhecimento e correntes do marxismo. Entre os autores citados, além de Marx e Engels e os autores da pedagogia histórico-crítica, destacam-se Lukács, Gramsci, Luxemburgo, Eagleton, Hobsbawm, Bensaïd, Coggiola, Mandel, Politzer, Vázquez, Reich, Balibar, os brasileiros Corbisier, Coutinho e Iasi, e autores de perspectivas políticas mais abrangentes, como Bourdieu e Freire. O quarto e último ponto de relevo diz respeito à relativa novidade que esses esforços vieram à luz, se comparado com as quatro décadas de existência da pedagogia

histórico-crítica. São 3 trabalhos de 2009, 1 em 2011 e 1 em 2013 – esse último, dista em uma década do trabalho mais recente, ao qual esta pesquisa é fruto; dos 15 anos de alcance dos dados, 5 dos 6 trabalhos estão concentrados no período de 4 anos.

Por fim e como exercício de prospecção, convém esboçar, inspirado nas categorias e conteúdos abordados pelos trabalhos, possíveis investigações nessa seara capazes de contribuir para a pedagogia histórico-crítica. Do ponto de vista metodológico, explorar as conexões entre a obra de Lenin e o incentivo ao retorno à dialética apresenta o potencial de garantir a superação de tríades mecanicistas antidialéticas e produções decorrentes desse solecismo¹⁷⁵, fortalecendo a teoria e orientando a atuação da pedagogia histórico-crítica como *análise pedagógica concreta de uma situação concreta*. A partir do retorno ao núcleo metodológico marxista, torna-se possível empreender uma investigação em torno da categoria formação social¹⁷⁶, e a partir daí, o encaixe com os modos de produção se torna mais vivo, lançando luz à compreensão do imperialismo e a atuação dos comunistas. Esse movimento leva, por sua vez, a temáticas como a forma de organização, a formação da inteligência proletária e a construção da hegemonia. Há pouco, Saviani (2021, p. 301) foi enfático em afirmar que não existe partido revolucionário no Brasil. É justo perguntar: qual das organizações de esquerda assumem os postulados da pedagogia histórico-crítica como parte de seu programa ou plataforma política?¹⁷⁷ A resposta, até onde nos consta, é nenhum partido. Se invertermos a pergunta, a resposta será a mesma, mas com um diferencial: existem pesquisadores que se vinculam a pedagogia histórico-crítica e militam por algum partido¹⁷⁸,

¹⁷⁵ No primeiro grande trabalho de Lenin, *Quem são os amigos do povo e como lutam contra os social-democratas?*, publicado em 1894, ele direcionou suas críticas aos críticos de Marx que, entre outras coisas, tentavam refutar o marxismo valendo-se de “tríades dialéticas”. Lenin (OCE, 1981, v. 1, p. 191-192) corretamente afirmou que o método dialético não consiste em tríades. Na verdade, é na filosofia de Fichte e Schelling que a dialética é uma equação representada por tese-antítese-síntese. Amplamente difundida até hoje, essa confusão levou Octávio Brandão (2006, p. 138-142), um dos primeiros intelectuais do PCB, a encaixar toda a história do Brasil até 1924 nessa fórmula, pensando estar recorrendo à “dialética marxista”.

¹⁷⁶ Kaplan (2024) publicou um artigo que propõe articular a pedagogia histórico-crítica com as contribuições da teoria marxista da dependência, e destaca a importância de compreender o caráter da formação social brasileira e suas implicações para a estratégia política e para a educação.

¹⁷⁷ Mais recentemente, uma das tribunas para o congresso de uma dissidência do PCB propôs adotar alguns dos postulados da pedagogia histórico-crítica em seu programa, bem como nas resoluções de estratégia e tática no eixo da educação dessa organização. A proposta está disponível em: <https://bit.ly/4hbLu42>. Acesso em 21 out. 2024. Em menos de duas semanas, a proposta recebeu uma resposta crítica, cujo conteúdo reflete a celeridade do tempo da réplica, e está disponível em: <https://bit.ly/3BS5gS1>. Acesso em 21 out. 2024. Por fim, a resolução do congresso de fundação dessa organização não adotou os pontos levantados pelo autor da tribuna, e nem mesmo inseriu os professores das redes pública e privada nos “setores estratégicos do proletariado” (conferir §67 na p. 79) de inserção de sua militância, como visto em: <https://bit.ly/3YxCZsI>. Acesso em 21 out. 2024.

¹⁷⁸ Até onde nos consta, há pesquisadores vinculados à pedagogia histórico-crítica que atuam ou já atuaram em partidos como Partido dos Trabalhadores (PT), Partido Socialismo e Liberdade (PSOL), Partido Comunista do Brasil (PCdoB), PCB e Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado (PSTU). Não nos compete medir a radicalidade ou coerência desses partidos, no entanto, convém lembrarmos de Lukács (2003, p. 401) quando este diz que “o critério da verdade consiste em ir ao encontro da realidade”.

ou vez ou outra são chamados para participar de ambientes partidários – e até mesmo convidados a ocupar cargos e pastas da educação em âmbito municipal. Ao entendermos a pedagogia histórico-crítica enquanto movimento social da educação que se entende revolucionário, cujo texto de fundação¹⁷⁹ é *Escola e democracia*, nos faz trazer à mesa a questão: existe estratégia e tática da pedagogia histórico-crítica? Se sim, quais são? E em que medida o eventual sucesso ou insucesso das tentativas de implementação pedagógica estão ligadas à insistência em algumas táticas e estratégias ou à inexistência delas? O caminho iniciado na dialética e chega à tática e estratégia ainda não foi percorrido, mas sem dúvidas traria ganhos, balanços e perspectivas para a pedagogia histórico-crítica.

É fundamental, nessa mesma direção, estabelecer mais conexões entre Lenin, teórico e agente revolucionário, com a pedagogia histórico-crítica, teoria e prática pedagógica de horizontes revolucionários. O objetivo dessa seção foi apresentar o que foi localizado até o momento para reforçar a escassez de produções científicas dessa ordem, e a partir disso, a necessidade de associação.

¹⁷⁹ Na introdução escrita em 1980 para o livro *Educação: do senso comum à consciência filosófica*, Saviani (1982, p. 9-15) lança as bases para uma teoria crítica da educação, bem como as tarefas que esta teoria deveria assumir em relação às concepções burguesas em educação, a necessidade de formar uma concepção de mundo pautada nos interesses populares e o método para atingir esses objetivos. Nos anos seguintes, Saviani ocupou-se em desenvolver os fundamentos dessa teoria, cujo resultado está em *Escola e democracia* (1983).

4. LENIN E A PEDAGOGIA HISTÓRICO-CRÍTICA

4.1 Teoria da curvatura da vara: origens e formulações¹⁸⁰

Quando Saviani (2018a, p. 30) se refere a “teoria da curvatura da vara” de Lenin, ele cita Althusser, que por sua vez faz referência a essa teoria em algumas passagens em seus escritos. Nesses trechos, Althusser não cita o texto de onde tirou a teoria em Lenin, apenas conta que o revolucionário russo utilizou essa analogia como resposta aos críticos após ter publicado *Que fazer?*, em 1902. A presente seção traça o percurso dessa noção, que aparece por primeiro na *Ética a Nicômacos* de Aristóteles¹⁸¹ como recurso figurativo, atravessa a filosofia medieval até chegar em Lenin, recuperado por Althusser, citado por Saviani. Apresentaremos nessa seção as formulações em torno da ideia de reposicionar aquilo que não está corretamente posicionado, culminando, por fim, na solução à pergunta “de onde vem a expressão ou teoria da curvatura da vara?”.

A formulação originária da ideia de reposicionar aquilo que não está apontado para o lado correto remete-nos à ética de Aristóteles, precisamente sua *Ética a Nicômacos*. Estudiosos do *corpus aristotelicum* situam este opúsculo junto a duas outras éticas atribuídas ao filósofo de Estagira, a *Ética a Êudemos* e a *Magna Moralia*, no entanto, divergem quanto à natureza do escrito: se por um lado alguns dizem que os tratados éticos a Nicômacos e Êudemos são ensinamentos destinados a dois de seus alunos (sendo Nicômacos filho do estagirita), outros afirmam que os escritos são, na verdade, anotações das aulas de Aristóteles no Liceu (Kury, 1985). Esta segunda hipótese ganha peso se considerarmos a tradução literal de Ἠθικὰ Νικομάχεια e Ἠθικὰ Εὐδήμεια como *Ética de Nicômacos* e *Ética de Êudemos*, isto é, a ética tal como anotada por Nicômacos e Êudemos nas aulas de Aristóteles¹⁸². De todo modo, a ideia mais aceita é que o texto se situa no período em que Aristóteles regressou a Atenas em 335 AEC e estabeleceu sua escola.

¹⁸⁰ Uma versão preliminar dessa seção foi publicada na edição de abril de 2024 da revista *Germinal* (Azevedo, 2024). Aquela versão ainda não apresentava o percurso da “curvatura da vara” na filosofia medieval, a tradução de Bini da *Ética* e as duas outras vezes que Lenin usou a metáfora da curvatura da vara.

¹⁸¹ Aristóteles (Ἀριστοτέλης), 384-322 AEC: grande filósofo dialeta, elaborou um amplo sistema de conhecimento de seu tempo, formulou um sistema de leis da lógica formal, foi discípulo de Platão e tutor de Alexandre, o Grande. Droysen (2010, p. 72) afirma que coube a Aristóteles “a glória de ter iniciado Alexandre na grandeza das ideias e na ideia da grandeza”, uma forma de realizar na instrução de Alexandre o projeto do rei-filósofo de Platão (2000, p. 264). Plutarco (2019, p. 62) conta que Alexandre possuía uma edição da *Iliada* comentada por Aristóteles, que carregava consigo como um tesouro e a manteve sempre debaixo do travesseiro junto a um punhal – Alexandre tinha o épico de Homero como um manual de arte militar. Marx (2017, p. 135) identifica em Aristóteles o primeiro pensador a analisar a forma valor. No estudo da *Metafísica* de Aristóteles, Lenin (OCE, 1986, v. 29, p. 331) comenta, referindo-se à apropriação da filosofia aristotélica operada pelos pensadores da Igreja durante a Idade Média, que “o clericalismo matou o que estava vivo em Aristóteles e perpetuou o que estava morto”.

¹⁸² Foge da alçada e da temática do estudo aqui apresentado tomar posição quanto a melhor tradução do título do livro de Aristóteles e suas origens. Sendo assim, optei por tomar como título a forma que preserva o nome de Nicômacos (Νικόμαχος) como escrito no original, resultando em *Ética a Nicômacos*.

Em linhas gerais, a obra tem em vista expor a excelência moral em suas variadas formas, o que possibilita estabelecer o bem supremo para as criaturas humanas, a felicidade, bem como sua finalidade: alcançar a maneira mais sublime da felicidade para Aristóteles, a contemplação. A ética relaciona-se, dessa forma, com a ciência política, meio pelo qual se permite lograr esse ensejo a partir de uma forma de governo determinada, cuja temática é debatida na *Política* de Aristóteles. No capítulo VI do segundo livro da *Ética a Nicômacos*, a excelência moral é anunciada como a disposição para escolher o “meio termo”, entendido aqui como a posição entre o “excesso e a falta”, não sendo “nem demais nem muito pouco”, “equidistante em relação a cada um dos extremos” (Aristóteles, 1985, p. 41). É adiante, no nono capítulo, trecho 1109b.5, que se situa a famosa imagem da expressão aqui estudada:

εἰς τοῦναντίον δ' ἑαυτοῦς ἀφέλκειν δεῖ· πολὺ γὰρ ἀπάγοντες τοῦ ἀμαρτάνειν εἰς τὸ μέσον ἤξομεν, ὅπερ οἱ τὰ διεστραμμένα τῶν ζώων ὀρθοῦντες ποιοῦσιν. (Aristote, 1940¹⁸³, p. 85, ênfase inserida).

Na tradução deste trecho na edição mais difundida no Brasil, na coleção “Os Pensadores” da Abril Cultural, temos:

É preciso forçar-nos a ir na direção do extremo contrário, porque chegaremos ao estado intermediário afastando-nos o mais que pudermos do erro, como procedem aqueles que procuram *endireitar varas tortas*. (1984, p. 77, ênfase inserida).

Entretanto, é digno de nota que a tradução de Leonel Vallandro e Gerd Bornheim foi feita a partir da tradução inglesa de W. D. Ross, em que se lê:

We must drag ourselves away to the contrary extreme; for we shall get into the intermediate state by drawing wellaway from error, as people do in *straightening sticks that are bent*. (1954, p. 46, ênfase inserida).

Em que pese incorrer no excesso de citações, cabe agora mencionar três outras traduções para a língua portuguesa, sendo estas feitas diretamente do grego. Na versão do tradutor brasileiro Mário da Gama Kury, renomado tradutor do teatro grego, publicada em 1985 pela editora da Universidade de Brasília, lê-se que:

¹⁸³ Na página ao lado, em francês: “Il faut donc nous porter vivement dans le sens opposé à celui où nous nous sentions entraînés. Quand nous nous serons éloignés à bonne distance de la faute, nous arriverons à ce juste milieu. C’est ainsi que procèdent les ouvriers qui *redressent les branches tordues*”. (1940, p. 85, grifo inserido).

[...] devemos dirigir-nos resolutamente para o extremo oposto, pois chegaremos à situação intermediária afastando-nos tanto quanto possível do erro, como se faz para *acertar a madeira empenada*. (1985, p. 47, ênfase inserida).

Outra tradução disponível no Brasil é de autoria de Edson Bini, tradutor das obras completas de Platão. Publicada pela primeira vez pela Edipro em 2002, republicada em versão eletrônica dezoito anos depois, lemos na tradução de Bini que:

[...] teremos que nos arrastar na direção oposta, pois rumando para longe do nosso erro alcançaremos um ponto mediano. É o que fazem aqueles que *endireitam pedaços de madeira empenada*. (2020, p. 65, ênfase inserida).

Por último, a tradução do português António de Castro Caeiro, professor da Universidade Nova de Lisboa, publicada em Portugal em 2004 e republicada no Brasil em 2017:

Temos de nos arrastar para a direção contrária; e temos de nos afastar amiúde para fora do erro para podermos chegar ao meio e fazer exatamente o mesmo que fazem os que *aplainam as partes rugosas das madeiras*. (2017, p. 81, ênfase inserida).

Agora, passado o sumário das traduções, nos encontramos em meio de um típico *quid pro quo* de translações. Longe de propor uma “versão definitiva”, mas com a mera intenção de aproximar, em nome de uma maior acurácia e clareza, o nosso objeto de estudo com as suas intenções, passaremos às etapas de tratamento do problema. Isto inicia privilegiando as traduções feitas por meio do idioma original, ou seja, a de Kury, Bini e Caeiro, mesmo que isso signifique, na prática, retirar do selecionado a tradução que de certa forma coaduna com aquela que nos seria mais confortável em termos de aproximação teórica.

Feito isso, destaco a expressão “*διαστραμμένα τῶν ξύλων*”, a fim de entender separadamente cada uma das palavras com o auxílio do *Dicionário Grego-português – DGP* (2007, p. 230; 2008, p. 208). Na expressão temos um verbo, um artigo e um substantivo, nessa ordem. Partindo do entendimento que as palavras do trecho se encontram declinadas e que para localizar o seu significado no DGP é necessário colocá-las no sentido mais geral, temos *διαστρέφω τό ξύλον* e, vertido para o português de modo literal, “torcer o bastão”. Apesar disso, o verbo *διαστρέφω* igualmente pode significar a) fazer virar para diversos lados, torcer, b) virar para outro lado; desviar; inverter, c) perverter; distorcer e d) mudar; desviar; enquanto o substantivo *ξύλον* pode denotar a) madeira; lenha, b) madeira para construção; qualquer peça de madeira; acha de lenha; viga, c) objeto de madeira: poleiro de galinha; bastão; clava; golilha; entrave para os pés; instrumento de suplício; cepo; estaca, d) cruz, e)

mesa; banca, f) banco do teatro, g) tronco de árvore; árvore e h) insensível; estúpido (homem). Dessa forma, observando as muitas possibilidades de tradução contida nessa expressão, não seria equivocado traduzir como “curvar a vara”, dado o caráter retórico e figurativo carregado pela expressão em estudo.

Por fim e de volta à citação de Aristóteles, que a despeito da ousadia, assim pode ser traduzida para o português, numa tradução própria:

Devemos nos direcionar para a direção contrária, e chegar à situação intermediária entre dois extremos, afastando-nos do erro o quanto possível, como o faz quem curva em linha reta uma vara torta.

O renascimento da filosofia aristotélica no ocidente durante a baixa Idade Média trouxe consigo os primeiros comentários sobre esse trecho da *Ética* após quase dez séculos sem recepção¹⁸⁴. O teólogo dominicano Tomás de Aquino¹⁸⁵ dedicou-se a sistematizar e a tecer comentários das obras de Aristóteles, dividindo-as em lições. Influenciado por seu mestre, Alberto Magno, Aquino concentrou-se em divulgar a filosofia aristotélica em estreita ligação com o cristianismo, uma forma de opor-se às interpretações árabes e islâmicas¹⁸⁶ em circulação naquele momento (Faitanin; Veiga, 2015, p. 13-14). Durante sua estada em Paris, entre 1271 e 1272, Aquino escreveu comentários sobre os três primeiros livros da *Ética*, os quais dividiu em 51 lições: 20 no primeiro livro, 11 no segundo e 20 no terceiro. Do conjunto dessas anotações, conhecidas como *Sententia libri Ethicorum* (*Comentário sobre o livro da Ética*), Aquino destinou a 11ª lição do segundo livro ao referido trecho de Aristóteles, assim comentado pelo teólogo:

¹⁸⁴ Embora Aspasios (Ἀσπάσιος) tenha comentado os livros 1-4 e 7-8 da *Ética* no século II da EC, ele não tece nenhum comentário sobre o trecho em questão (cf. Aspasius, 2006). Mercken (1990, p. 408) e Xenophontos (2022, p. xxi) citam escólios anônimos dos livros 2-5, datados provavelmente do século II da EC, mas cujo conteúdo integral não conseguimos ter acesso. Os trinta fragmentos preservados da *Ética* em paráfrases escritas em árabe pelo filósofo Averróis (Ibn Rushd) no século XII são os primeiros desse tipo que se tem notícia. Copistas traduziram os comentários do filósofo árabe em latim e hebraico nos séculos XIII e XIV, respectivamente (Woerther, 2018, p. 218). Outros comentadores dos séculos XI-XII, como Mikhael de Éfeso (Μιχαήλ Ἐφέσιος) e Eustrátios (Εὐστράτιος), bispo de Niceia, não tecem comentários sobre o segundo livro da *Ética*.

¹⁸⁵ Tomás de Aquino (Tommaso d’Aquino), 1225-1274: importante intelectual da Igreja Católica, fundador da vertente tomista da filosofia medieval.

¹⁸⁶ Dunlop (2005, p. 1-2) afirma que a tradução em árabe da *Ética* remonta, ao menos, ao século IX da EC. Um manuscrito árabe da *Ética*, datado de 1222, pode ser lido em edição bilingue árabe-inglês em Akasoy e Fidora (2005). Guerreiro (2014) comenta sobre a recepção da *Ética* entre os pensadores islâmicos e árabes nos séculos X-XII, enquanto Matilla (2022, p. 6-9) discorre sobre o papel que a *Ética* desempenhou na formação do pensamento ético dos filósofos árabes, como em Avicena (Ibn Sina) e outros. Alberto Magno, que nasceu em 1206 e faleceu em 1280, viveu no mesmo período de circulação dessa edição árabe e da recepção islâmica de Aristóteles.

Unde si aliquis in aliqua actione vel passione multum delectetur, signum est quod naturaliter inclinatur in illud. Homines autem vehementer tendunt ad ea ad quae naturaliter inclinantur. Et ideo de facili circa hoc homo transcendit medium. Et propter hoc oportet quod in contrarium nos attrahamus quantum possumus. Quia quando damus studium ad hoc quod multum recedamus a peccato, ad quod proni sumus, sic tandem vix pervenimus ad medium. Et ponit similitudinem de illis qui *dirigunt ligna distorta*; qui dum volunt ea dirigere, torquent in aliam partem et sic tandem reducuntur ad medium¹⁸⁷. (Aquino, 2011, lib. 2, l. 11, n. 7, ênfase inserida).

Mais de três décadas depois, em 1307, o eclesiástico bizantino Georgios Pakhymeres¹⁸⁸ comentou esse trecho da *Ética*. Pakhymeres tinha o costume de parafrasear citações aristotélicas em seus comentários e exegeses, uma forma de contribuir para a difusão da filosofia e ciência da antiguidade na agenda educacional do início do período paleólogo do Império Bizantino (Xenophontos, 2022, p. xxv-xxvii). Isso se confirma no trecho em questão, no qual o bizantino parafraseia a referida passagem do filósofo grego da seguinte forma:

ἀφέλκοντες οὖν ἑαυτοὺς ἐκ τούτου καὶ πολὺ τοῦ ἀμαρτάνειν ἀπάγοντες, μόλις ἤξομεν εἰς τὸ μέσον, ὥσπερ καὶ οἱ τὰ διεστραμμένα ὀρθοῦντες ξύλα. (Pakhymeres, 2022¹⁸⁹, p. 86, ênfase inserida).

Ao fim do primeiro século da Idade Moderna, os colegas do teólogo florentino Pietro Martire Vermigli¹⁹⁰ decidem publicar, em agosto de 1563, o material comentado utilizado por ele nas aulas ministradas em Estrasburgo entre 1553 e 1556 intitulado *In primum, secundum et tertii libri Ethicorum Aristotelis ad Nicomachum* (*Sobre o primeiro, segundo e terceiro livros da Ética a Nicômacos de Aristóteles*). Trata-se de uma obra póstuma, publicada no ano seguinte da morte do teólogo, e incompleta, por conter comentários de Vermigli apenas aos

¹⁸⁷ Faitanin e Veiga traduzem esse trecho em Aquino (2015, p. 253, ênfase inserida) como: “Por isso se alguém se deleita muito em alguma ação ou paixão, é sinal de que está naturalmente inclinado a ela. No entanto, os homens tendem veementemente àquilo que por natureza se inclinam. E por isso, acerca disso, o homem facilmente passa do meio-termo. E, por causa disso, é necessário que levemos até o contrário o quanto possamos. De fato, quando nos empenhamos para nos afastar da escassez que estamos propensos, assim com dificuldade atingimos finalmente o meio-termo. E põe uma semelhança com os que *endireitam uma vara torta* que, quando querem endireitá-la, entortam-na para o outro lado e, assim, finalmente retornam ao meio”. Páginas antes (Aquino, 2015, p. 250), os tradutores também vertem o trecho original de Aristóteles como “acertar o empenamento das madeiras”.

¹⁸⁸ Georgios Pakhymeres (Γεώργιος Παχυμέρης), 1242-1310: nascido em Niceia, ocupou diversos cargos civis e eclesiásticos. Escreveu sobre história, ciência, filologia, teologia e elaborou um *quadrivium*. Em filosofia, dedicou-se em comentar e fazer exegese dos textos aristotélicos.

¹⁸⁹ Na página seguinte, em inglês: “By dragging ourselves away from this and by pulling far back from error, we shall reach the intermediate state with difficulty, just as men do when they *straighten out warped pieces of wood*”. [Afastando e nos mantendo longe do erro, atingiremos com dificuldade o estado intermediário, tal como os homens fazem quando *endireitam pedaços de madeira empenados*]. (Pakhymeres, 2022, p. 87, ênfase inserida e tradução nossa entre colchetes).

¹⁹⁰ Pietro Martire Vermigli, 1499-1562: estudou teologia e filosofia na Universidade de Pádua, onde tomou contato com a filosofia de Aristóteles e com vertentes da filosofia medieval, como o agostinismo, averroísmo e tomismo. Aderiu à Reforma no começo da década de 1540 e logo foi condenado por heresia, lecionando em diferentes universidades fora do território italiano.

dois primeiros livros da *Ética* e dois capítulos do terceiro livro. O método da exposição de Vermigli consistia em primeiro extrair citações do livro de Aristóteles para depois comentá-las, parafraseando-as e analisando o significado original das palavras em grego para aprofundar o significado da passagem. Ao final de cada capítulo, Vermigli recorria aos escritos bíblicos como critério último da verdade para mostrar onde as ideias de Aristóteles não estavam de acordo com as escrituras, prática comum dos seminários reformados do século XVI (McLelland, 2006). Abaixo, o comentário de Vermigli (2011, p. 537, ênfase inserida):

Simile adducit artificum *dirigentium incurva ligna*, nam illi, ut recta ea faciant, in contrariam partem flectunt. Unde sic probat nostrum esse ad illam inclinare partem, in quam minime propensi sumus, ita ut deflectamus quam maxime ad extremum nostrae propensioni oppositum¹⁹¹.

Mais de três séculos separam os comentários de Vermigli das três vezes em que Lenin recorreu à imagem da curvatura da vara, em 1903, 1905 e 1907. O quadro da página seguinte apresenta as três vezes em que Lenin utilizou esse recurso:

¹⁹¹ Em Vermigli (2006, p. 460, tradução nossa entre colchetes), temos a versão em inglês: “Aristotle introduces the simile of carpenters who *straighten warped planks*: to make them straight, they bend them in the opposite direction. Thus he shows that we must incline in the direction to which we have the least propensity, that is, that we bend as far as we can to the extreme opposed to our inclination” [Aristóteles introduz a comparação dos carpinteiros que *endireitam as tábuas empenadas*: para as endireitar, dobram-nas na direção oposta. Assim, ele mostra que devemos inclinar-nos na direção para a qual temos menos propensão, ou seja, que nos inclinamos o mais possível para o extremo oposto à nossa inclinação].

Quadro 10. Ocorrência da “curvatura da vara” nos escritos de Lenin

Ano	Título
1903	Discurso sobre o programa do Partido (do II Congresso do POSDR)
	“Todos sabemos agora que os ‘economistas’ <i>dobraram a vara para um lado</i> . Para endireitar a vara era necessário curvá-la na outra direção, e foi isso que fiz. Estou convencido de que a social-democracia russa tentará sempre endireitar a vara com energia, sempre que esta for entortada por oportunismos de todos os tipos, e que, graças a isso, a nossa vara será sempre a mais reta de todas e a mais adequada para a ação ¹⁹² ”. (OCR, 1967, v. 7, p. 272, ênfase inserida).
1905	Sobre a reorganização do Partido
	“Temos ‘teorizado’ durante tanto tempo (às vezes em vão – por que não admitir?) na atmosfera do exílio, que realmente não será errado ‘ <i>curvar o arco</i> ’ ligeiramente, um pouco, apenas um pouco ‘ <i>para outra direção</i> ’ e fazer avançar um pouco mais na prática”. (Lenin, 2024, p. 1047, ênfase inserida).
1907	Prefácio à coletânea “Em 12 anos”
	““Que fazer?” <i>curvou a vara</i> que havia sido dobrada pelos ‘economistas’, foi o que disse (ver as atas do II Congresso do POSDR em 1903, Genebra, 1904), e é precisamente porque endireitamos vigorosamente as curvaturas que a nossa ‘vara’ será sempre a mais reta ¹⁹³ ”. (OCR, 1973, v. 16, p. 107, ênfase inserida).

Elaboração própria.

Na primeira e na terceira ocasiões, em 1903 e 1907, respectivamente, Lenin utiliza variações da metáfora da curvatura, referindo-se, em ambas, à luta contra os “economistas”: em um primeiro momento na luta para a organização e estruturação do POSDR, e mais tarde, numa visão retrospectiva daquele momento, cujas disputas já tratamos anteriormente na primeira seção do primeiro capítulo deste trabalho. É provável que a segunda ocasião, em 1905, seja aquela que Althusser tenha tornado famosa, hipótese corroborada pelas informações, ainda que escassas, apresentadas pelo autor estruturalista, as quais permitem diferenciá-la das demais. É por esse motivo que daremos mais atenção a ela.

Lenin (OE3T, 1980, v. 3, p. 283) avaliou a revolução de 1905 como o “ensaio geral” sem o qual “a vitória da Revolução de Outubro de 1917 seria impossível”. O processo revolucionário conquistou novas condições de organização permitidas pelo tsarismo, como a

¹⁹² No original: “Все мы знаем теперь, что «экономисты» *согнули палку в одну сторону*. Для выпрямления палки необходимо было согнуть палку в другую сторону, и я это сделал. Я уверен, что русская социал-демократия всегда будет с энергией выпрямлять палку, изгибаемую всяческим оппортунизмом, и что наша палка будет всегда поэтому наиболее прямой и наиболее годной к действию”.

¹⁹³ No original: “В «Что делать?» *выги бається палка*, искривляемая «экономистами», сказал я (см. протоколы второго съезда РСДРП в 1903 г., Женева, 1904 г.), и именно потому, что мы энергично выгибаем искривления, наша «палка» будет всегда наиболее прямой”.

liberdade de associação e imprensa, além da criação do órgão legislativo, a Duma Estatal. Com a intenção de reorganizar a atuação do partido frente às novas “liberdades democráticas”, Lenin publica três textos em três volumes do jornal bolchevique *Nova Vida* (Новая Жизнь/*Novaia Jizn*)¹⁹⁴, nos números 9, 13 e 14, em 10, 15 e 16 de novembro de 1905, respectivamente. Os editores das obras completas de Lenin intitularam o conjunto de textos como “A reorganização do Partido” (О реорганизации Партии/*O reorganizatsii Partii*), e nele destaca-se, sobretudo, a preocupação de Lenin em atrair mais operários para as instâncias do partido, que para isso necessitava de organização, palavra-chave muito repetida no texto do revolucionário russo. Segundo Lenin, os anos de clandestinidade fizeram com que os social-democratas focassem na atividade teórica, dado as sucessivas prisões e exílios, mas que naquele momento era necessário avançar para o campo da prática, como afirma o autor:

Мы столько времени «теоретизировали» (иногда, – нечего греха таить, – впустую) в атмосфере эмигрантщины, что, ей-богу, не мешает теперь несколько, немножечко, чуть-чуть «*перегнуть лук в другую сторону*» и двинуть вперед немножечко больше практику. (OCR, 1962, v. 12, p. 93, ênfase inserida).

Embora os volumes das obras completas de Lenin não tenham sido publicados em língua portuguesa, dispomos desses tomos em versões consagradas em inglês e espanhol, citadas abaixo:

We have “theorised” for so long (sometimes – why not admit it? – to no use) in the unhealthy atmosphere of political exile, that it will really not be amiss if we now “*bend the bow*” slightly, a little, just a little, “*the other way*” and put practice a little more in the forefront. (LCW, 1962, v. 10, p. 38-39, ênfase inserida).

Hemos “teorizado” durante tanto tiempo (a veces – por qué negarlo – en vano) en la atmósfera de la emigración que, a fe mía, no estaría mal ahora “*torcer el arco hacia el otro lado*”, ligeramente, un poco, sólo un poco, y hacer avanzar algo más la práctica. (OCE, 1982, v. 12, p. 94, ênfase inserida).

Pondo em evidência a expressão «*перегнуть лук в другую сторону*» e com o auxílio do *Dicionário prático russo-português* (1986, p. 222; p. 154; p. 31 e p. 329) temos “curvar o arco para outra direção” como resultado da tradução. Assim, tendo como base as traduções de referência das obras e desta expressão, podemos verter o trecho citado acima para o nosso idioma da seguinte forma:

¹⁹⁴ Esse foi o primeiro periódico social-democrata editado pelos bolcheviques publicado de forma legal, e teve circulação entre novembro e dezembro de 1905.

Temos “teorizado” durante tanto tempo (às vezes em vão – por que não admitir?) na atmosfera do exílio, que realmente não será errado “curvar o arco” ligeiramente, um pouco, apenas um pouco “para outra direção” e fazer avançar um pouco mais na prática. (Lenin, 2024, p. 1047).

Finalmente, a fonte de Saviani: o filósofo argelino Louis Althusser, conhecido pela adaptação estruturalista do marxismo. Saviani toma de Althusser duas de suas contribuições: a teoria da escola como Aparelho Ideológico do Estado e a expressão “teoria da curvatura da vara”. Critica a primeira e incorpora a segunda: se, num primeiro momento, a crítica busca superar a concepção de escola no autor estruturalista, é no segundo momento que a contribuição de Althusser é conservada na pedagogia histórico-crítica. A ocorrência da expressão “teoria da curvatura do bastão” aparece logo na introdução do texto “Sustentação da tese em Amiens”, defendido em junho de 1975 na Université de Picardie Jules Verne, em Picardia, região francesa cuja capital é Amiens. No ano seguinte, o escrito foi integrado como último texto do livro *Positions (1964-1975)*, publicado em Paris pela editora Editions Sociales. A primeira edição em língua portuguesa foi publicada em Portugal, pela editora Livros Horizonte, em 1977 – essa é a edição de referência de Saviani¹⁹⁵. O livro chega ao público brasileiro em 1978 na tradução de Rita Lima, e compõe o terceiro capítulo do primeiro tomo de *Posições*, publicado no Rio de Janeiro pela Edições Graal. Abaixo, os trechos na edição francesa e brasileira:

Onsait que, quelques années après ‘Que faire?’ et pour répondre à des critiques sur ses formules, Lénine répondait par la *théorie de la courbure du bâton*. Lorsqu’un bâton est courbé dans le mauvais sens, disait Lénine, pour le redresser, c’est-à-dire pour qu’il revienne et se maintienne dans la rectitude, il faut d’abord le courber dans le sens opposé, donc lui infliger à la force du poignet une contre-courbure durable. (1976, p. 133, ênfase inserida).

Sabemos que alguns anos após ‘O que fazer?’ e para responder à crítica das fórmulas, Lênin replicava pela *teoria da curvatura do bastão*. Quando um bastão está curvado num mau sentido, dizia Lênin, para corrigi-lo, isto é, para que ele volte e se mantenha reto, é preciso inicialmente curva-lo no sentido oposto, impor-lhe com a força do punho uma contra curvatura durável. (1978, p. 136, ênfase inserida).

Segundo o autor argelino, Lenin teria feito uso dessa expressão alguns anos após *Que fazer?*, publicado em março de 1902 – essa informação é importante porque diminui a possibilidade de Althusser ter se referido à curvatura da vara utilizada por Lenin na intervenção de julho-agosto de 1903, no II Congresso do POSDR. A falta de referência exata nos impede de localizar o texto mencionado por Althusser, mas não nos impossibilita de

¹⁹⁵ Infelizmente, não foi possível encontrar essa edição para consulta, o que impossibilita conferir a escolha do tradutor português para o trecho em estudo neste trabalho.

traçar hipóteses. Como exposto anteriormente, Lenin fez uso dessa expressão em um texto no final de 1905, três anos após a publicação do livro em questão. É possível que a “fórmula” a qual Althusser se refira seja aquela encontrada no mesmo texto de Lenin (2024, 1046):

A relação entre a função dos intelectuais e do proletariado (trabalhadores) no movimento obreiro social-democrata talvez possa ser expresso com bastante precisão na seguinte fórmula geral: os intelectuais são bons em resolver os problemas “em sintonia com os princípios”, traçam bem o esquema, e raciocinam melhor sobre a necessidade de ação, enquanto os trabalhadores agem e transformam a teoria monótona em realidade pulsante¹⁹⁶.

Sobre a tradução do escrito de Althusser, nota-se que a *théorie de la courbure du bâton* é vertida como “teoria da curvatura da vara” na edição portuguesa e “teoria da curvatura do bastão” na brasileira. No *Dicionário escolar francês-português/português-francês* (1958, p. 73) temos que a entrada *bâton* pode ser traduzida como “bastão”, em consonância com a opção de tradução da edição brasileira. Althusser (1978, p. 136) entende que a “teoria da curvatura do bastão” é uma “simples fórmula” que parece conter “toda uma teoria da eficácia do verdadeiro”. Matthys (2015, p. 11) sustenta que a imagem da “curvatura do bastão” é recorrente nos escritos de Althusser, como no texto de 1978, *Marx dans ses limites* (Althusser, 1994, p. 387). Contudo, não encontrei outra aparição da expressão de forma exata, o que me leva a crer que Matthys se refere ao uso da expressão por parte do autor apenas como recurso argumentativo.

A “teoria da curvatura da vara” aparece no debate educacional brasileiro no livro *Escola e democracia*, publicado em setembro de 1983. A obra contém quatro artigos que são fruto da atividade intelectual de Dermeval Saviani entre 1980 e 1982, em um momento de predominância das pedagogias novas de um lado e das pedagogias crítico-reprodutivistas, de outro. Atentemo-nos, ao segundo e terceiro capítulo da referida obra, a saber: “Escola e democracia (I): a teoria da curvatura da vara”, publicado na revista da Associação Nacional de Educação (ANDE), em 1981 e fruto da exposição oral na 1ª Conferência Brasileira de Educação, realizada em 31 de março do ano anterior em São Paulo, e “Escola e democracia (II): para além da teoria da curvatura da vara”, também publicado na revista da ANDE, em 1982. Nesses capítulos, o objetivo geral de Saviani é realizar uma abordagem política do funcionamento interno da escola e contestar o senso comum em torno da problemática do ensino. Logo nos primeiros parágrafos do primeiro texto em questão, o autor evoca a “teoria da curvatura a vara” na famosa passagem:

¹⁹⁶ Aqui é preciso atenção na interpretação dessa passagem para não tirá-la do contexto amplo em que ela está inserida, e incorrer em interpretações equivocadas e antidialéticas que pregam a primazia da prática ante a teoria.

Eu não sei se a *teoria da curvatura da vara* é conhecida. Conforme Althusser (1977, p. 136-138), ela foi enunciada por Lênin ao ser criticado por assumir posições extremistas e radicais. Lênin responde o seguinte: ‘quando a vara está torta, ela fica curva de um lado e se você quiser endireitá-la, não basta colocá-la na posição correta. É preciso curvá-la para o lado oposto. (Saviani, 2018a, p. 30, ênfase inserida).

A “teoria da curvatura da vara” é introduzida no debate educacional com o objetivo de “polemizar, abalar, desinstalar, inquietar, fazer pensar” o ideário dominante no campo da educação, como justifica Saviani (2018a, p. 48). E ele o faz apresentando três teses críticas, “antíteses das ideias dominantes nos meios educacionais” de qualidade filosófico-histórico, pedagógico-metodológico e político, capazes de fazer curvar para a direção correta as concepções que estavam dispostas ao lado do senso comum pedagógico, das concepções dominantes em educação. A síntese dessas teses, tal como elaboradas pelo autor, apresentam-se abaixo:

Primeira tese (filosófico-histórica)

Do caráter revolucionário da pedagogia da essência (pedagogia tradicional) e do caráter reacionário da pedagogia da existência (pedagogia nova).

Segunda tese (pedagógico-metodológica)

Do caráter científico do método tradicional e do caráter pseudocientífico dos métodos novos.

Terceira tese (especificamente política)

De como, quando menos se falou em democracia no interior da escola, mais ela esteve articulada com a construção de uma ordem democrática; e quando mais se falou em democracia no interior da escola, menos ela foi democrática. (Saviani, 2018a, p. 48).

A primeira tese historiciza as noções de essência e existência. A essência se confirma para o homem livre na sociedade grega antiga, na criação divina no feudalismo e na ação da burguesia revolucionária na passagem do feudalismo à sociedade moderna. Consolidada sua hegemonia, o interesse da burguesia no âmbito escolar deixa de ser aquele proposto por uma pedagogia da essência, ou seja, aquele simbolizado pela pedagogia tradicional fundada no igualitarismo, e passa a ser o da pedagogia da existência, que legitima a desigualdade “natural” entre os seres humanos, contrapondo-se à libertação total da humanidade. Tem-se, dessa forma, o caráter reacionário da pedagogia da existência, que privilegia a existência sobre a essência, e o caráter revolucionário da pedagogia da essência, que prega a igualdade entre os seres humanos (Saviani, 2018a, p. 28-34).

Na segunda tese, Saviani ecoa Snyders (1974)¹⁹⁷, para quem o ensino tradicional era verdadeiramente um ensino, e questiona a cientificidade dos dois modelos de escola, o “tradicional” e o “novo”. O autor de *Escola e democracia* argumenta que enquanto o ensino da escola tradicional parte do que já é conhecido para a incursão no desconhecido, caracterizando o processo como *transmissão* de conhecimento, os métodos novos fazem o contrário e, ao dissolver o ensino e a pesquisa, tornam o processo de aprendizagem uma *obtenção* de conhecimentos por meio do desconhecido, característica própria da pesquisa. Ao afirmar que “ensino não é pesquisa”, Saviani (2018a, p. 38) entende que a escola deve valorizar a transmissão de conhecimentos, e não a obtenção de conhecimentos. Transformar, portanto, o ensino em um processo de pesquisa é artificializá-lo. Por esse motivo, o autor defende que a escola tradicional era científica e a escola nova é pseudocientífica.

A última tese, de caráter político, é talvez a crítica mais contundente ao escolanovismo e seus propósitos “democráticos”. Saviani (2018a, p. 39) defende que sob a fachada de escola “democrática”, a escola nova operou a manutenção dos “privilégios para os já privilegiados, legitimando as diferenças”, ao manter suas propostas restritas a pequenos grupos que vivenciaram as experiências das escolas novas. Em contrapartida, a burguesia revolucionária dos séculos XVI-XVIII, orientada pela pedagogia da essência, preocupou-se em criar sistemas de ensino de abrangência nacional, em que a escolarização era um dos requisitos para alçar a ordem democrática. Portanto, quando menos o discurso da escola foi democrático, mais ela teve pretensões de democratizar o conhecimento, e quando mais se falou em democracia, mais restrito foi o acesso ao saber sistematizado. As teses constituem um todo em torno da expressão da “curvatura da vara” de Lenin, utilizada para negar o que comumente é afirmado e afirmar aquilo que é comumente negado, visto que:

[...] no embate ideológico, não basta enunciar a concepção correta para que os desvios sejam corrigidos; é necessário abalar certezas, desautorizar o senso comum. E para isso nada melhor do que demonstrar a falsidade daquilo que é tido como obviamente verdadeiro demonstrando ao mesmo tempo a verdade daquilo que é tido como obviamente falso. (Saviani, 2018a, p. 48).

Assim, ao “curvar a vara para o outro lado”, Saviani (2018a, p. 46) contesta o raciocínio habitual no debate educacional de sua época, que avaliava as pedagogias novas como “portadoras de todas as virtudes” e a pedagogia tradicional como “portadora de todos os

¹⁹⁷ Verificam-se outros vestígios de Snyders (1974, p. 46-47) no pensamento de Saviani, como na ideia da missão própria da escola que é, antes de tudo, “apoiar-se no conhecimento e favorecer assim um avanço global na criança”, obtido a partir da transmissão “a todas as crianças o que há de mais perfeito numa cultura”. Fato é que Snyders, assim como Saviani, igualmente logrou em fazer a vara curvar para o outro lado.

defeitos e nenhuma virtude”, e aponta para a formulação de uma teoria pedagógica revolucionária, que valorize os conteúdos e sua transmissão, e identifique os mecanismos hegemônicos das propostas burguesas para “lutar concretamente contra a recomposição desses mecanismos de hegemonia, no sentido de abrir espaço para as forças emergentes da sociedade, para as forças populares, para que a escola se insira no processo mais amplo de construção de uma nova sociedade”; tal é a proposição fundante da pedagogia histórico-crítica.

“Endireitar varas tortas”, “acertar a madeira empenada”, “aplainar as partes rugosas das madeiras”, “curvar em linha reta uma vara torta”, “endireitar tábuas empenadas”, “curvar o arco para outra direção”, “curvar o bastão” ou “curvar a vara”: essas expressões nos mostram que nos domínios da linguagem muito se perde – e, ao mesmo tempo, se transforma – numa tradução e no processo de apropriação que um autor faz do outro. Mostra também que dado as origens remotas dessa ideia, outros autores igualmente podem ter formulado noções semelhantes à “curvatura da vara” no curso da história da filosofia. No que compete ao texto lenineano, cabe a observação que Lenin usa a expressão entre aspas, sinal que não foi fruto de uma formulação original, mas foi extraído de algum lugar, e nesta seção apontamos que pode ter sido de Aristóteles. Se essa hipótese estiver correta, é mais um ponto para a erudição do bolchevique, servindo-nos, entre outras coisas, como incentivo para as nossas incursões nos clássicos.

Esta seção se propôs a localizar as origens e formulações em torno da “teoria da curvatura da vara”. Vimos que essa ideia percorreu, no mínimo, 2300 anos, utilizada em diferentes contextos e finalidades: Aristóteles a formulou em sua *Ética*, comentada na filosofia da Idade Média por cristãos de diversas matrizes, árabes e islâmicos, resgatado por Lenin no início do século XX, em textos pouco conhecidos pelo público brasileiro, mas muito importantes, transformada em “teoria” por Althusser e finalmente, tomada por Saviani no campo educacional.

4.2 Apropriação do conhecimento científico e elevação cultural: imperativos de Lenin e da pedagogia histórico-crítica

A defesa da apropriação científica e da elevação cultural enquanto projeto formativo não é novo na história, diferentes sociedades marcadas pela divisão de classes desenvolveram projetos educacionais que refletiam tanto seus valores e objetivos quanto a própria sociedade

de classes¹⁹⁸. O momento de transição socialista após a revolução russa de 1917 mostrou a validade e potência dessa tese aliada à luta pela superação das relações de produção capitalistas e da sociedade de classes – e justamente aí reside a diferença e novidade histórica em relação aos projetos formativos anteriores. Esta seção apresentará a posição de Lenin no debate sobre cultura e ciência e as aproximações com os postulados da pedagogia histórico-crítica.

Construir o socialismo durante o período do cerco imperialista apresentou desafios jamais vistos. Pela primeira vez na história, uma nova formação social estava sendo erguida a partir dos destroços de uma guerra mundial e de uma guerra civil, que ceifaram a vida de milhões de russos e devastaram a incipiente indústria. A edificação do modo de vida socialista estava diretamente ligada à reconstrução da indústria russa, o que exigia dedicação por parte dos revolucionários e, portanto, dominar a ciência e a cultura era parte das tarefas imediatas dos soviéticos. A discussão acerca da cultura que percorreu os anos iniciais da Rússia soviética foi notavelmente caracterizada por dois pontos de vista em conflito¹⁹⁹: de um lado, estavam aqueles envolvidos no movimento *Proletkult* (Пролеткульт, abreviação de Пролетарская Культура/Proletarskaia Kultura, ou seja, *Cultura Proletária*); de outro, estava Lenin.

O ponto de vista proletkultista não era completamente uniforme. Bessalko, um dos principais pensadores do *Proletkult*, escreveu um ensaio publicado em junho de 1918 em que declara: “parece estranho que os ‘grandes irmãos’ da literatura digam aos ‘escritores do povo’ para aprenderem a escrever copiando estereótipos de Tchekhov, Leskov ou Korolenko. Ouça, ‘grande irmão’, os escritores proletários devem criar, não estudar”, porque para Bessalko, os

¹⁹⁸ A exemplo disso, em outro trabalho (ver Azevedo; Teixeira, 2023) apresentamos os projetos da *paideia* grega e da *Bildung* do esclarecimento alemão, bem como os contornos históricos desses projetos formativos e suas contradições. Já o currículo francês proposto em 1793, no contexto da revolução francesa, é exposto em detalhes na compilação das obras do químico francês Antoine-Laurent de Lavoisier (1893a, p. 516-558; 1893b, 559-569).

¹⁹⁹ Essa diferença de posicionamentos em relação à cultura ressoa, de certa forma, as diferenças políticas que se manifestaram anteriormente entre os bolcheviques. Bogdanov, Lunatcharski e Pokrovski eram parte do grupo “otzovista” (de отзовист/otzovist, verbo “retirar” em russo), que defendiam a retirada dos deputados do POSDR da Terceira Duma (1907-1912) e eram contrários à atividade social-democrata na legalidade de modo geral. Nesse mesmo período, Bogdanov, Lunatcharski e Gorki engajaram-se na ideia dos *Construtores de Deus* (Богостроительство/Bogostroitelstvo), posição filosófica que pregava uma visão religiosa do marxismo, duramente criticado por Lenin (1982). Mais tarde, no final de 1909, os três bolcheviques uniram-se ao escritor Gorki e criaram o grupo Avante (Вперед/Vperiod), conhecido como “bolcheviques de esquerda” ou “vperiodistas”, o grupo era contrário à proposta de Lenin de participar da Duma para fazer agitação e propaganda social-democrata. Em vez disso, os vperiodistas atuavam na formação de escolas de quadros operários, experiência ocorrida entre 1909 e 1911. Estevam (2018, p. 11) afirma que as ideias de cultura proletária surgiram a partir da experiência das escolas de formação. Uma famosa fotografia de 1908 registra a partida de xadrez entre Bogdanov e Lenin na casa de Gorki (que os observa) em Capri, na Itália. A casa de Gorki sediou uma dessas escolas. A fotografia está disponível em: <https://bit.ly/3O3bWzy>. Acesso em 10 nov. 2024.

escritores proletários “devem expressar a si, sua originalidade e sua essência de classe²⁰⁰” (citado por Garzonio e Zalambani, 2011, p. 9, ênfase inserida). Em fevereiro de 1918, Aleksandr Bogdanov (1977, p. 251) apresentou teses na primeira conferência do *Proletkult* em Moscou, acreditando que as ciências sociais (como a economia política e a história) são ciências burguesas e precisam ser reestruturadas por uma perspectiva proletária. Paouchkine (1977, p. 257-258) julgava que o proletariado deveria construir as riquezas sociais de sua própria classe e criar uma ideologia coletivista, construindo sua cultura, uma vez que os princípios da ciência burguesa não estão ligados ao trabalho material. Lunatcharski (2018, p. 58; p. 63), por sua vez, entendia em 1919 que o proletariado deve ter total posse da cultura universal e via como absurdo desprezar a ciência e arte passadas alegando serem “burguesas”, mas concordava com a tese do *Proletkult* sobre a necessidade do proletariado criar sua própria cultura. Apesar das diferenças entre eles, os defensores do *Proletkult* concordavam na ideia de criar uma cultura, arte e ciência próprias da classe operária de forma independente. Para justificar essa autonomia, o Partido Comunista não deveria interferir nesses assuntos.

Em uma série de intervenções públicas, Lenin se opõe às teses do *Proletkult* e à falsa diferenciação entre cultura “burguesa” e cultura “proletária”, bem como se posiciona contrário à autonomia do movimento em relação ao Comissariado de Instrução Pública. No discurso ao Terceiro Congresso da Juventude Comunista da Rússia, proferido em 2 de outubro de 1920, Lenin argumenta que a assim chamada “cultura proletária” era, na verdade, o resultado da apropriação e assimilação de toda a cultura e técnica existentes.

Jamais poderemos resolver esse problema [o da cultura proletária] se não compreendermos com clareza que *somente o perfeito conhecimento da cultura criada pela humanidade no curso de seu desenvolvimento e sua transformação permitirão criar uma cultura proletária*. A cultura proletária não surge de fonte desconhecida, não é uma invenção dos que proclamam especialistas nesta matéria. Seria um absurdo crer nisso. *A cultura proletária tem de ser o desenvolvimento lógico do acervo de conhecimentos conquistados pela humanidade sob o jugo da sociedade capitalista, da sociedade latifundiária, da sociedade burocrática*. (Lenin, 2015, p. 19, ênfase e colchetes inseridos).

A ocasião desse discurso tem especial importância para Lenin porque ele estava diante da geração de jovens comunistas que dariam prosseguimento às conquistas da revolução. A juventude ávida para a construção do socialismo poderia pensar equivocadamente que para isso seria necessário descartar a herança cultural e científica construída pelas sociedades

²⁰⁰ No original: “It seems odd that the ‘big brothers’ of literature tell ‘writers of the people’ to learn to write by copying stereotypes from Chekhov, Leskov, or Korolenko. Listen, ‘big brother,’ worker-writers should create, not study. They must express themselves, their originality, and their class essence”.

anteriores. Lenin (2015) entendia que não bastava repetir as palavras de ordem comunistas para construir a sociedade e o modo de vida socialistas. Para ele, os comunistas deviam estudar e assimilar toda a cultura anterior, para que se chegasse às conclusões comunistas sem as repetir como simples jargões, e por isso era necessário assimilar o tesouro do conhecimento acumulado pela humanidade para construir uma sólida base de conhecimentos técnicos, científicos e culturais. Dessa forma, a assimilação do conhecimento, a luta pela elevação do nível cultural geral da população e a apropriação do conhecimento técnico e científico se colocavam como tarefas essenciais naquele momento, como defende Lenin (1968, p. 47; p. 51) em 1919, era necessário “apoderar-se de toda a cultura deixada pelo capitalismo. [...] É preciso apossar-se de toda a ciência, de toda a técnica, de todos os conhecimentos, de toda a arte. Sem isso não podemos edificar a vida da sociedade comunista. [...] É preciso [...] apoderar-se de tudo o que o capitalismo tem de valioso, é necessário tornar nossa toda a sua ciência e toda a sua cultura”.

Seis dias após o Congresso da Juventude, Lenin (OE3T, 1980, v. 3, p. 398) escreve o projeto de resolução para o Congresso do *Proletkult* reafirmando os pontos defendidos dias antes, avaliando que o marxismo conquistou a significância histórica universal como ideologia operária porque “não repudiou de modo algum as mais valiosas conquistas da época burguesa” e, ao contrário disso, “assimilou e reelaborou tudo o que houve de valioso em mais de dois mil anos de desenvolvimento do pensamento e da cultura humanos”. Nesse mesmo documento, o revolucionário bolchevique se coloca contrário à autonomia do *Proletkult*, e opõe-se à tentativa de “inventar uma cultura especial própria, de fechar-se em suas próprias organizações isoladas [como o *Proletkult*]”, propondo que o *Proletkult* fosse, na verdade, um órgão auxiliar do Poder Soviético e do Comissariado do Povo para a Instrução Pública.

A ideia de utilizar a ciência produzida na sociedade burguesa é feita por Lenin em dois momentos diferentes da conjuntura russa. No primeiro momento, em 1899, ainda sob o regime autocrático tsarista, Lenin escreve n’ *O desenvolvimento do capitalismo na Rússia*, que

É claro que é prejudicial “fechar simplesmente os olhos” não só à ciência burguesa, mas também às teorias mais absurdas, inclusive ao mais extremo obscurantismo. Isso é um banal lugar-comum. Mas uma coisa é *não fechar os olhos à ciência burguesa, observar a sua evolução, aproveitá-la, mas mantendo uma atitude crítica em relação a ela sem abrir mão da integridade e da clareza de sua concepção de mundo*; outra é render-se à ciência burguesa. (1982, p. 398, nota de rodapé, ênfase inserida).

Nesse primeiro momento, Lenin argumenta em torno da atitude crítica na assimilação da herança burguesa na ciência sem, no entanto, negá-la ou render-se à visão de mundo de

classe dominante. Já no segundo momento, seis meses após a revolução de 1917, Lenin (OE3T, 1980, v. 2, p. 573) associa a construção das bases materiais e aumento da produtividade do trabalho com a revolução cultural. Isso porque ele entende que a reconstrução econômica da Rússia devastada pelos anos de guerra mundial e civil só seria possível por meio da eletrificação e da alfabetização²⁰¹ (Lenin, 2015, p. 23-24), ambas cruciais para a construção de uma sociedade e da escola baseada nos princípios socialistas. Lenin (OE3T, 1980, v. 3, p. 660-662) enxergava o desenvolvimento da base material de produção, a indústria e agricultura eletrificada, em relação direta com a elevação cultural e a alfabetização. Não bastava, naquele momento, que a instrução pública se contentasse em liquidar o analfabetismo²⁰², era necessário promover a elevação cultural da população para que esta lute e construa o Estado soviético (OCE, 1987, v. 44, p. 177-178). Tal qual a cultura, Lenin assume a defesa da assimilação da ciência acumuladas por séculos de experiência humana, e o faz em duas outras ocasiões entre 1919 e 1920: a primeira, na qualidade de presidente do Conselho de Comissários do Povo, informa na sessão de 2 de março de 1919 do *soviet* de Petrogrado que

Não somos utopistas quem acreditam que a Rússia socialista pode ser construída com certas pessoas novas; usamos o material que nos foi deixado pelo velho mundo capitalista. Colocamos as pessoas mais velhas nas novas condições, rodeamo-las com o controle adequado, colocamo-las sob o olhar atento do proletariado e as obrigamos a fazer o trabalho de que precisamos. Essa é a única maneira de construir. Se vocês não são capazes de construir [o edifício do socialismo] com os materiais que nos foram deixados pelo mundo burguês, não o construirão nunca e não serão comunistas, mas vazios charlatães. *Para construir o socialismo é preciso utilizar completamente a ciência, da tecnologia e, em geral, tudo o que nos deixou a Rússia capitalista*²⁰³. (OCE, 1986, v. 38, p. 6-7, ênfase e colchetes inseridos).

²⁰¹ Bittar e Ferreira Jr (2021, p. 47-67) detalham a conexão entre eletrificação e alfabetização como tarefas de reconstrução econômica socialista.

²⁰² Segundo a última estatística da Rússia tsarista, de 1897, apenas 24% do total da população russa era alfabetizada, como mostra Grenoble (2003, p. 46-47). Em 1923, Lenin (OE3T, 1980, v. 3, 651) se queixa que passados seis anos da revolução, esse número aumentou para 31% somente. Para ele, enquanto se passava muito tempo “tagarelado” sobre cultura proletária, os fatos mostravam que mesmo em relação à cultura burguesa o Estado soviético estava atrasado. Uma semana após a publicação desse texto de Lenin, o Comissariado do Povo para a Instrução Pública propôs a divulgação do artigo para todos os departamentos da instrução pública para que medidas concretas pudessem ser tomadas a partir das indicações de Lenin contidas no artigo (OE3T, 1980, v. 3, p. 729, n. 329) como realocação de verbas de outros departamentos para a instrução pública, valorização dos professores e estabelecimento de associações para desenvolvimento cultural. Após três anos, em 1926, o número de alfabetizados saltou para 51%. Isso significa que em menos de uma década de existência o programa de alfabetização soviética duplicou o número de alfabetizados em relação tsarismo, que naquele momento da coleta de dados (1897), prevalecia como sistema político na Rússia há 350 anos.

²⁰³ No original: “No somos utopistas para creer que la Rusia socialista puede construirse con ciertas gentes nuevas; utilizamos el material que nos ha dejado el viejo mundo capitalista. Ponemos a la gente de antes en las nuevas condiciones, la rodeamos del control adecuado, la sometemos a la atenta vigilancia del proletariado y la obligamos a realizar el trabajo que necesitamos. Sólo así es posible construir. Si no sois capaces de levantar el edificio con los materiales que nos dejó el mundo burgués, no lo construiréis en general y no seréis comunistas, sino unos charlatanes vacíos. Para construir el socialismo, debemos utilizar plenamente la ciencia, la técnica y, en general, todo lo que nos ha legado la Rusia capitalista”.

Em um segundo momento, o revolucionário bolchevique retoma essa noção em 3 de novembro de 1920, no discurso proferido na conferência de toda a Rússia dos comitês de instrução política das seções administrativas de instrução pública, quando afirma que o propósito da cultura e educação política dos comunistas é superar o velho regime e construir um Estado sem capitalistas, exploradores e proprietários, que somente pode ser feito “dominando toda a soma de conhecimentos que os professores herdaram da burguesia. Sem isso seriam impossíveis todas as conquistas técnicas do comunismo e seria vão sonhar com elas” (OE3T, 1980, v. 3, p. 404). Isso o leva a propor, mais tarde, em fevereiro de 1921, que seja disponibilizado em cada uma das 50 mil bibliotecas e salas de leitura dois exemplares de todos os manuais e livros clássicos necessários da literatura mundial e da ciência e técnica modernas²⁰⁴ (OCE, 1986, v. 42, p. 345).

No embate contra os proletkultistas e nas posições defendidas na reorganização das escolas soviéticas, Lenin aproxima-se daquela que será a tese da pedagogia histórico-crítica em relação à educação escolar, que a distingue e, ao mesmo tempo, a fundamenta: o caráter profundamente político da socialização do conhecimento escolar. Em ambos, para a teoria pedagógica e para nosso autor, a socialização do conhecimento adquire dimensão revolucionária na medida em que a aprendizagem do saber sistematizado resulta em conscientização, isto é, profundas transformações na visão de mundo, que eram necessárias para a construção do socialismo nas condições do nascente Estado soviético, assim como permanece necessária no processo de passagem do “senso comum à consciência filosófica” descrito por Saviani (1982). Isso implica reconhecer que o mundo existe objetivamente e, para compreendê-lo e transformá-lo, se faz necessário empregar as formas mais desenvolvidas do conhecimento da realidade em processo e movimento: as mediações teóricas, abstrações e elaborações mentais (Duarte, 2022) – é por esse motivo que defender a “conversão do saber

²⁰⁴ A escolha pessoal de Lenin pelos clássicos o acompanha em toda a sua biografia. Após a revolução de 1917 defendeu publicamente a incorporação do conteúdo dos clássicos científicos, literários e artísticos na formação e no desenvolvimento do modo de vida socialista. Uma das iniciativas que Lenin propôs a Lunatcharski, comissário da instrução pública, e a Pokrovski, seu vice, foi a criação de um dicionário para o estudo do idioma russo, baseado na moderna literatura clássica russa, de Puchkin a Gorki (OCE, 1988, v. 51, p. 143; p. 224). Lenin dedicou-se a viabilizar esse projeto entre janeiro de 1920 e outubro de 1921, período que coincide com a proposta de distribuição dos clássicos nas bibliotecas e salas de leitura. O dicionário foi publicado em 4 volumes entre 1935-1940, e no prefácio os editores anotaram que o objetivo era dar ao dicionário “o caráter que atenderia aos requisitos apresentados por V. I. Lenin para um dicionário modelo do idioma russo literário moderno” (OCE, 1988, v. 51, p. 466). Krupskaja (1968, p. 173) relata que em um encontro com estudantes de artes, Lenin perguntou a eles se liam Puchkin. Um dos estudantes respondeu negativamente, dizendo que o Puchkin era um burguês, e que liam Maiakovski. Lenin sorriu e replicou: “Puchkin parece-me melhor”. Para Krupskaja, Lenin começou a associar Maiakovski com aqueles jovens que conheceu, e passou a vê-lo com “melhores olhos”, avaliando que a preferência daqueles estudantes por Maiakovski se dava porque não conseguiam encontrar na linguagem contemporânea palavras que melhor expressariam a relação deles com a revolução, e a encontravam justamente nos versos de Maiakovski. Esse encontro ocorreu em fevereiro de 1921, em meio a proposta de distribuição de livros e da criação do dicionário modelo.

objetivo em saber escolar” (Saviani, 2013, p. 9), como fez Lenin e como faz a pedagogia histórico-crítica representa assumir uma posição política clara quanto à educação escolar e seus objetivos.

A posição contrária e persistente a esses postulados une os juízos que os contestam. Como os proletkultistas de outrora, os pós-modernistas e mesmo certa parcela da “esquerda” não são capazes de aceitar que há conteúdos mais desenvolvidos e que a elevação cultural está em relação direta com a apropriação deste. Pós-modernistas e empiriocritistas, que cada qual a seu tempo, cumprem o papel dos evangelistas do desbotado idealismo subjetivo, ao anunciarem que chegou o tempo de “crer nas boas-novas”²⁰⁵ advindas da negação do conhecimento objetivo da realidade. Tal qual o Bogdanov combatido por Lenin (1982), há na esquerda de nossos tempos os boa-novistas, arautos das teorias que por trás do verniz novidadeiro acobertam, na verdade, o idealismo tacanho e sua política reacionária antimaterialista; em outros casos, o produto desse idealismo traduz-se em um singular anticapitalismo romântico e a-histórico capaz de pregar um “futuro” feito de um passado idílico e bucólico que jamais existiu.

É nesse momento que a vara deve ser curvada mais uma vez, direcionando-a para a prática, efetivando neste terreno o caráter político da formação voltada para o desenvolvimento da consciência filosófica. Os autores dos trabalhos da seção anterior sugeriram rotas para a ação política da pedagogia histórico-crítica, embora nem sempre tenham destacado a socialização do saber sistematizado como elemento central desta teoria. Curvar a vara para a prática significa, nesse contexto, contribuir para a luta política organizada a partir do eixo central da ação pedagógica histórico-crítica. Isso implica incorporar a luta política organizada à prática pedagógica e incorporar, igualmente, a prática política organizada à luta pedagógica, configurando as balizas da recombinação dialética entre Lenin e pedagogia histórico-crítica.

As intervenções em que Lenin defende a apropriação do conhecimento científico e a elevação cultural tinham como destinatários setores estratégicos da construção socialista: a juventude comunista, membros do partido e professores da instrução pública. E essa defesa sempre estava ligada com todos os aspectos da vida, e por isso entendia que a ciência e a cultura não se limitavam na criação de algo específico como uma literatura ou ciências sociais proletárias, como defendiam os proletkultistas (Krupskaya, 2017, p. 163). Ao contrário disso,

²⁰⁵ Marcos (1:14-15), o evangelista, é um dos autores bíblicos que anuncia a salvação por meio de Jesus, a qual é justamente a “boa-nova”, do grego εὐαγγέλιον/euangelion. Dessa forma, evangelista significa “boa-novista”, o anunciador das boas-novas.

compreendeu a complexidade da ciência e da cultura gestadas em sociedades que exploravam o trabalho, e notou que as riquezas culturais e os avanços científicos dessas sociedades deveriam ser socializados para construir o socialismo. É por isso que Lenin não acreditava que os operários precisassem de uma ciência simplificada para sua compreensão, mas da ciência completa (Krupskaya, 2017, p. 169), sendo ela mesma, com a herança cultural humana, o produto de onde emerge o marxismo.

Lenin demonstrou a importância e a validade da defesa dessas teses no momento concreto de transição socialista, e isso configurou, como afirmamos anteriormente, uma novidade histórica da formação socialista em relação aos projetos formativos anteriores. A questão que se coloca em nosso tempo é: qual a validade de defender as teses educacionais de caráter socialista em um projeto formativo que está nos marcos do capitalismo? É possível propor, no campo educacional, horizontes socialistas sem perder de vista a realidade capitalista? O pressuposto de contribuir para o processo de transformação social radical pela via do trabalho educativo faz parte do compromisso teórico-político que a pedagogia histórico-crítica assume desde o seu texto fundamental, *Escola e democracia* (Saviani, 2018a), caráter este que a distingue e atrai crítica.

Uma das proposições fundamentais defendidas por Saviani (2018a, p. 70) é que o que é específico da educação é a socialização das formas mais desenvolvidas do conhecimento, e que nisto reside a função política da escola. E não estando a escola apartada da sociedade de classes em que está inserida, a tarefa dos professores é garantir a transmissão e assimilação, pelas classes subalternizadas, dos conteúdos produzidos social e historicamente. Isso significa que a escola, exercendo a função política que lhe é intrínseca, promove a elevação cultural e contribui decisivamente para a apropriação dos instrumentos teóricos e práticos necessários à luta pela emancipação humana, uma vez que “dominar o que os dominantes dominam é condição de libertação” (Saviani, 2018a, p. 45).

A pedagogia histórico-crítica preconiza o ensino dos conteúdos escolares clássicos, entendidos por Duarte (2016, p. 106) como “produto da prática social cujo valor ultrapassa as singularidades das circunstâncias de sua origem”, e do saber sistematizado na organização do currículo escolar, por entender que há uma relação entre o trabalho educativo e a formação e transformação da visão de mundo dos alunos e professores: o domínio de formas mais desenvolvidas de pensamento científico, artístico e filosófico envolve os valores mais elevados de elaboração do gênero humano e apropriar-se dos conteúdos mais desenvolvidos possibilita romper com a cotidianidade alienada da sociedade capitalista. Apossar-se do conhecimento objetivo, isto é, do conhecimento da verdade e da realidade objetiva presente na

visão de mundo materialista, desmonta concepções de mundo místicas, mágicas e supersticiosas próprias da visão de mundo religiosa, ao mesmo tempo que supera o negacionismo e relativismo (Duarte, 2022).

A metodologia geral do marxismo consiste em reconhecer o vínculo orgânico entre a continuidade de certas tendências históricas de desenvolvimento e a exigência de uma mudança em função das transformações revolucionárias. O utopismo, por sua vez, crendo que o radicalmente novo se produza artificialmente, fechado em si mesmo, fruto da transição revolucionária – como pensavam os proletkultistas e seus legatários – perde de vista que é justamente nos momentos de virada que o desenvolvimento sócio-histórico se converte no novo, adquirindo novos significados e funções. Aquilo que só se realizava de modo inefetivo enquanto “exceção”, como a formação científica e cultural que as classes dominantes possuem, alcança, finalmente, a “universalidade social em seu todo” (Lukács, 2024, p. 121).

Na educação, os conhecimentos escolares podem desencadear momentos catárticos, os “saltos dialéticos da consciência” (Duarte; Silva; Duarte, 2022), que levam o indivíduo a questionar a cotidianidade fetichizada em que está inserido. E isso não representa a passagem de uma magnitude para outra, como se o indivíduo, por si só, atingisse a emancipação, e vivesse numa cotidianidade não-fetichizada. A quebra de gradualidade provocada pelos saltos qualitativos da consciência permite que o pensamento capture a realidade em processo e movimento, operando uma “mudança nas relações entre a subjetividade individual e a objetividade sociocultural” (Duarte, 2019, p. 3). Essa interrupção do gradual, que passa a ser qualitativamente outro, diferente da existência precedente (Hegel, 2016, p. 399), operada pela catarse dos conteúdos escolares, é a chave para a parte que compete à educação na famosa definição de Lenin (OE3T, 1980, v. 3, p. 325) de situação revolucionária: quando as classes dominantes não podem viver e governar como antes e as massas exploradas e oprimidas não queiram mais viver como antes.

Assim, as ideias e bandeiras educacionais de Lenin defendidas no contexto da revolução russa adquirem valor político-pedagógico na contemporaneidade da luta de classes brasileira se associadas às teses fundamentais desenvolvidas pela pedagogia histórico-crítica. Se por um lado a luta pela apropriação científica e da cultura adquiriu importância política na construção do socialismo, essas teses mostram-se como ferramentas poderosas de formação de consciência e de autoconsciência na luta pela transformação radical da sociedade em direção ao socialismo. Esses contributos teórico-práticos potencializam-se à medida que assumem o horizonte revolucionário, cujo resultado é o alinhamento da revolução social com a educação escolar, troca realizada entre sociedade e educação.

Outra parte do movimento de recombinação dialética diz respeito ao avanço e fortalecimento da pesquisa científica interessada na educação e educadores soviéticos, uma vez que havia na atuação dos pedagogos soviéticos um interesse profundo em vincular o pensamento educacional de Lenin com a prática pedagógica soviética conhecida como “pedagogia socialista”. A pedagogia histórico-crítica dispõe de um instrumental teórico-metodológico que permite uma análise mais aprofundada da educação escolar e da relação entre trabalho e educação na União Soviética, bem como do pensamento educacional de Lenin, dos educadores soviéticos e seus objetivos político-pedagógicos explicitamente demonstrado por Krupskaja em diversos de seus escritos. Apesar do interesse crescente dos pesquisadores brasileiros por esse tema, em partes suscitado pela publicação recente de material de educadores soviéticos²⁰⁶, ainda há aspectos a serem explorados, particularmente no que se refere ao trabalho educativo e ao método pedagógico.

Essa seção mostrou que a apropriação do conhecimento científico e cultural adquire significado concreto e validade tanto no momento de transição socialista quanto na sua preparação, como defendeu Lenin e como defende a pedagogia histórico-crítica. Mesmo em diferentes circunstâncias, os marxistas entendem que o conhecimento é histórico, porque é produzido pelo conjunto da humanidade em sua prática social e, por isso mesmo, é também universal.

²⁰⁶ Além da supracitada seleção de textos de Krupskaja, há ainda outros trabalhos de Makarenko, Pistrak e Shulgin publicados nos últimos anos pela Expressão Popular. No que diz respeito à produção pedagógica de Krupskaja, há também a compilação soviética dos seus trabalhos pedagógicos em 10 volumes, publicados entre 1957 e 1963 em Moscou pela Editora da Academia de Ciências Pedagógicas, cujo conteúdo certamente contém um sem-número de material para potenciais pesquisas.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em 1860, quando Dobroliubov escreveu a crítica literária “Quando chegará o verdadeiro dia?”, direcionada ao romance de Turgueniev publicado no mesmo ano, *A véspera*²⁰⁷, o crítico escolhe como epígrafe o primeiro verso de *Doutrina*, de Heine, em que se lê: “Bate teu tambor sem medo”. Um século se passou e Sergei Lukin respondeu Dobroliubov com o quadro *Chegou a acontecer* (1958)²⁰⁸ e nele, um soldado, com a arma baixa, ocupa o centro da sala do trono. O trono, antes símbolo do tsarismo, agora é apenas uma cadeira vazia: o dia da revolução proletária e camponesa havia chegado e Lenin varreu a escória da Terra, como bradava o cartaz de Denisov (1920)²⁰⁹. Escolhi neste trabalho a mesma epígrafe do texto de Dobroliubov, mas dessa vez reproduzida na íntegra, porque há no poema de Heine e na crítica de Dobroliubov elementos que percorrem este trabalho e também seus objetivos. A partir dos versos do poeta, podemos inferir que a verdadeira ciência está nos livros e na prática, e que a filosofia de Hegel é o suprassumo do verdadeiro. Se entendermos, com Marx (2017, p. 91), que Hegel expôs a dialética de modo amplo e consciente, dotada de um núcleo racional, capaz de distinguir o verdadeiro e o falso, como o filósofo alemão a definiu a Goethe, então Heine estará correto. Simultaneamente concebida e mistificada por Hegel, para entendê-la é preciso ser ladino, como foram Heine, Marx e Lenin. É possível que seja por isso que Marx e Lenin tecem críticas ao filósofo de Stuttgart quando este parece apequenar-se diante da grandeza do próprio pensamento, mistificando-o. Esse núcleo racional, elevado e liberto do invólucro místico, ainda consegue ecoar os ensinamentos do velho filósofo provinciano, como se ele dissesse, mais uma vez: *num me vides* (certamente você me vê)²¹⁰.

Quando chegará o *nosso* dia? Dessa pergunta inspirada em Dobroliubov desdobra-se outra: a que herança renunciaremos e quais devemos incorporar? Essas questões por vezes recebem respostas ora de teor oblomovista, incapaz de ação, ora de teor imediatista, incapaz de generalizações teóricas. É claro que a relação entre essas condutas produz e reproduz nuances, como o dogmatismo, o sectarismo, o utopismo, o irracionalismo, entre outros. O saldo político dos dois primeiros transformou Lenin em patronímico, já o utopismo converteu

²⁰⁷ A edição brasileira do romance de Turgueniev (Boitempo, 2019) exhibe como parte da composição da capa o quadro de Ilia Repin *Não estávamos esperando* (c. 1884-1888), no qual é retratado o retorno de um *narodnik* do exílio e a reação da família. O quadro pode ser visto em: <https://bit.ly/3SRoUSY>. Acesso em 1 mar. 2024.

²⁰⁸ O quadro Sergei Lukin pode ser visto em: <https://bit.ly/3Va4ciZ>. Acesso em 26 nov. 2024.

²⁰⁹ A escória a que Denisov se referia é representada no cartaz por reis, um banqueiro e um clérigo e está disponível em: <https://bit.ly/4g4xnMB>. Acesso em 26 nov. 2024.

²¹⁰ Martins (2020) conta que certa vez, em 1819, Hegel foi persuadido por seus alunos a fazer um passeio de barco à meia-noite, para visitar Leopold von Henning, um dos seus seguidores, que havia sido preso. A prisão de von Henning ficava às margens do Rio Spree, oferecendo a Hegel a oportunidade de expressar a solidariedade ao prisioneiro quando a embarcação passasse diante da cela. Quando o barco se aproximou da cela, Hegel teria dito, em tom sério e jocoso, a frase latina *num me vides*.

esperança em verbo, enquanto é do irracionalismo que o pós-modernismo desponta. O presente trabalho esforçou-se para mostrar a viabilidade de outro caminho, ainda pouco aproveitado, mas certamente de grande valia, que a despeito da fórmula aliterada, pode ser sintetizado nas palavras *preparação* e *organização*. Termos que, após Lenin, tornaram-se interdependentes, porque não há como pensar em estudo apartado da agitação e organização separado de ambos. Os trabalhos de Carvalho (2011), Freitas (2009a, 2009b) e Rodrigues (2009) se mostraram preocupados em atender a essas tarefas aproximando Lenin com a pedagogia histórico-crítica. Cada um à sua maneira, esses autores buscaram encontrar em ambos, no revolucionário e na teoria pedagógica, aquilo que pode ser útil à preparação para o “verdadeiro dia”, sem perder de vista o que renunciar e o que se apropriar.

Este trabalho fez referência a 64 textos do total de 24 mil documentos compilados da produção de Lenin (Krausz, 2017, p. 18), isso significa que foram mencionados pouco mais de 0,26% daquilo que ele escreveu. Uma gota no oceano, como são os comunistas, poderia dizer Lenin (OE3T, 1980, v. 3, p. 590). Esses números demonstram duas coisas: os limites do pesquisador e da pesquisa, e a dimensão das contribuições de Lenin que podem ser exploradas, mesmo que a investigação de sua obra seja praticamente interminável. Como escreveu Saramago (2014, p. 279),

A viagem não acaba nunca. Só os viajantes acabam. E mesmo estes podem prolongar-se em memória, em lembrança, em narrativa. Quando o visitante sentou na areia da praia e disse: “Não há mais o que ver”, saiba que não era assim. O fim de uma viagem é apenas o começo de outra. É preciso ver o que não foi visto, ver outra vez o que se viu já, ver na primavera o que se vira no verão, ver de dia o que se viu de noite, com o sol onde primeiramente a chuva caía, ver a seara verde, o fruto maduro, a pedra que mudou de lugar, a sombra que aqui não estava. É preciso voltar aos passos que foram dados, para repetir e para traçar caminhos novos ao lado deles. É preciso recomeçar a viagem. Sempre.

Segundo as informações de que dispomos, é possível que esta dissertação seja o primeiro trabalho a abordar a incorporação de Lenin pela pedagogia histórico-crítica. Mas há ainda muito a ser percorrido e muitas varas a se curvar – e nisso reside a importância fundamental em resgatar Lenin, porque há nele sempre algo de novo. Lukács (2012, p. 101) afirmou que os comunistas devem estudar Lenin tal qual Marx foi estudado por Lenin para aprender a operar o método dialético. O filósofo húngaro soube captar o elemento decisivo que para Lenin (OCR, 1970, v. 45, p. 391; OE3T, 1980, v. 3, p. 671) é capaz de transformar o saber em algo integrante do modo de vida: *учиться* (*utchitsia*, estudar/aprender). O estudo de Lenin e da dialética permite aprender a encontrar o geral no particular e o particular no geral,

a conexão do novo com o processo anterior e daí a necessidade da ação eficaz. É por isso que devemos *estudar* Lenin e *aprender* com ele.

De nossa parte, coube expor, em primeiro lugar, alguns aspectos do marxismo de Lenin que podem servir de base para a assimilação de seu pensamento e ação pela pedagogia histórico-crítica, para em seguida apresentar as aproximações já estabelecidas entre ambos. Esse segundo movimento confirmou nossa hipótese inicial: Lenin foi pouco incorporado pela pedagogia histórico-crítica. Não acreditamos que bastaria, por exemplo, propor que os pesquisadores apenas “citem” mais Lenin em seus trabalhos; é por isso que não nos propusemos a somente rastrear menções ou referências a Lenin nas produções científicas da pedagogia histórico-crítica. Mais do que expandir essas margens de contato, nosso interesse é contribuir para que esta pedagogia incorpore a produção teórica-prática de Lenin como guia e caminho ainda possível e demonstrar que o acúmulo teórico histórico-crítico pode agregar à análise da produção da obra lenineana. Estamos convencidos de que é necessário articular a pedagogia histórico-crítica e o pensamento de Lenin em uma síntese inovadora, fruto dessa recombinação dialética, de modo que as contribuições de Lenin sejam incorporadas como prática política e pedagógica pelos professores e pesquisadores que assumem a pedagogia histórico-crítica e, reciprocamente, que esta última resulte em uma incorporação teórico-metodológica que faça avançar e enriquecer novas leituras de uma educação socialista baseada no acúmulo histórico soviético, consolidando, assim, as *afinidades eletivas*.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

a) Bibliografia geral

- AKASOY, A. A.; FIDORA, A. (eds.). **The arabic version of the Nicomachean Ethics**. Leiden; Boston: Brill, 2005.
- ALESSANDRONI, E. Hegel, o pós-moderno e o problema da verdade. **Germinal: marxismo e educação em debate**, Salvador, v. 14, n. 3, p. 38-54, dez. 2022.
- ALTHUSSER, L. A filosofia como uma arma revolucionária. Fev. 1968. Entrevista concedida a Maria Antonietta Macciocchi, publicada em *L'Unità*. **MIA**. Disponível em: <https://bit.ly/3v7G2fo>. Acesso em 11 mar. 2024.
- ALTHUSSER, L. **Écrits philosophiques et politiques**. Tomo I. Paris: Stock/IMEC, 1994.
- ALTHUSSER, L. Lênin perante Hegel. *In: ALTHUSSER, L.; LECOURT, D. Lênin e a filosofia: materialismo, dialética e a crise nas ciências*. São Paulo: Lavrapalavra, 2023, p. 55-72.
- ALTHUSSER, L. **Positions (1964-1975)**. Paris: Editions Sociales, 1976.
- ALTHUSSER, L. **Posições I**. Com traduções de Carlos Nelson Coutinho, Antônio Roberto Neiva Blundi e Rita Lima. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1978.
- ANDERSON, K. B. **Lenin, Hegel, and Western Marxism: a critical study**. Brill: Leiden; Boston, 2022.
- ANNENKOV, P. V. **The extraordinary decade: literary memoirs**. Ann Arbor: The University of Michigan Press, 1968.
- AQUINO, S. T. Sententia libri Ethicorum. **Corpus Thomisticum – Fundación Tomás de Aquino**. 2011. Disponível em: <https://bit.ly/3AucFXa>. Acesso em 31 out. 2024.
- AQUINO, T. **Comentário à Ética a Nicômaco I-III: o Bem e as virtudes**, v. 1. Rio de Janeiro: Muutus, 2015.
- ARGUELHES, D. O.; ALVES, V. C. A urgência da leitura: *Da guerra*, de Clausewitz, no bloco de notas de Lênin. **Rev. Bras. Est. Def.**, v. 6, n. 2, p. 233-254, jul./dez. 2019.
- ARISTOTE. **Éthique de Nicomaque**. Texte, traduction, préface et notes par Jean Voilquin. Paris: Librairie Garnier Frères, 1940.
- ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco** [livro eletrônico]. Tradução, textos adicionais e notas Edson Bini. São Paulo: Edipro, 2020.
- ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. Tradução de Antônio de Castro Caeiro. São Paulo: Forense, 2017.
- ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. Tradução de Leonel Vallandro e Gerd Bornheim. *In: ARISTÓTELES. Metafísica. Ética a Nicômaco. Poética*. São Paulo: Abril Cultural, 1984, p. 45-236. (Os Pensadores).
- ARISTÓTELES. **Ética a Nicômacos**. Tradução do grego, introdução e notas de Mário da Gama Kury. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1985.
- ARISTOTLE. **The Nicomachean ethics**. Translated and introduced by Sir David Ross. London: Oxford University Press, 1954.
- ASCHER, A. **Pavel Axelrod and the Development of Menshevism**. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press: 1972.

- ASPASIUS. **On Aristotle Nicomachean Ethics 1-4, 7-8**. London: Bloomsbury Publishing, 206.
- AZEVEDO, V. Questões sobre cultura em Leon Trotski: contribuições para a educação. *In*: ROSSIGNOLI, I.; MONTEIRO, M. L.; ROMÃO, M. M.; FERNANDES, R. (orgs.). **II Encontro Internacional Leon Trótski** [livro eletrônico]: anais do evento realizado no Brasil em agosto de 2023. São José do Rio Preto: Práxis Editorial, 2024.
- AZEVEDO, V.; TEIXEIRA, L. A. A educação na Rússia dos soviets: contribuições de Vladimir Lenin para refletir “o fim da escola” no capitalismo. **Germinal: Marxismo e Educação em Debate**, Salvador, v. 2, n. 12, p. 359-371, out. 2020.
- AZEVEDO, V.; TEIXEIRA, L. A. *Paideia e Bildung*: sentidos e contornos históricos dos projetos formativos da antiguidade e da modernidade. **Filos. e Educ.**, Campinas, v. 14, n. 3, p. 31-44, dez/2023.
- BEECHER, J.; FORMICHEV, V. French Socialism in Lenin’s and Stalin’s Moscow: David Riazanov and the French Archive of the Marx-Engels Institute. **The Journal of Modern History**, v. 78, n. 1, p. 119-143, march 2006.
- BIANCHI, A. Octavio Brandão e o confisco da memória: nota à margem da história do comunismo brasileiro. **Crítica Marxista**, n. 34, p. 133-149, 2012.
- BITTAR, M.; FERREIRA JR., A. A educação na Rússia de Lênin. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, v. 11, n. 41e, p. 377-396, abr. 2011.
- BITTAR, M.; FERREIRA JR., A. **A educação soviética**. São Carlos: EdUFSCAR, 2021.
- BOGDANOV, A. Ciência e classe operária. *In*: LINDENBERG, D. (org.). **A Internacional Comunista e a Escola de classe**. Coimbra: Centelha, 1977, p. 251-252.
- BRANDÃO, O. **Agrarismo e Industrialismo**: Ensaio marxista-leninista sobre a revolta de São Paulo e a guerra de classes no Brasil – 1924. São Paulo: Anita Garibaldi, 2006.
- BRANDENBERGER, D.; ZELENOV, M. (ed.). **Stalin’s master narrative**: a critical edition of the History of the Communist Party of the Soviet Union (Bolsheviks): short course. New Haven; London: Yale University Press, 2019.
- BROUÉ, P. **O Partido Bolchevique**. São Paulo: Sundermann, 2014
- BURKHARD, B. Bibliography: Leninskij Sbornik. **Studies in Soviet Thought**, v. 32, n. 3, p. 241-247, oct. 1986.
- CERQUEIRA, H. E. G. David Riazanov e a edição das obras de Marx e Engels. **Economia**, Brasília, v. 11, n. 1, p. 199-215, jan/abr 2010.
- CHERNYSHEVSKY, N. G. Essays on Gogol period of Russian literature. *In*: CHERNYSHEVSKY, N. G. **Selected philosophical essays**. Moscow: Foreign Languages Publishing House, 1953, p. 454-504.
- CLAUSEWITZ, C. **On war**. Princeton: Princeton University Press, 1989.
- COGGIOLA, O. Realidade e lenda do bolchevismo. **Verinotio**, Belo Horizonte, v. 23, n. 1, p. 183-216, abr. 2017.
- COLETTI, E. S. **Educação em Marx, Engels e Lênin**. 2020. 84 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Uberlândia (UFU), Uberlândia, 2020.
- CORMIER, Y. Hegel and Clausewitz: Convergence on Method, Divergence on Ethics. **The International History Review**, v. 36, n. 3, p. 419-442, jan. 2014.

CORNEY, F. C. **Telling October**: memory and the making of the Bolshevik Revolution. Ithaca; London: Cornell University Press, 2004.

COSTA, A. **Heráclito**: fragmentos contextualizados. Rio de Janeiro: Difel, 2002.

CPGB – Communist Party of Great Britain (org.). **Fifth World Congress of the Communist International**: abridged report of meetings held at Moscow June 17th to July 8th, 1924. London: Comintern Publications, s. d. Transcrito por The Socialist Truth in Cyprus em maio-novembro de 2011. Disponível em: <https://bit.ly/48BtXN6>. Acesso em 1 mar. 2024.

DEMIER, F. Há quase cem anos, longe e perto: Lênin, a negatividade e a política da imaginação. **Revista Marx e o Marxismo**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, p. 235-241, jul/dez 2023.

DEUTSCHER, I. **Stalin**: a political biography. New York: Oxford University Press, 1967.

DOBROLYUBOV, N. A. What is Oblomovitis? *In*: MATLAW, R. E. (ed.). **Belinsky, Chernyshevsky and Dobrolyubov**: selected criticism. New York: E. P. Dutton 6 & Co., 1962, p. 133-175.

DROYSEN, J. G. **Alexandre, o Grande**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2010.

DROZD, A. M. **Chernyshevskii's "What is to be Done?"**: a reevaluation. Evanston: Northwestern University Press, 2001.

DUARTE, N. Elementos para uma ontologia da educação na obra de Dermeval Saviani. *In*: SILVA JR., C. A. S. (org.). **Dermeval Saviani e a educação brasileira**: o Simpósio de Marília. São Paulo: Cortez, 1994, p. 129-149.

DUARTE, N. A catarse na didática da pedagogia histórico-crítica. **Pro-Posições**, Campinas, v. 30, p. 1-23, 2019.

DUARTE, N. O significado político da objetividade do conhecimento e de sua difusão: argumentos contra o negacionismo e o relativismo. **Germinal: marxismo e educação em debate**, Salvador, v. 14, n. 3, p. 55-72, dez. 2022.

DUARTE, N. **Os conteúdos escolares e a ressurreição dos mortos**. Campinas: Autores Associados, 2016.

DUARTE, N. Por que é necessária uma análise crítica marxista do construtivismo? *In*: LOMBARDI, J. C.; SAVIANI, D. (org.). **Marxismo e educação**: debates contemporâneos. Campinas: Autores Associados, 2005.

DUARTE, N. **Sociedade do Conhecimento ou Sociedade das Ilusões?**: quatro ensaios crítico-dialéticos em filosofia da educação. Campinas: Autores Associados, 2008.

DUARTE, N. **Vigotski e o aprender a aprender**: críticas às apropriações neoliberais e pós-modernas da teoria vigotskiana. Campinas: Autores Associados, 2000.

DUARTE, N.; SILVA, E. F.; DUARTE, E. C. M. O caráter político da especificidade da educação: dificuldades de aceitação de uma tese. **Debates em Educação**, v. 16, n. 38, p. 1-18, maio 2024.

DUNAYEVSKAYA, R. **Marxism and freedom... from 1776 until today**. New York: Bookman Associates, 1958.

DUNLOP, D. M. Introduction. *In*: AKASOY, A. A.; FIDORA, A. (eds.). **The arabic version of the Nicomachean Ethics**. Leiden; Boston: Brill, 2005, p. 1-109.

ECKERMANN, J. P. **Conversações com Goethe nos últimos anos de sua vida 1823-1832**. São Paulo: Editora Unesp, 2016.

ELWOOD, R. C. (ed.). **Resolutions and decisions of the Communist Party of the Soviet Union**. Volume 1: The Russian Social Democratic Labour Party, 1898-october 1917. Toronto; Buffalo: University of Toronto Press, 1974.

ENGELS, F. **As guerras camponesas na Alemanha**. Rio de Janeiro: Editorial Vitória, 1946.

ENGELS, F. Carta a Conrad Schmidt. Berlim, 5 ago. 1890. **MIA**. Disponível em: <https://bit.ly/3wR7Tkz>. Acesso em 11 mar. 2024.

ENGELS, F. Engels to Marx. Manchester, 7 jan. 1858. *In*: MARX, K.; ENGELS, F. **Collected works**. Volume 40. London: Lawrence & Wishart, 2010a, p. 241-242.

ENGELS, F. Refugee Literature. *In*: MARX, K.; ENGELS, F. **Collected works**. Volume 24. London: Lawrence & Wishart, 2010b, p. 3-50.

ESTEVAM, D. Um intelectual entre os bolcheviques, um bolchevique entre os intelectuais. *In*: LUNATCHÁRSKI, A. **Revolução, arte e cultura**. São Paulo: Expressão Popular, 2018, p. 7-50.

FAITANIN, P.; VEIGA, B. Apresentação. *In*: AQUINO, T. **Comentário à Ética a Nicômaco I-III: o Bem e as virtudes**, v. 1. Rio de Janeiro: Muutus, 2015, p. 13-18.

FAHLGREN, M.; WALTERS, D. **1903: Second Congress of the Russian Social-democratic Labour Party: complete text of the minutes**. London: New Park Publications, 1978.

FAZZIO, G. L. O desenvolvimento leninista do marxismo. **Lavrpalavra**, 16 jan. 2023. Disponível em: <https://bit.ly/4bWncIP>. Acesso em 27 fev. 2024.

FERNANDES, F. Introdução. *In*: FERNANDES, F. (org.). **Lenin: política**. São Paulo: Ática, 1989, p. 7-50.

FRANKEL, J. **Introduction: The Polarization of Russian Marxism (1833-1903): Plekhanov, Lenin and Akimov**. *In*: AKIMOV, V. Vladimir akimov on the dilemmas of Russian marxism, 1895-1908. Cambridge: Cambridge University Press, 1969, p. 3-98.

FREDERICO, C. Razão e desrazão: a lógica das coisas e a pós-modernidade. **Serviço Social & Sociedade**, Campinas, n. 55, p. 174-187, nov. 1997.

FREITAS, F. M. C. **Lenin e a educação política: domesticação impossível, resgate necessário**. 2005. 318 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Campinas, 2005.

FURR, G. **Krushev mentiu** [livro eletrônico]. São Paulo: Editora Ciências Revolucionárias, 2022.

GALVÃO, A. C.; LAVOURA, T. N.; MARTINS, L. M. **Fundamentos da didática histórico-crítica** [livro eletrônico]. Campinas: Autores Associados, 2019.

GARZONIO, S.; ZALAMBANI, M. Literary criticism during the revolution and the civil war. *In*: DOBRENKO, E.; TIHANOV, G. (eds.). **A history of literary criticism: the soviet age and beyond**. Pittsburgh: University of Pittsburgh Press, 2011, p. 1-16.

GERRATANA, V. Stalin, Lenin and ‘leninism’. **New Left Review**, n. I/103, may/jun. 1977. Disponível em: <https://bit.ly/3Jg5tip>. Acesso em 15 abr. 2024.

GÓRKI, M. **Meus dias com Lênin**. São Paulo: Lavrapalavra, 2021.

- GRAMSCI, A. **Cadernos do cárcere**, v. 1: Introdução ao estudo da filosofia. A filosofia de Benedetto Croce. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.
- GRENOBLE, L. A. **Language Policy in the Soviet Union**. New York: Kluwer Academic Publishers, 2003.
- GUERRERO, R. R. Recepción de la Ética Nicomaquea en el mundo árabe: la teoría de la virtud en la filosofía islámica. **Studia graeco-arabica**, n. 4, p. 315-34.
- HARDING, N. **Leninism**. Durham: Duke University Press, 1996.
- HECHT, D. Russian Intelligentsia and American Slavery. **Phylon** (1940-1956), v. 9, n. 3, p. 265-269, set./dec. 1948
- HEGEL, G. W. F. **Ciência da lógica**. Livro 1: A Doutrina do Ser. Petrópolis; Bragança Paulista: Vozes; Editora Universitária São Francisco, 2016.
- HEGEL, G. W. F. **Ciência da lógica**. Livro 3: A Doutrina do Conceito. Petrópolis; Bragança Paulista: Vozes; Editora Universitária São Francisco, 2018.
- HEGEL, G. W. F. **Fenomenologia do espírito**. Petrópolis; Bragança Paulista: Vozes; Editora Universitária São Francisco, 2014.
- HEGEL, G. W. F. **Lectures on Logic**: Berlin, 1831. Bloomington; Indianapolis: Indiana University Press, 2008.
- HERÁCLITO. Fragmentos. *In*: LEÃO, E. C. (org.). **Os pensadores originários**: Anaximandro, Parmênides, Heráclito. Petrópolis: Vozes, 2017, p. 69-105.
- HERÁCLITO. Fragmentos. *In*: SOUZA, J. C. (org.). **Os pré-socráticos**: fragmentos, doxografia e comentários. São Paulo: Nova Cultural, 1996, p. 87-101.
- HIPPOCRATES. De morbis, I-III. [s.d.]. **Perseus Digital Library**. Disponível em: <https://bit.ly/4cVwFRd>. Acesso em 3 abr. 2024.
- ILIENKOV, E. V. A Dialética do Abstrato e do Concreto em *O Capital* de Karl Marx. 1960. **MIA**. Disponível em: <https://bit.ly/3OzxeFG>. Acesso em 7 fev. 2024.
- ILYENKOV, E. V. Leninist Dialectics and the Metaphysics of Positivism: reflections on Lenin's book 'Materialism and Empirio-Criticism'. 1979. **MIA**. Disponível em: <https://www.marxists.org/archive/ilyenkov/works/positive/positivism.pdf>. Acesso em 19 set. 2024.
- KAMENEV, L. Speech by Kamenev [18 nov. 1924]. *In*: ZINOVIEV, G. E.; STALIN, I.; KAMENEV, L. **Leninism or trotskyism**. Chicago; Moscow: Daily Worker Publishing Co., 1949, p. 45-75.
- KAPLAN, L. A Pedagogia Histórico-Crítica e a Teoria Marxista da Dependência: primeiras aproximações para relacionar nossa formação social à educação no Brasil. **Germinal: marxismo e educação em debate**, Salvador, v. 16, n. 3, p. 332-353, dez. 2024.
- KONDER, L. **Hegel**: a razão quase enlouquecida. Rio de Janeiro: Campus, 1991.
- KORSCH, K. **Marxismo e filosofia**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2008.
- KOSIK, K. **Dialética do concreto**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.
- KRAUSZ, T. **Reconstruindo Lênin**: uma biografia intelectual. São Paulo: Boitempo, 2017.
- KRUPSKAYA, N. K. A Literatura Predileta de Lênin. *In*: LÊNIN, V. I. **Cultura e revolução cultural**. Rio de Janeiro, 1968.

- KRUPSKAYA, N. K. Dias de Lenin. *In*: KRUPSKAYA, N. K. **A construção da pedagogia socialista**: escritos selecionados. São Paulo: Expressão Popular, 2017, p. 155-172.
- KRUPSKAYA, N. K. **Lenin**: su vida, su doctrina. Buenos Aires: Editorial Rescate, 1984.
- KURY, M. G. Introdução. *In*: ARISTÓTELES. **Ética a Nicômacos**. Tradução do grego, introdução e notas de Mário da Gama Kury. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1985, p. 7-13.
- LABRIOLA, A. **Discorrendo di socialismo e di filosofia**. 2002. Disponível em: <https://bit.ly/48fXSw0>. Acesso em 18 out. 2024.
- LAVOISIER, A. L. Réflexions sur l’instruction publique, présentées à la Convention Nationale par le Bureau de Consultation des Arts et Métiers, suivies d’un projet de décret. *In*: LAVOISIER, A. L. **Œuvres de Lavoisier**. Tome VI. Paris: Imprimerie Impériale, 1893a, p. 516-558.
- LAVOISIER, A. L. Sur le Lycée des Arts. Compte rendu à l’administration du Lycée de la rue de Valois de l’établissement formé au cirque du palais-égalité, sous le nom de Lycée des Arts. *In*: LAVOISIER, A. L. **Œuvres de Lavoisier**. Tome VI. Paris: Imprimerie Impériale, 1893b, p. 559-569.
- LECOURT, D. Uma crise e seu significado: ensaio sobre a posição de Lênin na filosofia. *In*: ALTHUSSER, L.; LECOURT, D. **Lênin e a filosofia**: materialismo, dialética e a crise nas ciências. São Paulo: Lavrapalavra, 2023, p. 74-230.
- LEFEBVRE, H. **O pensamento de Lenin**. São Paulo: Lavrapalavra, 2020.
- LEFEBVRE, H.; GUTERMAN, N. Introdução. *In*: LÊNIN, V. I. **Cadernos filosóficos**. São Paulo: Boitempo, 2018, p. 13-98.
- LESSA, S. **O revolucionário e o estudo**: por que não estudamos?. São Paulo: Instituto Lukács, 2014.
- LIH, L. T. **Lenin rediscovered: What Is to Be Done?** in Context. Chicago: Haymarket Books, 2006.
- LIH, L. T. **Lenin**. Reaktion Books: London, 2011.
- LOMBARDI, J. C. Perfil institucional: Grupo de Estudos e Pesquisas “História, Sociedade e Educação no Brasil” (HISTEDBR). **Acervo**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 1-2, p. 183-196, jan./dez. 2005.
- LONTRA DA CONCEIÇÃO, F. Z. **As obras de Lênin no Brasil (1920-1964)**: em busca de uma história da tradução. 2022. 152 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, 2022.
- LÖWY, M. **Redenção e utopia**: o judaísmo libertário na Europa central (um estudo de afinidade eletiva). São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- LÖWY, M. Sobre o conceito de “afinidade eletiva” em Max Weber. **PLURAL**, Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da USP, São Paulo, v. 17, n. 2, p. 129-142, 2011.
- LÖWY, M. The first Hegelian Marxist. **Radical Philosophy**, v. 83, p. 46-47, may/jun. 1997.
- LUKÁCS, G. Após Hegel, nada de novo. **Revista Porto Alegre**, 6 ago. 2020. Disponível em: <https://bit.ly/3uweqQE>. Acesso em 7 fev. 2024.
- LUKÁCS, G. **Estética**: a peculiaridade do estético. Volume 1: questões preliminares e de princípio [livro eletrônico]. São Paulo: Boitempo, 2023.

- LUKÁCS, G. **História e Consciência de Classe**: estudos sobre a dialética marxista. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- LUKÁCS, G. **Lênin**: um estudo sobre a unidade de seu pensamento. São Paulo: Boitempo, 2012.
- LUKÁCS, G. Lênin e as questões do período de transição. **Anuário Lukács 2024**, v. 11, n. 1, p. 109-123, nov. 2024.
- LUKÁCS, G. Meu caminho para Marx. **Verinotio**, Belo Horizonte, v. 6, n. 12, p. 13-20, out. 2010.
- LUKÁCS, G. **O jovem Hegel e os problemas da sociedade capitalista**. São Paulo: Boitempo, 2018.
- LUKÁCS, G. Prólogo a la edición en español. In: LUKÁCS, G. **El joven Hegel y los problemas de la sociedad capitalista**. Barcelona: Ediciones Grijalbo, 1970, p. 9-11.
- LUNATCHÁRSKI, A. **Revolução, arte e cultura**. São Paulo: Expressão Popular, 2018.
- MALIA, M. What is the Intelligentsia? In: PIPES, R (ed.). **The Russian Intelligentsia**. New York; London: Columbia University Press, 1960, p. 1-18.
- MARTINS, L. M. Fundamentos da psicologia histórico-cultural e da pedagogia histórico-crítica. In: PAGNONCELLI, C.; MALANCHEN, J. MATOS, N. S. D. (org.). **O trabalho pedagógico nas disciplinas escolares**: contribuições a partir dos fundamentos da pedagogia histórico-crítica. Campinas: Armazém do Ipê, 2017.
- MARTINS, M. V. Hegel: “Certamente você me vê”. **Coluna ANPOF**. 27 out. 2020. Disponível em: <https://bit.ly/3Zottsg>. Acesso em 26 nov. 2024.
- MATTHYS, J. Dans le principe, les idées vraies servent toujours le peuple. Science et émancipation chez Althusser. **Cahiers du GRM** [En ligne], Toulouse, v. 7, p. 1-14, jun. 2015.
- MATTILA, J. Introduction. In: MATTILA, J. **The Eudaimonist Ethics of al-Fārābī and Avicenna**. Leiden; Boston: Brill, 2022, p. 1-18.
- MARX, K. **Cadernos de Paris & Manuscritos econômico-filosóficos de 1844**. São Paulo: Expressão Popular, 2015.
- MARX, K. **Crítica do Programa de Gotha**. São Paulo: Boitempo, 2012.
- MARX, K. **Diferença entre a filosofia da natureza de Demócrito e a de Epicuro**. São Paulo: Boitempo, 2018.
- MARX, K. **Glosas críticas marginais ao artigo “O rei da Prússia e a reforma social” de um prussiano**. São Paulo: Expressão Popular, 2010a.
- MARX, K. **Grundrisse**: manuscritos econômicos de 1857-1858: esboços da crítica da economia política. São Paulo: Boitempo; Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2011.
- MARX, K. Karl Marx’s “Confession”. Zalt-Bommel, 1 apr. 1865. **MIA**. Disponível em: <https://bit.ly/3SyNwkz>. Acesso em: 26 jan. 2024.
- MARX, K. Marx to Engels. London, 31 oct. 1857. In: MARX, K.; ENGELS, F. **Collected works**. Volume 40. London: Lawrence & Wishart, 2010b, p. 197-198.
- MARX, K. Marx to Engels. London, 10 may 1870. In: MARX, K.; ENGELS, F. **Collected works**. Volume 43. London: Lawrence & Wishart, 2010c, p. 511-513.
- MARX, K. Marx to Lassalle. London, 21 dec. 1857. In: MARX, K.; ENGELS, F. **Collected works**. Volume 40. London: Lawrence & Wishart, 2010d, p. 225-227.

- MARX, K. **O capital**. Livro 1: o processo de produção do capital. São Paulo: Boitempo, 2017.
- MAYER, R. Lenin and the Practice of Dialectical Thinking. **Science & Society**, v. 63, n. 1, p. 40-62, spring 1999.
- MCLELLAND, J. C. Introduction. *In*: VERMIGLI, P. M. **Commentary on Aristotle's Nicomachean ethics** [livro eletrônico]. Kirksville: Truman State University Press, 2006, p. 11-38.
- MCNEAL, R. H. **Bride of the Revolution: Krupskaya and Lenin**. Ann Arbor: The University of Michigan Press, 1972.
- MEDVEDEV, R. **Let history judge: the origins and consequences of Stalinism**. New York: Columbia University Press, 1989.
- MENEZES, J. P. P. **O método em Marx: um estudo sobre o presente como síntese de múltiplas determinações**. São José do Rio Preto: Práxis Editorial, 2022.
- MERCKEN, H. P. F. The Greek commentators on Aristotle's Ethics. *In*: SORABJI, R. (ed.). **Aristotle Transformed: The Ancient Commentators and Their Influence**. Great Britain: Cornell University Press, 1990, p. 407-443..
- MÉSZÁROS, I. **Lukács' concept of dialectic**. London: The Merlin Press, 1972.
- MONIZ BANDEIRA, L. A. **Lenin: vida e obra**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.
- MONTEIRO, M. L. Revolução Russa e revisionismo historiográfico: o retorno neoliberal da "tese da continuidade". **História & Luta de Classes**, n. 19, p. 23-29, mar. 2015.
- MORIZET, A. **Chez Lénine et Trotski: Moscou, 1921**. Paris, La Renaissance du Livre, 1922.
- NAHIRNY, V. C. The Russian Intelligentsia: from Men of Ideas to Men of Convictions. **Comparative Studies in Society and History**, v. 4, n. 4, p. 403-435, jul. 1962.
- NOSELLA, P. O compromisso político como horizonte da competência técnica. **Educação & Sociedade**, São Paulo, Cortez/Cedes, n. 14, p. 91-97, maio 1983.
- OYAMA, E. R. **Lenin, Educação e Revolução**. Jundiaí: Paco Editorial, 2014.
- OYAMA, E. R. **Lenin, educação e revolução na construção da República dos Sovietes**. 2010. 165 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal Fluminense (UFF), Niterói, 2010.
- PACHYMERES, G. **Commentary on Aristotle, Nicomachean Ethics**. Berlin; Boston: De Gruyter, 2022.
- PAOUCHKINE, M. M. Objetivos e funções da Universidade Proletária. *In*: LINDENBERG, D. (org.). **A Internacional Comunista e a Escola de classe**. Coimbra: Centelha, 1977, p. 256-260.
- PAULO NETTO, J. P. Apresentação. *In*: KORSCH, K. **Marxismo e filosofia**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2008, p. 7-22.
- PAULO NETTO, J. P. **Introdução ao estudo do método de Marx**. São Paulo: Expressão Popular, 2011.
- PAULO NETTO, J. P. **O que é stalinismo**. São Paulo: Brasiliense, 1981.
- PAULO NETTO, J. P. Stalin: elementos para uma aproximação crítica. *In*: PAULO NETTO, J. P. (org.). **Stalin: política**. São Paulo: Ática, 1982, p. 7-36.

- PATRICK, G. T. W. **The fragments of the work of Heraclitus of Ephesus on nature**: translated From the Greek Text of Bywater, with an Introduction Historical and Critical. Baltimore: N. Murray, 1889.
- PIPES, R. “Intelligentsia” from the German “Intelligenz”? A Note. **Slavic Review**, v. 30, n. 3, p. 615-618, sep. 1971.
- PISTRAK, M. M. **Fundamentos da escola do trabalho**. São Paulo: Expressão Popular, 2015.
- PLATÃO. **A República**. Belém: EDUFPA, 2000.
- PLEKHANOV, G. V. **A concepção materialista da história**: da filosofia da história, da concepção materialista da história, o papel do indivíduo na história. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.
- PLEKHANOV, G. V. For the sixtieth anniversary of Hegel’s death. *In*: PLEKHANOV, G. V. **Selected Philosophical Works in five volumes**. Moscow: Progress Publishers, 1974, v. 1, p. 407-432.
- PLEKHANOV, G. V. **In defense of materialism**: The Development of the Monist View of History. London: Lawrence & Wishart, 1947.
- PLUTARCO. **Vidas Paralelas – Alexandre e César**. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2019.
- PRASHAD, V. **Estrela vermelha sobre o terceiro mundo**. São Paulo: Expressão Popular, 2019.
- READ, C. **Lenin**: a revolutionary life. London; New York: Routledge, 2005.
- REIS FILHO, D. A. Lenin e as heranças do populismo. *In*: X ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA – ANPUH-RJ, Rio de Janeiro, 2002. **Anais [...]**. Rio de Janeiro: 2002. p. 1-12.
- ROGOVIN, V. Z. **Was ere an Alternative? Trotskyism**: A Look Back rough the Years. Oak Park: Mehring Books, 2021.
- SCARMELOTO, K. Stálin e a Farsa do “Testamento” de Lênin – Parte 1. Ciências Revolucionárias. Disponível em: <https://bit.ly/40zePiF>. Acesso em 15 jan. 2025.
- SAKHAROV, V. A. A falsificação do “Testamento de Lenin”. **Ciências Revolucionárias**. Disponível em: <https://bit.ly/4ahlgZA>. Acesso em 15 jan. 2025.
- SAVIANI, D. **Educação**: do senso comum à consciência filosófica. São Paulo: Cortez Editora; Autores Associados, 1982.
- SAVIANI, D. Introdução. *In*: SAVIANI, D. **Educação**: do senso comum à consciência filosófica. São Paulo: Cortez Editora; Autores Associados, 1982, p. 9-15.
- SAVIANI, D. Como avançar? Desafios teóricos e políticos da pedagogia histórico-crítica hoje. *In*: PASQUALINI, J. C.; TEIXEIRA, L. A.; AGUDO, M. M. (org.). **Pedagogia histórico-crítica**: legado e perspectivas. Uberlândia: Navegando Publicações, 2018b.
- SAVIANI, D. Educação socialista, pedagogia histórico-crítica e os desafios da sociedade de classes. *In*: LOMBARDI, J. C.; SAVIANI, D. (org.). **Marxismo e educação**: debates contemporâneos. Campinas: Autores Associados, 2005.
- SAVIANI, D. Filosofia da educação: crise da modernidade e o futuro da filosofia da práxis. *In*: FREITAS, M. C. (Org.). **A reinvenção do futuro**: trabalho, educação, política na globalização do capitalismo. São Paulo: Cortez, 1996.

SAVIANI, D. *Pedagogia histórico-crítica, educação e luta de classes: ensino público, Estado, partido e revolução*. In: SAVIANI, D.; DUARTE, N. (org.). **Conhecimento escolar e luta de classes** [livro eletrônico]: a pedagogia histórico-crítica contra a barbárie. Campinas: Autores Associados, 2021, p. 273-304.

SAVIANI, D. **Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações**. Campinas: Autores Associados, 2013.

SAVIANI, D.; DUARTE, N. A formação humana na perspectiva histórico-ontológica. In: SAVIANI, D.; DUARTE, N. **Pedagogia histórico-crítica e luta de classes na educação escolar**. Campinas: Autores Associados, 2012, p. 13-35.

SEWELL, R. Lenin and Bolshevism: the significance of the RSDLP Second Congress. In **Defense of Marxism**, 20 may 2022. Disponível em: <https://bit.ly/46ovhlj>. Acesso em 23 nov. 2023.

SILVEIRA, Ê. **Editando o editor**, v. 3. Entrevista concedida a Marta Assis de Almeida, Magalo Oliveira Fernandes, Mirian Senra e organização de Jerusa Pires Ferreira. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Com-Arte, 2003.

SNYDERS, G. **Pedagogia progressista**. Coimbra: Livraria Almedina, 1974.

STALIN, J. V. A oposição trotskista antes e agora. In: STALIN, J. V. **Obras Escolhidas (1901-1952)**. São Paulo: Editora Raízes da América, 2021a, p. 374-391.

STALIN, J. V. Answer to a letter of 30 January, from Col.-Professor Rasin: on Clausewitz and the questions of war and the art of war. 23 feb. 1946. **MIA**. Disponível em: <https://bit.ly/3ufT1vd>. Acesso em 6 fev. 2024.

STALIN, J. V. O materialismo dialético e o materialismo histórico. In: PAULO NETTO, J. (org.). **Stalin: política**. São Paulo: Ática, 1982, p. 127-157.

STALIN, J. V. **Os fundamentos do leninismo**. Rio de Janeiro: Editorial Calvino, 1945.

STALIN, J. V. Trotskismo ou Leninismo?. In: STALIN, J. V. **Obras Escolhidas (1901-1952)**. São Paulo: Editora Raízes da América, 2021b, p. 253-270.

STCHERBAKOV, A. O Invencível Partido de Lênin e de Stálin. **Problemas – Revista Mensal de Cultura Política**, n. 31, nov./dez. 1950. Disponível em: <https://bit.ly/3OZlv3g>. Acesso em 28 fev. 2024.

TERTULIAN, N. Posfácio. In: LUKÁCS, G. **Prolegômenos para uma ontologia do ser social: questões de princípios para uma ontologia hoje tornada possível**. São Paulo: Boitempo, 2010, p. 383-402.

TROTSKI, L. Bonapartismo e Fascismo. 15 jul. 1934. **MIA**. Disponível em: <https://bit.ly/42tyMH1>. Acesso em 7 fev. 2024.

TROTSKY, L. Lenine Doente. 5 abr. 1923. **MIA**. Disponível em: <https://bit.ly/42WVbfY>. Acesso em 29 fev. 2024.

TROTSKY, L. **Literatura e revolução**. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1969.

TROTSKY, L. **Problems of everyday life and other writings on culture & science: creating the foundations for a new society in revolutionary Russia**. New York; London; Sydney: Monad Press; Pathfinder Press, 1973.

TUMARKIN, N. **Lenin Lives: the Lenin cult in Soviet Russia**. Cambridge; London: Harvard University Press, 1983.

- VALENTINOV, N. **Encounters with Lenin**. London: Oxford University Press, 1968.
- VASILIEVICH, E. Y. O Testamento de Lenin. **Ciências Revolucionárias**. Disponível em: <https://bit.ly/3WjSKC0>. Acesso em 15 jan. 2025.
- VÁZQUEZ, A. S. **Filosofia da práxis**. São Paulo: Expressão Popular, 2007.
- VERMIGLI, P. M. **Commentary on Aristotle's Nicomachean ethics** [livro eletrônico]. Kirksville: Truman State University Press, 2006.
- VERMIGLI, P. M. **Kommentar zur Nikomachischen Ethik des Aristoteles**. Leiden; Boston: Brill, 2011.
- VIGOTSKI, L. S. Uma aula de L. S. Vigotski. In: ORSO, P. J.; MALANCHEN, J.; CASTANHA, A. P. (org.). **Pedagogia histórico-crítica, educação e revolução: 100 anos da revolução russa**. Uberlândia: Navegando Publicações; Campinas: Autores Associados, 2018.
- WHITE, J. D. David Riazanov and the Leninist stage of Soviet Marxism. **Stud East Eur Thought**, apr. 2023. Disponível em: <https://rdcu.be/dxE2y>. Acesso em 2 fev. 2024.
- WHITE, J. D. Lenin and Philosophy: The Historical Context. **Europe-Asia Studies**, v. 67, n. 1, p. 123-142, jan. 2015.
- WILSON, E. **Rumo à estação Finlândia: escritores e atores da história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.
- WOERTHER, F. Averroes' Goals in the Paraphrase (Middle Commentary) of Aristotle's Nicomachean Ethics. In: ADAMSON, P.; DI GIOVANNI, M. (eds.). **Interpreting Averroes: Critical Essays**. New York: Cambridge University Press, 2018, p. 218-236.
- XENOPHONTOS, S. Introduction. In: PACHYMERES, G. **Commentary on Aristotle, Nicomachean Ethics**. Berlin; Boston: De Gruiter, 2022.
- YARMOLINSKY, A. **Road to revolution: a century of Russian radicalism**. Princeton: Princeton University Press, 1986.
- ZINOVIEV, G. E. **Bolshevism or Trotskyism: Where the Line of Trotskyism is Leading**. In: ZINOVIEV, G. E.; STALIN, I.; KAMENEV, L. **Leninism or trotskyism**. Chicago; Moscow: Daily Worker Publishing Co., 1949, p. 3-27.

b) Dicionários e obras de referência

- CADERNO DE LITERATURA E CULTURA RUSSA. **Tabela de Transliteração do Russo para o Português**. São Paulo, n. 1, p. 393, mar. 2004.
- CORRÊA, R. A. **Dicionário escolar francês-português/português-francês**. Rio de Janeiro: Departamento Nacional de Educação, 1958.
- FISHUK, E. **Transliterando a escrita cirílica**. 2014. Disponível em: <http://www.fishuk.cc/translit>. Acesso em 14 nov. 2023.
- FRIZMAN, L. G. Одоевский, Александр Иванович [Odoievski, Aleksandr Ivanovitch]. 1990. **Lib.ru: Классика** [Klassika]. Disponível em: <https://bit.ly/3GyJwtu>. Acesso em 7 dez. 2023.
- LUBOTSKY, A. (ed.). **Leiden Indo-European Etymological Dictionary Series**. Brill: Leiden; Boston, 2008.

MALHADAS, D.; DEZOTTI, M. C. C.; NEVES, M. H. M. (coord.). **Dicionário grego-português (DGP)**. Vol. 2. Cotia: Ateliê Editorial, 2007.

MALHADAS, D.; DEZOTTI, M. C. C.; NEVES, M. H. M. (coord.). **Dicionário grego-português (DGP)**. Vol. 3. Cotia: Ateliê Editorial, 2008.

MIA. **Dicionário político**. Disponível em: <https://bit.ly/40ODNsN>. Acesso em 23 nov. 2023.

MIA. **Encyclopedia of Marxism**. Disponível em: <https://bit.ly/40U6rca>. Acesso em 22 nov. 2023.

PRADO, A. L. A. A. Normas para a transliteração de termos e textos em grego antigo. **Classica – Revista Brasileira de Estudos Clássicos**, v. 19, n. 2, p. 298-299, 2006.

REES, A. **The Cyclopædia; or, Universal Dictionary of Arts, Sciences, and Literature**. v. 1. London: Samuel F. Bradford and Murray, Fairman and Company, 1805. Disponível em: <https://bit.ly/3VLNWpv>. Acesso em 4 abr. 2024.

VOINOVA, N.; STARETS, S. **Dicionário prático russo-português**. Moscovo: Edições Russki Yazik, 1986.

c) Obras de Lenin

LENIN, V. I. A reorganização do partido. **Germinal: marxismo e educação em debate**, Salvador, v. 16, n. 1, p. 140-148, abr. 2024.

LENIN, V. I. **As tarefas revolucionárias da juventude**. São Paulo: Expressão Popular: 2015.

LÊNIN, V. I. **Cadernos filosóficos**. São Paulo: Boitempo, 2018.

LÊNIN, V. I. **Cadernos sobre a dialética de Hegel**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2011.

LÊNIN, V. I. Do trabalho: “Êxitos e Dificuldades do Poder Soviético”. In: LÊNIN, V. I. **Cultura e revolução cultural**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968, p. 46-51.

LÊNIN, V. I. **Democracia e luta de classes**. São Paulo: Boitempo: 2019.

LENIN, V. I. La obra de Clausewitz *De la guerra: extractos y acotaciones*. In: LENIN, V. I. et al. **Clausewitz en el pensamiento marxista: Lenin, Encona, Braun, Razin, Stalin, Engelberg, Korfes**. Cerro del Agua: Siglo XXI Editores, 1979, p. 49-98.

LÊNIN, V. I. **O desenvolvimento do capitalismo na Rússia**. São Paulo: Abril Cultural, 1982. (Os Economistas).

LÊNIN, V. I. **O Estado e a revolução**: a doutrina do marxismo sobre o Estado e as tarefas do proletariado na revolução. São Paulo: Boitempo: 2017a.

LÊNIN, V. I. **O que fazer?** Questões candentes de nosso movimento. São Paulo: Boitempo, 2020.

LÊNIN, V. I. Teses de abril. In: MARX, K.; ENGELS, F.; LENIN, V. I. **Manifesto Comunista; Teses de abril**. São Paulo: Boitempo, 2017b.

LÊNINE, V. I. **Materialismo e Empiriocriticismo**: notas críticas sobre uma filosofia reaccionária. Edições Progresso, Moscovo; Editorial Avante!, Lisboa, 1982.

LCW: **V. I. Lenin Collected Works**. Moscow, Progress Publishers, 1961-1978, 45 v.

Volume 7: September 1903-December 1904

One step forward, two steps back: reply by N. Lenin to Rosa Luxemburg [1904], p. 472-483.

Volume 13: June 1907-April 1908

Preface to the collection *Twelve Years* [1907], p. 94-113.

Volume 19: March-December 1913

Nota 157 p. 588 sobre The Marx-Engels Correspondence [1913], p. 552-553.

OCE: Obras Completas de Vladímir Ilich Lenin. Moscú: Editorial Progreso, 1981-1988, 55 v.

Volume 1: 1893-1894

Quiénes son los “Amigos del pueblo” y como luchan contra los socialdemócratas (respuesta a los artículos de *Rússkoe Bogatstvo* contra los marxistas) [1894], p. 131-363.

Volume 2: 1895-1897

Proyecto y explicación del Programa del Partido Socialdemócrata [1895], p. 85-113.

Volume 5: Mayo-diciembre de 1901

Cronología de la vida y la actividad de Lenin [de maio a dezembro de 1901], p. 514-527.

Volume 6: Enero-agosto de 1902

El programa agrario de la socialdemocracia rusa [1902], p. 321-370.

Volume 7: Septiembre de 1902-septiembre de 1903

Discursos e intervención durante el debate de los estatutos del partido, 2º discurso, [1903], p. 303-307.

Volume 8: Septiembre de 1903-julio de 1904

Información sobre el II Congreso del POSDR [1903], p. 2-22.

Volume 9: Julio de 1904-marzo de 1905

Carta a Glebov (V. A. Noskov) [1904], p. 29-36.

Volume 12: Octubre de 1905-abril de 1906

Sobre la reorganización del Partido [1905], p. 83-94.

[Actas del] Congreso de unificación del POSDR [1906], p. 361-406.

Volume 24: Septiembre de 1913-marzo de 1914

Nota 113, p. 467 sobre La correspondencia entre Marx y Engels [1913], p. 279-285.

Volume 25: Marzo-julio de 1914

La lucha ideologica en el movimiento obrero [1914], p. 136-139.

Volume 26: Julio de 1914-agosto de 1915

Carlos Marx (breve esbozo biografico con una exposicion del marxismo) [1914], p. 43-95.

La bancarrota de la II Internacional [1915], p. 216-280.

Volume 29: Cuadernos filosóficos

Prefacio, p. vii-xxv.

Resumen del libro de Aristoteles “Metafisica” [1915], p. 329-338.

Volume 34: Julio-octubre de 1917

Revision del Programa del Partido [1917], p. 361-392.

Volume 34: Marzo-junio de 1919

Sesión del Soviet de Petrogrado, 12 de marzo de 1919: informe sobre la política exterior e interior del Consejo de Comisarios del Pueblo [1919], p. 1-22.

Volume 39: Junio-diciembre de 1919

Saludo a los comunistas italianos, franceses y alemanes [1919], p. 221-232.

Volume 41: Mayo-noviembre de 1920

Communismus [1920], p. 139-141.

Volume 42: Noviembre de 1920-marzo de 1921

La labor del Comisariado del Pueblo de Instrucción Pública [1921], p. 335-345.

Materiales para el folleto “Una vez mas acerca de los sindicatos, el momento actual y los errores de los camaradas Trotski y Bujarin” [1921], p. 418-438.

Volume 42: Junio de 1921-marzo de 1922

La nueva política económica y las tareas de los Comités de Instrucción Política - informe presentado al II Congreso Nacional de los Comités de Instrucción Política - el 17 de octubre de 1921 [1921], p. 162-182.

Volume 46: Cartas 1893-1904

A A. A. N. Potresov [1903], p. 341-344.

Volume 49: Agosto de 1914-octubre de 1917

[Carta] Al secretario de redaccion de las Ediciones Granat [1915], p. 54-55.

Volume 51: Cartas, julio de 1919-noviembre de 1920

A A. V. Lunacharski [1920], p. 143.

A M. N. Pokrovski [1920], p. 224.

Volume 55: Cartas a los familiares, 1853-1922

N. K. Krupskaya y V. I. Lenin a M. A. Ulianova [1913], p. 368-370.

OCR: В. И. Ленин Полное Собрание Сочинений. Москва: Издательство Политической литературы, 1967-1975, Издание пятое, 55 Том [V. I. Lenin Polnoie Sobranie Sotchineni. 5^a ed. Moskva: Izdatelstvo Polititcheskoi Literatury, 1967-1975, 55 v.].

Том 7: Сентябрь 1902-сентябрь 1903

Речь по вопросу о программе Партии [1903], p. 270-272.

Том 12: Октябрь 1905-апрель 1906

О реорганизации Партии [1905], p. 83-93.

Том 45: Март 1922-март 1923

Лучше меньше, да лучше [1923], p. 389-406.

Obras Escolhidas em 3 Tomos. São Paulo, Alfa-Ômega, 1980-1982, 3 v.

Volume 1

Karl Marx (breve nota biográfica com uma exposição do marxismo) [1915], p. 1-27.

Friedrich Engels [1895], p. 28-34.

Marxismo e revisionismo [1908], p. 40-46.

As três fontes e as três partes constitutivas do marxismo [1913], p. 35-39.

Um passo em frente, dois passos atrás (a crise no nosso Partido) [1904], p. 215-376.
 Duas táticas da Social-Democracia na Revolução Democrática [1906], p. 381-472.

Volume 2

As Tarefas Imediatas do Poder Soviético [1918], p. 557-587.

Volume 3

A doença infantil do “Esquerdismo” no Comunismo [1920], p. 275-349.

Sobre a cultura proletária [1920], p. 398-399.

Discurso na Conferência de Toda a Rússia dos Comitês de Instrução Política das Secções de Gubérnia e Uezd da Instrução Pública [1920], p. 400-407.

Mais uma vez sobre os Sindicatos, o momento actual e os erros dos camaradas Trótski e Bukhárine [1921], p. 433-462.

Sobre o significado do materialismo militante [1922], p. 563-570.

XI Congresso do PCR(b) [1922], p. 571-603.

Carta ao Congresso [1922], p. 639-652.

Páginas do diário [1923], p. 653-656.

Sobre a cooperação [1923], p. 657-662.

É melhor menos, mas melhor [1923], p. 670-681.

Obras Escolhidas em 6 Tomos. Lisboa, Edições Avante!, 1977-1989, 6 v.

Volume 2

Duas Utopias [1912], p. 62-66.

A Correspondência entre Marx e Engels [1913-1920], p. 123-129.

d) Obras literárias

BÍBLIA. **Novo Testamento:** os quatro Evangelhos. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

ÉSQUILO, Prometeu acorrentado. *In:* ÉSQUILO; SÓFOCLES; EURÍPIDES. **Tragédia grega:** v. 6. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993, p. 8-67.

GOETHE, J. W. **As afinidades eletivas.** São Paulo: Companhia das Letras: 2014.

GONTCHAROV, I. **Oblómov.** São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

HEINE, H. **Heine, hein?** Poeta dos contrários. São Paulo: Perspectiva; Goethe-Institut, 2011.

MAIAKOVSKI, V. Vladimir Ilitch Lenin. *In:* Editora Expressão Popular (org.). **Lenin 150.** São Paulo: Expressão Popular, 2020, p. 17-115.

SARAMAGO, J. **Viagem a Portugal** [livro eletrônico]. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

TCHERNICHEVSKIĬ, N. **O que fazer?** São Paulo: Expressão Popular, 2019.

TOLKIEN, J. R. R. **O senhor dos anéis**. Volume único, ilustrado por Alan Lee. Rio de Janeiro: Harper Collins, 2021.

TURGUÊNIEV, I. **Diário de um homem supérfluo**. São Paulo: Editora 34, 2019.

TURGUÊNIEV, I. **Pais e filhos**. São Paulo: Abril Cultural, 1971.

e) **Pedagogia histórico-crítica e Lenin**

AZEVEDO, V.; TEIXEIRA, L. A. Procurando Lenin: em busca dos usos e apropriações lenineanas na Pedagogia Histórico-Crítica. *In*: Congresso pedagogia histórico-crítica e educação escolar: primavera nos dentes, 2023, São Carlos. **Anais do congresso**. Disponível em: <https://bit.ly/3x4SXzu>. Acesso em 19 mar. 2024.

AZEVEDO, V. Teoria da curvatura da vara: origens e formulações. **Germinal: marxismo e educação em debate**, Salvador, v. 16, n. 1, p. 1030-1039, abr. 2024.

CARVALHO, M. Educação: a crítica leninista. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, v. 11, n. 41e, p. 225-239, abr. 2011.

DUARTE, N. A anatomia do homem é a chave da anatomia do macaco: A dialética em Vigotski e em Marx e a questão do saber objetivo na educação escolar. **Educação & Sociedade**, n. 71, p. 79-115, jul. 2000.

DUARTE, N. **A individualidade para si**: contribuições a uma teoria histórico-social da formação do indivíduo. Campinas: Autores Associados, 2013.

DUARTE, N. A pedagogia histórico-crítica e a formação da individualidade para si. *In*: SAVIANI, D.; DUARTE, N. (org.). **Conhecimento escolar e luta de classes** [livro eletrônico]: a pedagogia histórico-crítica contra a barbárie. Campinas: Autores Associados, 2021, p. 196-218.

DUARTE, N. Psicologia histórico-cultural e pedagogia histórico-crítica em tempos de obscurantismo beligerante. *In*: ORSO, P. J.; MALANCHEN, J.; CASTANHA, A. P. (org.). **Pedagogia histórico-crítica, educação e revolução**: 100 anos da revolução russa. Uberlândia: Navegando Publicações; Campinas: Autores Associados, 2018.

FREITAS, F. M. C. Educação, imperialismo e modo de produção da existência. *In*: Seminário Nacional de Estudos e Pesquisas do HISTEDBR, 8, 2009a, Campinas. **Caderno de resumos**. Disponível em: <https://bit.ly/43qLIOs>. Acesso em 19 mar. 2024.

FREITAS, F. M. C. Imperialismo e educação. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, v. 9, n. 33e, p. 39-64, maio 2009b.

FREITAS, F. M. C. Marxismo, educação e emancipação do proletariado. **Germinal: Marxismo e Educação em Debate**, Salvador, v. 5, n. 1, p. 29-52, jun. 2013.

LENIN, V. I. A reorganização do Partido. Tradução de Vinícius Azevedo. **Germinal: marxismo e educação em debate**, Salvador, v. 16, n. 1, p.140-148, abr. 2024.

RODRIGUES, J. V. A relação educativa entre direção e base no partido leninista: educação política e emancipação. *In*: Seminário Nacional de Estudos e Pesquisas do HISTEDBR, 8, 2009, Campinas. **Caderno de resumos**. Disponível em: <https://bit.ly/43qLIOs>. Acesso em 19 mar. 2024.

SAVIANI, D. A consciência filosófica na pedagogia histórico-crítica: Entrevista com Dermeval Saviani. Entrevista concedida a Marcos Francisco Martins e André Canevalle Rezende. **HISTEDBR On-line**, Campinas, v. 20, p. 1-24, jul. 2020.

SAVIANI, D. A pedagogia histórico-crítica, as lutas de classes e a educação escolar. *In*: SAVIANI, D.; DUARTE, N. (org.). **Conhecimento escolar e luta de classes** [livro eletrônico]: a pedagogia histórico-crítica contra a barbárie. Campinas: Autores Associados, 2021, p. 129-164.

SAVIANI, D. **Escola e democracia**. Campinas: Autores Associados, 2018a.

SAVIANI, D. Modo de produção e a Pedagogia Histórico-Crítica. Entrevista concedida a Maria de Fátima Rodrigues Pereira e Elza Margarida de Mendonça Peixoto. **Germinal: Marxismo e Educação em Debate**, Londrina, v. 1, n. 1, p. 110-116, jun. 2009.

APÊNDICES

APÊNDICE A – FICHAS DE LEITURA²¹¹

1. Identificação do trabalho

Referência

CARVALHO, M. Marxismo, educação e emancipação do proletariado. **Germinal: Marxismo e Educação em Debate**, Salvador, v. 5, n. 1, p. 29-52, jun. 2013.

Disponível em: <https://doi.org/10.9771/gmed.v5i1.9633>. Acesso em 7 mar. 2024.

Autoria

Nome: Francisco Máuri de Carvalho Freitas (FREITAS, F. M. C.; CARVALHO, M. de.)

Formação: graduação (UNIFOR) e mestrado (UGF) em Educação Física, doutorado em Educação (Unicamp)

Orientador: doutorado: Dr. Silvio Oliveira Donizetti Gallo

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2187328207308456>

2. Informações em destaque

a) conteúdo ou conceito trabalhado: emancipação humana, emancipação intelectual do proletariado, revolução proletária, dogmatismo e sectarismo

b) objetivo: “rastrear na obra de Marx e Engels, conectada à obra de Lenin, o significado histórico da emancipação humana para em seguida esquadrihar as duas obras bateando argumentos favoráveis à revolução social como meio de edificação da sociedade socialista e meio à consecução da emancipação do proletariado em particular e causa de emancipação da humanidade em geral” (p. 31).

c) descrição

i. objeto e percurso

“No presente estudo sobre a emancipação humana, encimado na tradição marxista-leninista [...], procuro rastreando nas obras de Marx, Engels e Lenin, os elementos fundantes da verdadeira, objetiva e concreta emancipação humana que não pode ser compreendida recortada/descolada da emancipação política como sua forma final no interior da ordem mundana existente” (p. 29).

ii. conclusões

“(1) a educação deverá ser considerada como fator coadjuvante na construção da emancipação e (2) e a revolução a porta de entrada à construção do socialismo como transição à edificação da sociedade comunista” (p. 29).

d) análise

O autor parte do entendimento no qual a *emancipação humana* se torna possível por meio da *emancipação intelectual do proletariado*, cuja viabilidade está relacionada com a *revolução proletária* capaz de superar a utopia e tornar real a sociedade sem classes. Recorre a Marx e Engels para fundamentar filosoficamente sua posição, e a Lenin, em especial, para defender que não há emancipação humana e nem emancipação intelectual em uma sociedade onde domina o dogmatismo e sectarismo – entendidos por Freitas (2013, p. 42) como fruto do predomínio da prática sobre a teoria, e “o discurso descolado da prática”. O autor conecta Lenin com a pedagogia histórico-crítica (PHC) na medida que soma a teoria revolucionária com a prática revolucionária de Lenin à compreensão crítica e radical de uma teoria conforme demonstrado Duarte (2000, p. 175), meio pelo qual as contradições sociais se explicitam, apontando para a escolha entre “superação do capitalismo ou destruição da sociedade e do planeta” (Saviani, 1996, p. 183). Assim, conclui que

²¹¹ Os trabalhos lidos, porém descartados, não serão apresentados em forma de fichas de leitura.

“sem educação não há transformação revolucionária” (Freitas, 2013, p. 51), tornando fundamental a apreensão da *educação política enquanto prática social coletiva*, isto é, o ato de educar politicamente como parte do exercício para a emancipação intelectual no incessante e necessário combate às correntes filosóficas e pedagógicas contrárias à formação da consciência transformadora.

e) referências a obras de Lenin e relação com PHC conforme citado

LENIN, V. I. Marxismo e revisionismo. **Obras Escolhidas em três tomos**, t. 1. Lisboa: Avante!; Moscou: Progresso, 1977.

LENIN, V. I. Karl Marx. **Obras Escolhidas em três tomos**, t. 1. Lisboa: Avante!; Moscou: Progresso, 1977.

DUARTE, N. **Vigotski e o aprender a aprender**: críticas às apropriações neoliberais e pós-modernas da teoria vigotskiana. Campinas: Autores Associados, 2000.

SAVIANI, D. Filosofia da educação: crise da modernidade e o futuro da filosofia da práxis. *In*: FREITAS, M. C. (Org.) **A reinvenção do futuro: trabalho, educação, política na globalização do capitalismo**. São Paulo: Cortez, 1996.

1. Identificação do trabalho

Referência

CARVALHO, M. de. Educação: a crítica leninista. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, v. 11, n. 41e, p. 225-239, abr. 2011.

Disponível em: [10.20396/rho.v11i41e.8639906](https://doi.org/10.20396/rho.v11i41e.8639906). Acesso em 11 mar. 2024.

Autoria

Nome: Francisco Máuri de Carvalho Freitas (FREITAS, F. M. C.; CARVALHO, M. de.)

Formação: graduação (UNIFOR) e mestrado (UGF) em Educação Física, doutorado em Educação (Unicamp)

Orientador: doutorado: Dr. Silvio Oliveira Donizetti Gallo

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2187328207308456>

2. Informações em destaque

a) conteúdo ou conceito trabalhado: educação socialista, pedagogia marxista e conhecimento

b) objetivo: analisar a educação universitária brasileira

c) descrição

i. objeto e percurso

“criteriosa e rigorosa análise e inspeção da educação brasileira no âmbito das universidades públicas, a partir do estudo da obra Lenin” (p. 225).

ii. conclusões

“defender a educação para o socialismo”, “recolocar na pauta do dia a necessidade premente de uma educação geral, politécnica, gratuita, obrigatória” e “restabelecer a estreita relação entre revolução, educação para o trabalho, educação intelectual e educação física (ginástica militar), como as colunas mestras da formação multifacetada do homem e da mulher do futuro. Esta é a missão histórica dos pedagogos comunistas envolvidos com a demolição do capitalismo e construção de uma nova sociedade com uma sólida base comunista” (p. 237-238).

d) análise

O autor argumenta que a escola precisa revelar a conexão entre educação, economia política, domínio do conhecimento e socialismo. Para tal, Carvalho (2011, p. 227-228) propõe uma alternativa a educação burguesa, “determinada e determinante da política de exclusão”: a educação socialista, que está fundamentada na pedagogia marxista na medida que se vincula à luta dos trabalhadores e explorados. Assim, é tarefa dos professores socialistas e comunistas exporem a ligação entre a escola capitalista/educação burguesa com a economia política. O autor sustenta a unificação entre trabalho pedagógico extra-escolar com a educação escolar, propondo uma “guerrilha pedagógica” (Carvalho, 2011, p. 230) com seis pontos de ataque: i) defesa da educação geral e politécnica; ii) defesa da relação entre a educação intelectual, a educação para o trabalho e a educação física; iii) trabalho de agitação e propaganda entre o professorado; iv) preparação de novos quadros para o magistério convencidos das ideias de transformação social; v) incorporação da população trabalhadora no trabalho de educação por meio dos conselhos de ensino público e vi) colaboração na autoeducação dos operários, camponeses e trabalhadores assalariados mediante organização de bibliotecas públicas, escolas para adultos, universidades populares, conferências, cinemas, colóquios, saraus etc. Carvalho (2011, p. 234) entende que o compromisso político do intelectual comunista, que tem a consciência de classe operária e o conhecimento científico e técnico, é expressar para a classe operária o que, de forma espontânea, não consegue compreender e expressar: conhecimento das necessidades vitais de cada indivíduo, bem como das vias e

possibilidades de satisfação, o conhecimento dos obstáculos postos ou impostos pela classe dominante, o conhecimento que impede de ver que os inimigos de classe por vezes estão no próprio campo político e por fim o conhecimento do potencial da união em movimento de massas contra os opressores. O autor vincula a ideia de Lenin (2015) na qual o militante comunista precisa enriquecer sua memória com o conhecimento acumulado pela humanidade com Saviani (2018a), para quem a condição de libertação dos dominados é dominar aquilo que os dominantes dominam.

e) referências a obras de Lenin e relação com PHC conforme citado

LENIN, V. I. Tarefas da união de juventudes. **Obras Completas em cinqüenta e cinco volumes**, v. 41. 5ª edição. Moscou: Progresso, 1986.

Não citado, mas parafraseado: SAVIANI, D. **Escola e democracia**. Campinas: Autores Associados, 2018a.

1. Identificação do trabalho

Referência

FREITAS, F. M. C. Imperialismo e educação. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, v. 9, n. 33e, p. 39-64, maio 2009.

Disponível em: [10.20396/rho.v9i33e.8639527](https://doi.org/10.20396/rho.v9i33e.8639527). Acesso em 12 mar. 2024.

Autoria

Nome: Francisco Máuri de Carvalho Freitas (FREITAS, F. M. C.; CARVALHO, M. de.)

Formação: graduação (UNIFOR) e mestrado (UGF) em Educação Física, doutorado em Educação (Unicamp)

Orientador: doutorado: Dr. Silvio Oliveira Donizetti Gallo

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2187328207308456>

2. Informações em destaque

a) conteúdo ou conceito trabalhado: imperialismo

b) objetivo: “é objetivo do presente estudo reportar não existir uma escola à margem da vida, à margem da política, sendo a afirmação contrária falsidade e hipocrisia” (p. 39).

c) descrição

i. objeto e percurso

crítica da educação oficial brasileira (p. 39).

ii. conclusões

“O desenrolar da trajetória dos intelectuais da educação, há pelo menos quinze anos, demonstra que eles tratam o fenômeno educativo de forma isolada da economia política de determinada sociedade, como se a educação oficial fosse um *a priori* indeterminado movendo-se de mote próprio. É como se a educação antecedesse em sua forma e essência à constituição dos educandos” (p. 58).

d) análise

Freitas (2009, p. 51; p. 41) caracteriza o imperialismo como “a luta da burguesia agonizante, decrépita e podre, pela repartição do mundo e o subjugo das nações pobres, emergentes ou ricas em petróleo” e afirma que “nenhuma teoria da educação ou pedagogia, nenhum projeto pedagógico escolar pode pretender a efetivação de valores éticos como pré-condição para superação do capitalismo” porque a “tentativa de desenvolver uma política transformadora por intermédio da educação escolar termina, na melhor das hipóteses, prisioneira dos mesmos limites que tornam a sociabilidade burguesa e a sociabilidade operária incompatíveis entre si”. Assim, a tarefa crítica do intelectual e o professor é romper em definitivo com as “idéias e teorias pedagógicas pequeno-burguesas” em prol da defesa de um sistema educacional baseado em três pilares: educação intelectual, educação para o trabalho e educação física de modo a tornar claro a luta popular como resultado de um sistema de relações de produção, destacando a relevância, o conteúdo, o curso e as circunstâncias que a sustentam (Freitas, 2009, p. 51). A aproximação entre Lenin e PHC ocorre na medida que o autor (Freitas, 2009, p. 54-55) argumenta pela atuação na luta de classes para a conquista do poder (OCE, 1986, v. 39, p. 228), e justifica que a educação e o mundo do trabalho são importantes locais para a luta de classes enquanto ideologia, recorrendo a Duarte (2005) e Saviani (2005) para demonstrar a contradição entre os propósitos da educação pública com a sociedade capitalista e a necessidade de superação dessa forma de sociedade e suas respectivas teorias pedagógicas, assumindo quatro empreitadas da “esquerda em construção” em sala de aula: i) comprovar e demonstrar os dogmas que os reformistas utilizam para amansar o caráter revolucionário do proletariado; ii) comprovar e demonstrar que a social-democracia se

distancia da luta da classe operária; iii) organizar o trabalho sindical e partidário para a educação de quadros revolucionários e iv) exercitar a crítica e a autocrítica. Além disso, em mais um aceno a Lenin (2015), Freitas faz alusão a Saviani (2018a) no que diz respeito à dominar os conhecimentos que os dominadores dominam enquanto pré-condição para a ação capaz de pôr fim à exploração do capital sobre trabalho.

e) referências a obras de Lenin e relação com PHC conforme citado

DUARTE, N. Por que é necessária uma análise crítica marxista do construtivismo? *In*: LOMBARDI, J. C. e SAVIANI, D. (org.). **Marxismo e educação**: debates contemporâneos. Campinas: Autores Associados, 2005.

SAVIANI, D. Educação socialista, pedagogia histórico-crítica e os desafios da sociedade de classes. *In*: LOMBARDI, J. C. e SAVIANI, D. (org.). **Marxismo e educação**: debates contemporâneos. Campinas: Autores Associados, 2005.

LENIN, V. I. Saudação aos comunistas italianos, franceses e alemães. *In*: **Obras completas em cinquenta e cinco volumes**. 5ª edição. Moscou: Progresso, 1984, v. 39.

Não citado, mas parafraseado

LENIN, V. I. **As tarefas revolucionárias da juventude**

SAVIANI, D. **Escola e democracia**. Campinas: Autores Associados, 2018a.

1. Identificação do trabalho

Referência

RODRIGUES, J. V. A relação educativa entre direção e base no partido leninista: educação política e emancipação. *In*: Seminário Nacional de Estudos e Pesquisas do HISTEDBR, 8, 2009, Campinas. **Caderno de resumos**. Disponível em: <https://bit.ly/43qLlOs>. Acesso em 19 mar. 2024.

Autoria

Nome: Jefferson Vasques Rodrigues (RODRIGUES, J. V.)

Formação: graduação em Ciências da Computação e Letras (Unicamp), mestrado em educação (Unicamp)

Orientador: doutorado: Dr. Rene Jose Trentin Silveira

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4435956685197767>

2. Informações em destaque

a) conteúdo ou conceito trabalhado: partido revolucionário

b) objetivo: apresentar o caráter educativo do partido político leninista

c) descrição

i. objeto e percurso

partido político e seu caráter educador

ii. conclusões

“Partimos da hipótese de que as relações internas do partido leninista, em específico as estabelecidas entre direção e base, materializadas em sua estrutura organizativa, ocupam papel fundamental na garantia da ‘permanente renovação da teoria e da prática’, disposta por Gramsci. Logo, se esse fluxo dialético de ‘renovação da teoria e da prática’ no interior do partido, materializado nas relações educativas entre direção e base, se interrompe, a própria finalidade revolucionária do partido leninista pode estar em jogo” (p. 6).

d) análise

Rodrigues (2009) traça o percurso da ideia de partido político enquanto fenômeno social que conecta o *Manifesto do Partido Comunista* (1848) de Marx e Engels, *Crítica ao Programa de Gotha* (1875), de Marx, e *Anti-Düring* (1878), de Engels com o *Que Fazer?* (1902), de Lenin. A partir de Vásquez (2007), elenca cinco características do partido leninista, a saber: i) destacamento da classe que encarna sua consciência; ii) possui um corpo de revolucionários profissionais; iii) máxima organização; iv) centralismo democrático, e v) introduz a consciência de classe nas massas e as dirige na luta. Assim, que “o partido leninista age como educador, organizador e dirigente da classe proletária”, argumentando que as relações educativas se fazem presentes em todos os tipos de partido (Rodrigues, 2009, p. 3). O autor associa Lenin e a PHC ao expor o caráter educativo do partido político revolucionário, vinculando a dinâmica das relações educativas entre educador e educando no contexto escolar com a relação educativa entre base e direção partidária. Para Rodrigues (2009, p. 4), a direção partidária porta-se como educadora ou sujeito teórico-histórico, dotada de uma “síntese precária” do real (Nosella, 1983), enquanto a base militante é o educando e o sujeito político-prático, disposta de uma capacidade de “caráter sincrético” (Saviani, 2013, p. 122). A partir dessas premissas, Rodrigues conclui que a necessidade do desenvolvimento de uma pedagogia revolucionária pode ser traduzido como a ascensão dos educandos (base partidária) ao nível sintético do educador (direção partidária), cujo efeito para este é a redução da condição precária de sua síntese, uma vez que por meio da relação educativa com a base, a direção partidária a compreende de modo mais orgânico. No partido revolucionário, essa práxis educativa corresponde à formação de intelectuais orgânicos.

e) referências a obras de Lenin e relação com PHC (conforme citado)

LENIN, V. I. **¿Qué hacer?** Problemas candentes de nuestro movimiento. Buenos Aires: Anteo, 1973.

NOSELLA, P. O compromisso político como horizonte da competência técnica. **Educação & Sociedade**, São Paulo, Cortez/Cedes, n. 14, p. 91-97, maio 1983.

VÁZQUEZ, A. S. **Filosofia da práxis**. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

SAVIANI, D. **Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações**. Campinas: Autores Associados: 2013.